

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FERNANDA CÁSSIA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO DISCURSO MÉDICO E NOS
ROMANCES PARA HOMENS (1885-1923)**

CURITIBA

2012

FERNANDA CÁSSIA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NO DISCURSO MÉDICO E NOS
ROMANCES PARA HOMENS (1885-1923)**

Dissertação de mestrado apresentada ao curso de Pós-Graduação em História do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Paula Vosne
Martins

CURITIBA

2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Santos, Fernanda Cássia dos

A construção das masculinidades no discurso médico e nos romances para homens (1885-1923) / Fernanda Cássia dos Santos. – Curitiba, 2012.

150 f.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Paula Vosne Martins
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Literatura brasileira, 1885-1923. 2. Literatura erótica. 3. Masculinidade. 4. Sexualidade. 5. Educação sexual para homens. I. Título.

CDD 155.332



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Fernanda Cássia dos Santos, intitulada: **A construção das masculinidades no discurso médico e nos romances para homens (1885-1923)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, dois de março de dois mil e doze.

Profa Dra Ana Paula Vosne Martins (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Richard Miskolci (UFSCAR)
1º Examinador

Profa Dra Karina Kosicki Bellotti (UFPR)
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

À professora Ana Paula Vosne Martins, pela confiança em mim depositada e pela orientação atenta, paciente e amistosa.

À professora Miriam Adelman, do departamento de Sociologia da UFPR, pelo apoio e incentivo durante toda a realização deste trabalho.

Aos professores Karina Kosicki Bellotti e Richard Miskolci pela participação na defesa dessa dissertação e especialmente pelas considerações realizadas a respeito desse trabalho.

À minha mãe, Elir, por inúmeras vezes ter ouvido minhas leituras do texto da dissertação em voz alta e por ter me incentivado desde a infância a me dedicar aos estudos.

Aos amigos Dayane, Daniel, Fabiano, Karina, Gladisson, Tábata e Daniele pela compreensão nos meus momentos de ausência e também pelo carinho nos momentos difíceis.

À amiga Fernanda pelas longas conversas sobre questões de gênero, pelas parcerias no trabalho e pelas contribuições nos meus estudos sobre as relações entre Biologia e História.

Ao Daniel, por todo amor e companheirismo que tem me dedicado ao longo desses anos, pelas revisões realizadas no texto e por não ter me deixado uma única madrugada trabalhando sozinha.

A todos aqueles que em momentos distintos fizeram comentários a respeito dessa pesquisa, sobretudo àqueles que me dirigiram perguntas que eu não soube responder, pois foram essas as perguntas que mais me trouxeram crescimento.

Aos meus alunos, que mesmo sem saber, deram sentido a realização desse trabalho.

RESUMO

O objetivo deste trabalho de pesquisa é compreender o modo como ocorreu a construção das masculinidades no Brasil na passagem do século XIX para o XX. Para tanto, utilizou-se como fontes os chamados “romances para homens”, publicações de caráter erótico que se difundiram nesse contexto, e a tese médica *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria*, de Felipe de Sousa Miranda. As relações estabelecidas entre literatura e discurso médico levam em consideração o caráter intertextual desses discursos, que dialogam em sentidos múltiplos. Apesar do estatuto diferenciado que lhes é conferido, os dois tipos de texto, ao abordarem a questão dos limites para a vivência da sexualidade masculina, contribuíram para o forjamento de um ideal de masculinidade. Ao mesmo tempo, essas produções discorreram a respeito das mulheres, dos homens negros e homossexuais, construindo hierarquias de gênero que são investigadas na pesquisa numa abordagem atenta às intersecções existentes entre raça, classe, gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Literatura. Discurso Médico. Masculinidades. Sexualidade.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es entender cómo la construcción de la masculinidad se produjo en Brasil en el siglo XIX a finales del siglo XX. Para este fin, hemos utilizado como fuentes los llamados “romances para homens” (novelas para los hombres), publicaciones de carácter erótico que se extendieron en este contexto, y la tesis de medicina *Educação sexual do brasileiro em face do vultoso problema da grandesa da Pátria*, de Felipe de Souza Miranda. Las relaciones entre la literatura y el discurso médico tienen en cuenta el carácter intertextual de estos discursos, que dialogan en múltiples direcciones. A pesar de la condición específica que les confiere, los dos tipos de texto abordando la cuestión de los límites de la experiencia de la sexualidad masculina, contribuyeron con la forja de un ideal de masculinidad. Al mismo tiempo, estas producciones trataron sobre las mujeres, los hombres, los negros y los homosexuales, construyendo jerarquías de género que son investigadas en el enfoque de la investigación que atenta a las intersecciones entre raza, clase, género y sexualidad.

Palabras clave: Literatura. Discurso médico. Masculinidades. Sexualidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 MÉDICOS, ESCRITORES E A EMERGÊNCIA DE UM NOVO MODELO DE MASCULINIDADE	21
2.1 A MEDICINA E UM NOVO IDEAL DE MASCULINIDADE	27
2.2 O PROJETO LITERÁRIO E OS ROMANCES PARA HOMENS.....	42
2.3 O NOVO HOMEM DEFENDIDO POR MÉDICOS E ESCRITORES	53
3 O CONTRAPONTO FEMININO: SOBRE MULHERES PERIGOSAS E SEUS EFEITOS SOBRE OS HOMENS	64
3.1 A NOVA MULHER E O PERIGO REPRESENTADO PELAS PROSTITUTAS.....	69
3.2 A INTELLECTUAL.....	82
3.3 MULHERES HISTÓRICAS.....	92
4 A PLURALIDADE DAS EXPERIÊNCIAS MASCULINAS	102
4.1 NEGROS E PEDERASTAS	110
4.2 DESEJOS E INTERDIÇÕES	121
4.3 OUTRAS FORMAS DE SER HOMEM.....	130
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS	143
FONTES	143
BIBLIOGRAFIA.....	143

1 INTRODUÇÃO

Homem não grita, nem fica calado. Ele se impõe, é gentil e firme, verdadeiro e inflexível. Sua palavra torna-se lei. Torna-se regra – ou exceção. Meninos dizem tantas bobagens que homens escutam e ignoram.[...] Ser homem ou ser menino? Não sei [...] É quando a voz do homem se cala e o choro de menino explode na face e escorre até o chão, ouvindo a velha canção que falava do homem que nem por amor chorava [...].

(Vitor Cupertino, 2011)

Sempre há um momento na vida de todo menino em que é preciso que ele prove aos demais que é homem. Essa comprovação da masculinidade significa em última instância, demonstrar que o menino compartilha de um mínimo de características e de comportamentos masculinos definidos pela sociedade em que ele vive como ideais. Aproximar-se ou distanciar-se desse ideal determina a posição que o sujeito ocupará numa hierarquia masculina cujo topo não pode ser ocupado por nenhum homem real e que, no entanto, serve de referência a todos.

Essa forma idealizada de vivência da masculinidade encontra-se em transformação constante até mesmo para que sua posição dominante seja garantida. Vitor Cupertino, o autor do texto que aqui nos serviu de epígrafe, é um jovem que como tantos outros na atualidade mantém um blog na internet onde escreve para melhor compreender o mundo e a si mesmo. Na sua subjetividade ele discute o modelo de masculinidade ainda hegemônico que lhe recorda sempre que os homens não devem chorar e sim agir com firmeza. Quando ele assume não saber se é melhor ou pior ser homem de acordo com esse modelo, ele demarca a sua diferença com relação a esse ideal de masculinidade e de certa forma, contribui também para a sua mudança.

Na passagem do século XIX para o XX inúmeros jovens, assim como Vitor Cupertino, questionaram-se e sentiram a angústia de ter que se adequar a um determinado modelo de masculinidade. Nesse período, novas normas relacionadas à vivência da sexualidade foram construídas atrelando-se a uma compreensão diferente da própria nação brasileira e em face das mudanças políticas que então ocorriam (tais como a abolição da escravidão e o início da República). Os principais criadores dessas normas foram médicos, que tomaram para si a

responsabilidade de construir um corpo saudável para a nação, formado por homens fortes e viris. Por outro lado, através da criação de narrativas ficcionais inúmeros escritores da época contribuíram para a divulgação dessas idéias na sociedade, sem no entanto, deixarem de descrever a angústia daqueles que não se enquadraram ao modelo estabelecido.

A pesquisa que resultou nesta dissertação constatou que na passagem do século XIX para o XX emergiu um novo modelo de masculinidade hegemônico no Brasil. Diante das mudanças na política, na economia e na sociedade da época. Passaram a ser valorizados homens mais adaptados à vida na cidade e capazes de controlarem a si mesmos, a começar pela sua sexualidade. Num contexto em que a elite intelectual do país se preocupava com o crescimento de uma população de mestiços, um novo homem útil à nação teria que ser capaz de gerir melhor sua própria sexualidade.

Ao definir a construção das masculinidades nesse período como objeto de estudo, essa pesquisa vinculou-se ao campo de estudos de gênero e em especial às discussões a respeito das masculinidades que nos últimos anos têm chamado a atenção dos pesquisadores de diversas áreas relacionadas às ciências sociais. Os estudos sobre o mundo masculino surgiram como um desdobramento das próprias discussões em torno das relações de gênero e neste sentido é interessante observar como eles se desenvolveram.

A partir dos anos 1970 a teorização proposta pelos estudos feministas motivou inúmeras pesquisadoras a se dedicarem às investigações relacionadas à história das mulheres e de suas contribuições ocultadas até então por uma historiografia produzida por homens e que os considerava como os principais agentes da História.¹ Desde então os estudos sobre a *mulher* levaram a uma ampliação das temáticas e das metodologias no interior das ciências sociais. Muitas dessas pesquisas levaram à compreensão das origens históricas da desigualdade entre os sexos e se transformaram em matéria de posicionamento político reivindicatório com relação à necessidade de uma renovação nos papéis ocupados pelas mulheres. A justificativa para essas desigualdades foi buscada no campo social, pois “é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”² e, portanto, as

¹ Joan Wallach Scott afirma que os estudos sobre a História da Mulher se iniciaram nos Estados Unidos com muito mais êxito que na Europa antes mesmo dos anos de 1970. Para a autora já nos anos de 1920 um grupo de mulheres que ingressaram em universidades norte-americanas teriam se inserido em programas de estudos da mulher que tiveram um papel fundamental no debate sobre o futuro do ensino e suas implicações para a política feminista. SCOTT, Joan. El problema de la invisibilidad. In.: ESCANDÓN, Carmen Ramos (org). **Gênero y Historia**. México: Universidad Antónoma Metropolitana, 1992. pp. 40-41.

² LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 22.

explicações a respeito das diferenças entre homens e mulheres não poderiam se basear em questões biológicas e na natureza.

Nos anos 1980 a historiadora Joan Scott escreveu um texto emblemático no qual ela recolocava a categoria gênero enquanto útil para as análises históricas, ao mesmo tempo em que denunciava a utilização do conceito por uma série de estudos que na verdade se referiam à história das mulheres e não das relações de gênero. Na compreensão da autora, era importante considerar o gênero como uma categoria relacional das experiências femininas e masculinas. As análises de gênero também não deveriam ater-se apenas aos temas referentes ao passado, mas principalmente, na ligação entre a história do passado e o presente.³ Neste sentido, a própria História enquanto disciplina deveria servir como objeto de atenção analítica com vias à compreensão do processo por meio do qual o gênero foi produzido socialmente.⁴

Ao considerar as relações de gênero como uma forma primária de atribuir significado às relações de poder,⁵ Scott aproximou-se de Foucault, que considerava que as relações de poder estão presentes em todos os tipos de relações humanas e que cada indivíduo pode ser compreendido como um centro de sua transmissão. Para o autor, o poder atua por meio de dispositivos que englobam “discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas.”⁶ A maior parte dos pesquisadores que atualmente trabalham com o tema da construção das masculinidades considera essas colocações de Foucault para investigar as relações de poder que inscrevem masculinidades e feminilidades nos diferentes contextos.

Em *História da Sexualidade*, publicado em 1976, Foucault afirma que as sociedades ocidentais modernas teriam desenvolvido a partir do final do século XVIII um dispositivo de poder voltado para a regulação e controle do sexo. De acordo com essa concepção, a sexualidade seria portadora de componentes que extrapolam os limites biológicos, sendo constituída por uma série de discursos produtores de verdades sobre o corpo e o sexo. Essas definições de Foucault levaram a uma profusão de estudos que consideram o papel dos

³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In.: **Educação & Realidade**, 2005, v. 20, n. 2. pp. 71-99.

⁴ SCOTT, Joan. Prefácio a *Gender and Politics of History*. **Cadernos Pagu** (3), 1994. pp. 13-14.

⁵ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In.: **Educação & Realidade**, 2005, v. 20, n. 2. pp. 86-88.

⁶ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996. p. 244.

discursos a respeito da sexualidade e das relações de gênero enquanto construtores eles mesmos dessas relações. As relações de gênero e as diferenciações entre homens e mulheres, seriam, portanto, construídas pelas mais diversas sociedades no campo dos discursos que se cruzam na prática social e que geram significados diversos para os sujeitos a partir da designação que os mesmos recebem desde o nascimento e que os classificam como “homens” ou “mulheres”. Nas palavras de Maria Rita Kehl:

[...] assim, “homem” e “mulher” são os primeiros significantes que nos designam, logo que chegamos ao mundo, antes de qualquer possibilidade de escolha ou mesmo de desejo. Somos desde o início e para sempre “homens” ou “mulheres” porque a cultura assim nos designou e nossos pais assim nos acolheram a partir da mínima diferença inscrita em nossos corpos, com a qual teremos de nos haver para constituir, isto sim, o desejo, a posição a partir da qual desejamos, o objeto que haveremos de privilegiar e o discurso a partir do qual enunciaremos nossa presença no mundo.⁷

A partir da constatação de que as relações e as diferenciações entre os gêneros são constituídas através de práticas discursivas, antropólogas e sociólogas especialmente reforçaram a diferenciação entre sexo e gênero, de modo que o primeiro estaria no plano do biológico e seria, portanto, naturalmente adquirido e o segundo estaria no plano da construção cultural. Recentemente, essa divisão foi problematizada por Judith Butler, ao considerar que essa concepção recria outro determinismo, o da cultura, como um destino para o sujeito:

Em algumas explicações, a idéia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significado do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto a formulação de que a biologia é um destino.⁸

Para a autora, nesse texto fortemente relacionado com a Teoria Queer,⁹ é preciso discutir e superar o binarismo estabelecido entre as noções de masculino e feminino, uma vez

⁷ KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998. p. 11.

⁸ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 26.

⁹ A Teoria Queer surgiu nos anos de 1990 a partir de estudos sobre as minorias sexuais e de gênero que pretendiam compreender os modos como a sociedade constrói diferenças criando sujeitos tidos como normais através da constituição de sujeitos anormais. A hegemonia, neste sentido, seria construída pela caracterização do outro – considerado diferente – e sem ele, não poderia nem mesmo descrever a si mesma. Buscando compreender a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais, os pesquisadores queer têm se preocupado com o estudo da heteronormatividade (a naturalização da heterossexualidade como um ideal

que essa ordenação é compulsória e está construída a partir da heteronormatividade. Não há, para Butler, uma definição que seja capaz de abarcar a possível pluralidade de experiências de homens e mulheres em um único conceito ou identidade. A aposta da autora se faz então, a favor do reconhecimento da pluralidade dos sujeitos e de suas experiências.

Essas desconstruções e reformulações do conceito de gênero têm servido para a ampliação desse campo de estudos, de forma que os estudiosos estão cada vez mais atentos para as diversas possibilidades de relações que podem acontecer entre indivíduos definidos como homens e como mulheres. No lugar da concepção dos gêneros feminino e masculino como “pólos opostos que se relacionam dentro de uma lógica invariável de dominação-submissão”,¹⁰ têm interessado aos pesquisadores da atualidade as relações complexas que podem acontecer entre eles. Isso parte tanto da compreensão de que o pólo masculino contém o feminino e vice-versa, quanto da noção de que há inúmeras formas de masculinidade e de feminilidade que mantêm relações complexas entre si, bem como sua interseções com outras experiência identitárias, transitórias e contingentes.¹¹

Os estudos sobre as masculinidades, que surgiram durante os anos de 1980 contribuíram muito para o desenvolvimento dessas idéias, ao compreender que na ordem de gênero para além da noção de que os homens dominam mulheres, num sistema hierárquico, há também um sistema de dominação entre os homens, no qual alguns homens subjugam e exploram homens de status menor. Esses dois sistemas hierárquicos se alimentam mutuamente e são influenciados também por outros sistemas de dominação, tais como questões de classe e raça.¹²

Se dentro da ordem de gênero há mais de um tipo de configuração de masculinidade, há entre elas uma em especial, que se apresenta na sua forma “hegemônica”, aquela que corresponde a um ideal cultural de masculinidade, como afirma Connell.¹³ As outras formas

construído pela nossa sociedade) com atenção especial para o estudo dos processos normalizadores. E isso porque as diferenças são criadas pelas normas que atuam através de múltiplas intersecções – raça, gênero, sexualidade, religião, classe. A esse respeito, ver: MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. In.: 16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Campinas, 2007. v.1. p. 1-19.

¹⁰ LOURO, Guacira Lopes. Op. Cit. pp. 29-32.

¹¹ Idem.

¹² SABO, Donald. O Estudo Crítico das Masculinidades. In.: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.) **Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. pp. 40- 41.

¹³ Na época em que publicou os textos utilizados nesse trabalho, Connell ainda assinava como Robert W., mas atualmente a autora é referenciada como Raewyn W. Connell ou apenas como R. W. Connell.

de masculinidade mantêm relações de subordinação, cumplicidade ou de marginalização com o ideal hegemônico.¹⁴ Como modelo cultural idealizado, a masculinidade hegemônica não pode ser atingida a não ser por um número muito restrito de homens. Está presente, no entanto, no campo dos discursos de um grupo social, definindo o que é ser homem. Nas palavras de Benedito Medrado e Jorge Lyra:

[...] como padrão, ela [a masculinidade hegemônica] exerce um efeito controlador, através da incorporação de uma ritualização (no sentido antropológico) das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino e subordina outras variedades.¹⁵

A masculinidade hegemônica, segundo Connell, define-se como uma configuração prática de gênero que se apresenta de forma dinâmica, modificando-se permanentemente através do tempo e do espaço. Esse modelo de ser homem, no entanto, é habitualmente sustentado pelo grupo que mantém uma posição de liderança na vida social. No ocidente, para esse autor, a masculinidade hegemônica legitimou o patriarcado e garantiu a sua posição dominante.¹⁶

Connell endossa a idéia já presente na historiografia especializada em gênero de que as categorias de raça e classe são indispensáveis para a compreensão das relações entre homens, assim como entre homens e mulheres. Além disso, para a compreensão das masculinidades, ela acrescenta a necessidade dos estudos que considerem a questão da nacionalidade ou da posição ocupada por um grupo na ordem social mundial. É neste sentido que a autora afirma, em caráter de exemplo, que as masculinidades de homens brancos se constroem com relação às mulheres brancas e também com relação aos homens negros.¹⁷

As considerações a respeito do caráter não homogêneo das masculinidades aparecem como um desdobramento dos próprios estudos de gênero. Deste modo, pode-se dizer que se os estudos feministas contribuíram durante anos para elucidar questões relacionadas aos poderes e abusos por parte dos homens que historicamente subordinaram e exploraram

¹⁴ CONNELL, Robert. W. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). **Masculinidades: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, pp. 34-43.

¹⁵ MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In.: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.) **Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002. p. 64.

¹⁶ CONNELL, Robert. Op. Cit. pp. 34-43.

¹⁷ Idem.

mulheres, agora lançam um olhar sobre a pluralidade masculina. Destacam-se então as problemáticas relacionadas ao ser homem, aos conflitos e exclusões da masculinidade e aos jogos de poder presentes no âmbito do próprio mundo masculino¹⁸.

Na historiografia brasileira, no entanto, os estudos que tomam como objeto a construção social do masculino ainda são raros, o que, segundo a historiadora Maria Izilda Santos de Matos, acaba “deixando a impressão de que os homens existem em algum lugar além, constituindo-se num parâmetro extra-histórico e universalizante”.¹⁹ É neste campo de estudos que se inscreve esse trabalho, que objetiva analisar a construção das masculinidades na passagem do século XIX para o XX a partir do discurso médico higienista e dos romances para homens.

Recentemente alguns pesquisadores como Fabrício Mendes Fialho, têm criticado a utilização do conceito de masculinidade hegemônica tal como formulado por Connell, afirmando que ele seria pouco preciso e contraditório. Em seu texto *Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica*, o autor afirma que as proposições de Connell sobre a existência de um ideal culturalmente aceito de masculinidade, longe de apontar para o reconhecimento de múltiplas masculinidades, criam um novo binarismo entre aquela masculinidade tida como hegemônica e as outras, que a rigor seriam não hegemônicas. Além disso, são feitas críticas com relação ao próprio conceito de hegemonia, que da forma como foi cunhado por Gramsci indica uma constante luta pela posição de preponderância. De acordo com Fialho, nem todos os outros homens estão em busca da hegemonia e por esta razão o conceito não seria aplicável às relações de gênero.²⁰

Ao nosso ver, a força das considerações de Connell ao discorrer a respeito das masculinidades está justamente no reconhecimento das múltiplas formas de ser homem. Quando a autora se propôs a esboçar uma teorização sobre o lugar das masculinidades nas relações de gênero, ela estava em busca de chamar a atenção para as diferentes atitudes e sentimentos que podem estar envolvidos nas condutas dos homens que participam de um sistema patriarcal. E isso incluía um olhar para divisões e contradições. A distinção que Connell realiza entre masculinidades hegemônicas, subalternas, cúmplices e marginais por si

¹⁸ MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. In.: **História: Questões e Debates**. Curitiba, n.34, 2001, p. 46.

¹⁹ Idem. p. 46.

²⁰ FIALHO, Fabrício Mendes. Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica. In.: **7 Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2006. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicações/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf

só já indica a sua preocupação com a multiplicidade, mas ela também não é concebida como um padrão fechado, identificável desta mesma forma em todas as sociedades. Nas palavras da autora:

Estos dos tipos de relaciones – por un lado, hegemonía, dominación/ subordinación y complicidad, y por otro, marginación/autoridad – constituyen un marco en el cual podemos analizar masculinidades específicas. (Se trata de un marco disperso, pero la teoría social debe ser difícil). Quisiera enfatizar que términos como “masculinidad hegemónica” y “masculinidades marginadas” no designan tipos de carácter fijos sino configuraciones de la práctica generadas en situaciones particulares y en una estructura de relaciones mutable.²¹

A partir da compreensão de que as estruturas das relações de gênero se formam e se transformam com o tempo, Connell propõe que se realizem investigações concretas que possam explicar o modo como as hierarquias de gênero foram construídas em nossa sociedade de forma ampla, tanto no que diz respeito às relações entre homens e mulheres, quanto com relação às desigualdades entre os próprios homens.²² E isso significa realizar estudos sobre a construção histórica da forma de ser homem considerada ideal, mais valorizada e aceita pela nossa sociedade – a masculinidade hegemônica. E por outro lado, também significa o desenvolvimento de estudos a respeito da infinidade de “outros” construídos por esse mesmo sistema, dos mais próximos aos mais distantes do ideal cultural.

Não há binarismo, pois a proposta não se restringe ao estudo do feminino em oposição ao masculino, do heterossexual em relação ao homossexual ou do homem branco em contraste ao negro. Num sentido oposto, o interesse está em perceber como foram construídas essas diferentes masculinidades, como elas se reconhecem e quais as relações existentes entre elas. Nem mesmo os discursos a respeito do “ser homem” são homogêneos no interior das sociedades, mas múltiplos, por vezes contraditórios e, no entanto, em seu conjunto é possível perceber hierarquias, dominações e reações.

A respeito das críticas com relação à utilização por Connell do conceito de hegemonia, assumimos a posição defendida por autores como Jeff Hearn, que consideram que a noção de hegemonia se mantém pertinente para os estudos sobre as masculinidades. Sua utilidade não é dependente de sua base gramsciana, uma vez que o conceito foi reformulado pela prática

²¹ CONNELL, Robert W. La organización Social de la masculinidad. In.: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds). **Masculinidades: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997. p. 122.

²² Ibidem. pp. 123-129.

teórica a partir dos escritos de Connell.²³ Ao propor a utilização do conceito de masculinidade hegemônica a autora considera que a hegemonia é uma posição frequentemente disputada, mas não necessariamente por todos os grupos de indivíduos. Os grupos que a enfrentam politicamente (tais como o movimento feminista) não buscam a hegemonia na hierarquia existente, mas uma mudança na própria ordem de gênero que conhecemos.²⁴

No contexto que estudamos, as hierarquias de gênero foram construídas com base em discursos que buscaram em explicações biológicas a justificativa para as diferenças entre homens e mulheres, homens brancos e negros, heterossexuais e homossexuais. A opção por relacionar o discurso médico à literatura ocorreu no desenvolvimento da pesquisa, que a princípio tinha como objetivo utilizar como fontes apenas os chamados romances para homens, narrativas de caráter erótico ou pornográfico que circularam amplamente no Rio de Janeiro e em algumas das grandes cidades brasileiras no período. A leitura dessas fontes, no entanto, revelou inúmeros pontos de intersecção com o conhecimento médico que nesse período procurou normatizar condutas de homens e mulheres, em especial no que diz respeito ao sexo.

A medicina na passagem do século XIX para o XX desempenhou um importante papel na definição dos limites impostos à sexualidade masculina. Através de um discurso que colocava a preservação da saúde ao lado do projeto cívico de construção da nação, a higiene atribuiu a homens e mulheres novos papéis sociais vinculados à criação de filhos que pudessem contribuir para a edificação da pátria.

Os chamados “romances para homens” surgiram neste mesmo período, muito em função do desenvolvimento do mercado livreiro e como estratégia para atrair novos leitores. Livrarias do Rio de Janeiro a partir da década de 1870 passaram a anunciá-los em jornais como suas mais recentes aquisições capazes de entreter o público e de provocar a excitação curiosa dos leitores. Muitas vezes condenadas pelos críticos por trazerem personagens que se distanciavam de um comportamento considerado moralmente aceitável, essas obras ensinaram os segredos do sexo a inúmeros homens do período, dialogando com seus desejos e fantasias. Se considerarmos que no processo de leitura ocorrem os fenômenos de identificação e de redescoberta de si através da observação do outro, como afirma Wolfgang Iser,²⁵ podemos

²³ HEARN, Jeff. From Hegemonic Masculinity to Hegemony of Men. In.: **Feminist Theory**, 5. pp. 49-72.

²⁴ CONNELL, Robert W. Op. Cit. p. 129.

²⁵ ISER, Wolfgang. **L'acte de lecture**. Bruxelles: Mardaga, 1985. p. 94.

compreender que o próprio ato da leitura indica que foi estabelecida uma relação entre o conteúdo dos livros e as sensibilidades masculinas do período.

A leitura das fontes demonstrou que ao mesmo tempo em que “os romances para homens” desafiaram determinados valores morais das sociedades nas quais foram escritos e lidos, confirmaram outros. Um indício de que isso ocorreu é o fato de que os finais das histórias contadas, apesar de todas as aventuras vividas pelos personagens, são sempre trágicos para eles. Desta forma, parece haver uma indicação de que há limites para a vivência das fantasias eróticas e que a sua transgressão levava a fatalidades.

O conteúdo erótico das narrativas dos “romances para homens” e as transgressões realizadas pelos seus personagens suscitam a dúvida a respeito do modo como os leitores do início do século realizaram a mediação entre os interditos de sua sociedade e as peripécias descritas nas narrativas. Na impossibilidade de atingir diretamente esse público leitor que não deixou registros sobre suas leituras, optou-se por comparar o conteúdo dos “romances para homens” com o discurso moral difundido pela literatura médica do período. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa foi o de observar de que forma esses dois tipos de discursos contribuíram para a construção das masculinidades no período. Isto considerando que apesar do conteúdo erótico e por vezes com intenção de causar excitação e de corresponder às exigências do mercado livreiro, os “romances para homens” possuem um conteúdo que não se desprende completamente do discurso médico moralizante da passagem do século XIX para o XX.

A seleção dos romances para a realização da pesquisa obedeceu ao critério da disponibilidade, sobretudo. Esses livros não são facilmente encontrados em bibliotecas em decorrência de sua temática erótica e também porque foram impressos em brochuras e materiais baratos, pouco resistentes ao tempo. Por esta razão, as primeiras obras selecionadas foram aquelas que sofreram reedições recentemente, muito em decorrência de uma postura revisionista dos estudos literários com relação a sua importância não reconhecida na época em que foram escritas. É o caso de *A Carne*, escrita em 1888 por Julio Ribeiro e *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha, de 1895. Ambas as narrativas foram alvo de polêmica na época de seu lançamento e hoje são reconhecidas como importantes obras do Naturalismo brasileiro e por esta razão são inúmeras as reedições disponíveis no mercado atualmente. Os exemplares utilizados nesta pesquisa são das editoras *Escala* e *Martin Claret*, publicações de baixo custo, assim como eram as brochuras do período em que as obras foram vendidas como romances para homens.

O livro *Mademoiselle Cinema*, de Benjamim Costallat publicado pela primeira vez em 1923 e considerado o maior sucesso de vendas do período aqui estudado foi consultado numa reedição de 1999 organizada pela *Casa da Palavra*, única editora a realizar a reimpressão desse livro recentemente. O exemplar conta com prefácio de autoria da Prof^a Dr^a Beatriz Resende e com uma seleção de textos publicados em jornais na época de lançamento do romance, que foram extremamente úteis para a realização desta análise.

Já a brochura *Menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco foi mais difícil de ser encontrada. O primeiro acesso ao conto ocorreu através da internet onde se encontrou a transcrição do seu primeiro capítulo em um blog. Foi então realizada uma busca por bibliotecas, mas o título só foi encontrado na seção de livros raros da Biblioteca Nacional e aguardava uma viagem ao Rio de Janeiro para ser transcrito. Como o texto, publicado pela primeira vez em 1914 pela *Cupido e Companhia*, é considerado o primeiro conto homoerótico brasileiro, houve um grande interesse pela narrativa sobre a qual existiam apenas referências na bibliografia especializada. Ao acaso, o livro foi encontrado junto a um sebo que realizava vendas pela internet e nesta pesquisa consultou-se a edição original adquirida por um preço módico num golpe de sorte, apesar da raridade do exemplar.

O caso da aquisição de *Um homem Gasto*, publicado por Ferreira Leal sob o pseudônimo L.L. em 1885 também é curioso. A obra é muito rara, de forma que nem mesmo a bibliografia especializada traz informações aprofundadas a seu respeito. Apesar de pouco estudada, ela recebeu uma menção em um artigo publicado pelo pesquisador Carlos Eduardo Bezerra, com o qual foi realizado um contato por e-mail que resultou na aquisição da obra. Gentilmente Bezerra não apenas doou uma cópia do livro, como também do artigo *Um livro condenado*, publicado no periódico *A Nova Revista* por Adolfo Caminha. O artigo foi também muito útil para que se pudesse compor o quadro de recepção dos romances analisados nesta dissertação.

A tese médica *Educação sexual do Brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Patria* escrita em 1923 por Felipe de Sousa Miranda faz parte do acervo da Biblioteca Pública do Paraná onde foi possível realizar uma fotocópia do material que conta com uma série de prescrições médicas com relação ao exercício da sexualidade masculina. Não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse utilizado essa tese médica como fonte de análise e seu conteúdo (relacionado ao objetivo de contribuir para a formação de uma futura geração mais saudável para a construção da nação brasileira) serviu de matéria de análise para os dois primeiros capítulos dessa dissertação.

A análise dos romances utilizados como fontes desta pesquisa considera o texto literário como um acontecimento em si mesmo, não apenas como uma ilustração dos fatos do passado²⁶. Neste sentido, do ponto de vista metodológico, leva-se em conta que a leitura está intrínseca ao texto, pois lhe atribui significados e referências. Assim como afirma Roger Chartier, há inúmeras formas de se ler um texto e os significados que lhes são atribuídos pelo leitor dependem de uma série de fatores. A qualidade e o formato da edição, a maneira como o livro foi manuseado e as informações que o leitor teve do texto antes de lê-lo são elementos que influenciam no processo criativo que é a leitura – e que escapa das intenções do autor.²⁷ Neste sentido, pode-se dizer que o texto literário está tão ligado ao seu autor (que o criou), quanto aos seus leitores²⁸. Estabelece-se então, uma tríade entre autor, texto e leitor para a qual se buscou dar atenção nesta dissertação. Por esta razão, as análises das obras foram acompanhadas, sempre que possível, de dados referentes não apenas aos seus autores, mas também de excertos de textos publicados em jornais da época que indicam a sua recepção por aqueles que costumavam opinar a respeito dos livros que se tornavam conhecidos no período.

A relação entre o discurso médico e o literário, por sua vez, foi realizada a partir da compreensão de que ambos neste período pretendiam ser narrativas do real, ainda que com intenções e através de registros de caráter diferenciado. Enquanto a tese médica pretende demonstrar o domínio de uma extensa bibliografia científica e a partir disto orientar sobre a necessidade de mudanças nas práticas de educação sexual e moral dos sujeitos, os romances têm por característica entreter o leitor, contando-lhe uma história que apesar de fictícia, refere-se à realidade. O discurso médico e as narrativas analisadas nesta pesquisa compartilham um conjunto referencial comum que se observa através de citações múltiplas, demonstrando um diálogo de diferentes vozes que se confirmam em diversos sentidos. A compreensão deste fenômeno, descrito por autores como Roland Barthes sob o conceito de intertextualidade²⁹, foi central na realização deste trabalho.

²⁶ FARIA, Daniel. **Quando os poetas se despediram da felicidade: Baudelaire e Dostoiévski criticam as utopias**. In.: História Questões e Debates. Curitiba: Ed. da UFPR, ano 23, n.44, jan/jun. 2006. p. 71.

²⁷ CHARTIER, Roger. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.p. 123.

²⁸ JOUVE, Vicent. **A leitura**. São Paulo, Editora UNESP, 2002.

²⁹ Para Barthes, a intertextualidade substitui a relação entre autor e texto por uma relação entre leitor e texto, Uma vez que as obras se referenciam de forma múltipla, não é possível considerar uma obra original, pois se assim fosse, ela não seria inteligível para o leitor. Um texto obtém sentido e importância porque é parte de discursos anteriores. A esse respeito, consulte: Barthes, 1977, p. 170.

Neste sentido, o primeiro capítulo procura demonstrar através de que formas a medicina e a literatura se aproximaram na passagem do século XIX para o XX, compartilhando referenciais comuns. Procurou-se, ainda, a partir da delimitação dessa proximidade, entender como ocorreu naquele contexto a construção de um novo modelo de masculinidade hegemônico definido pela imposição de limites às vivências sexuais masculinas.

O segundo capítulo trata da questão dos perigos que determinadas mulheres oferecem aos homens. Neste sentido, busca-se compreender em que medida a feminilidade foi posta muitas vezes como um risco para a vivência de uma masculinidade sadia pelo homem, uma vez que a modernização da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX não alcançou as relações de gênero, de forma que as mulheres e sua autonomia permaneceram como ameaças para os homens.

O último capítulo, por sua vez, investiga as relações entre as diferentes formas de vivência da masculinidade existentes no período e o modelo hegemônico. Uma vez compreendido o ideal de masculinidade hegemônica elaborado naquela época nos dois primeiros capítulos, discorre-se a respeito do modo como a problemática existente entre raça, sexo e classe se faz presente na definição das masculinidades.

Compreendemos que a masculinidade hegemônica se constrói em relação àquelas formas de ser homem que ocupam uma posição subalterna com relação a ela e por esta razão analisamos a caracterização realizada nas fontes das figuras dos homens negros e homossexuais. A abordagem neste sentido é interseccional, pois assim atuaram os processos normalizadores na nossa sociedade. O intuito foi o de pensar sobre a relação entre o modelo normativo que forjou o surgimento de um modelo de masculinidade hegemônico e a pluralidade das experiências subjetivas masculinas. Desta forma, pretende-se construir um quadro a respeito das diferentes masculinidades e suas definições no contexto de mudanças e reajustamentos que caracterizaram a sociedade brasileira na passagem do século XIX para o XX.

2 MÉDICOS, ESCRITORES E A EMERGÊNCIA DE UM NOVO MODELO DE MASCULINIDADE

*A sabedoria está, mocidade
patricia, para vossa felicidade
pessoal, para o bem estar de vossos
e para o futuro da Pátria, em
saberdes galhardamente vencer a
vós próprios!*

(Felippe de Sousa Miranda, 1929)

À primeira vista, a figura de um médico pouco se assemelha à de um escritor. A carreira médica estaria relacionada à seriedade que o compromisso com a cura acarreta, com o discurso científico, com as verdades sobre o corpo humano. O médico é aquele que conhece por seus estudos e experiência quais são os melhores hábitos para preservar a vida, o que é fundamental ensinar aos filhos e o que significa viver bem, em última instância. Por outro lado, aquele que se dedica à literatura teria bem menos compromissos, sendo aparentemente livre para criar um mundo próprio.

Já houve um tempo em que literatos invejavam os médicos e vice-versa. No decorrer do século XIX, não apenas médicos e escritores, mas também historiadores e cientistas de uma forma geral se aproximaram em função do desejo de conhecer a verdade - que se acreditava ser única e acessível a quem se dedicasse a alcançá-la. O acesso ao real, entretanto, não era simples, sendo fruto do conhecimento especializado de pesquisadores com olhares treinados, voltados para os detalhes. Apenas o exame comprometido e racional da natureza, dos corpos, dos indícios tornaria o cientista capaz de descobrir a verdade. De origem européia, logo esse movimento espalhou-se por diversas regiões do mundo, servindo de modelo para os brasileiros. Passou-se a acreditar que o exercício da razão era um procedimento pautado pela neutralidade e que o próprio cientista desapareceria de seu discurso quando esse se fizesse no intento de revelar o real. Essa ambição foi compartilhada no século XIX por historiadores que pretendiam se tornar cientistas, por médicos e anatomistas desejosos de desvendar os mistérios dos corpos e por literatos convencidos de que poderiam dissecar a natureza humana em seus escritos.

Como afirma Nancy Stepan em seu livro *A Hora da Eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*, o discurso científico cresce a partir da vida social dos indivíduos e grupos

nos quais eles estão inseridos, assim como a ficção. Médicos, cientistas, historiadores, antropólogos, escritores, apesar de suas técnicas e práticas discursivas diferenciadas, fazem parte da sociedade em que vivem e participam nos valores e na política de seus tempos.³⁰ No período do qual tratamos nessa pesquisa – a passagem do século XIX para o XX – esses personagens vão enfrentar os problemas de seu tempo diante de grandes transformações: a modernização, a urbanização, o medo da decadência e da degeneração, as mudanças nos papéis sociais de homens e mulheres, de brancos e negros. Deste enfrentamento surgiram teorias sociais apoiadas, sobretudo, no determinismo biológico e difundidas tanto pela literatura ficcional quanto pela medicina, numa tentativa de aplacar as ansiedades e equacionar as mudanças dessa passagem de séculos.

Especialmente no final do século XIX o crescimento das cidades industriais na Europa fez com que os dados referentes ao suposto aumento da prostituição, da criminalidade e dos suicídios despertassem temores com relação aos problemas sociais decorrentes da modernização. Na visão de inúmeros pensadores e cientistas os avanços econômicos trabalhavam contra o progresso humano, como se os homens enquanto espécie não fossem capazes de acompanhar o desenvolvimento da sociedade industrial moderna. Os avanços econômicos e científicos já não eram suficientes para proporcionar o crescimento de uma sociedade segura e estável, de forma que médicos, biólogos, antropólogos, psicólogos e cientistas de uma forma geral passaram a concordar que a civilização moderna enfraquecia desvelando a primitividade humana.³¹

As idéias referentes à decadência da civilização ocidental levaram ao surgimento de um discurso científico amparado num vocabulário naturalista sobre a degeneração humana. A sociedade como um todo passou a ser vista como um organismo, um corpo vivo que se tornava debilitado e que precisava ser salvo antes que fosse tarde. Em algumas teorias, os inválidos da civilização eram os integrantes das classes sociais mais baixas, os que tinham mentes mais fracas, os impotentes, os loucos, os alcoólatras, os criminosos. Em outras, a própria aristocracia estaria contaminada pelos seus atos imorais e sua ociosidade. Nas duas

³⁰ STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia:** raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 213.

³¹ HERMAN, Arthur. **A idéia de decadência na História Ocidental.** Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2001. pp. 120-141.

visões, no entanto, a degeneração era compreendida como transmitida hereditariamente e evitar o seu avanço somente seria possível pelo controle reprodutivo dos indesejados sociais.³²

O conhecimento sobre as teorias da hereditariedade levaram ao desenvolvimento da eugenia, a partir de 1883, por Francis Galton (primo e seguidor de Charles Darwin).³³ Apontada como solução para a degeneração, a eugenia propôs alterações no potencial biológico da humanidade para que ela pudesse viver e prosperar na sociedade moderna. Difundido no mundo todo, logo o pensamento eugenista foi adotado pelas autoridades que passaram a “identificar tipos humanos ‘superiores’ e ‘inferiores’, selecionar e promover a união de espécimes adequados para a reprodução, esterilizar ou destruir os fracos e inválidos e controlar aqueles que, por razões morais ou religiosas, se recusassem a colaborar”.³⁴

No Brasil as idéias a respeito da degeneração e o discurso eugenista chegaram por meio de estudantes que viajavam à Europa em busca de qualificação profissional. Antes disso, com o desenvolvimento da medicina higiênica no país, teorias médicas difundidas na Europa, sobretudo na França, foram adaptadas para analisar problemas sociais e propor reformas. No final do Império a retórica da degeneração foi vinculada à crítica social até se tornar a ideologia oficial da República oligárquica conservadora (1889-1930). Essa mesma ideologia serviu, no entanto, como base para as críticas à corrupção moral da política republicana e para os nacionalismos de esquerda e de direita após a tomada do poder por Vargas. Diversas propostas de mudanças aplicadas por governos brasileiros tiveram como ponto de partida o medo da degeneração: a imigração branca, as reformas urbanas, a vacinação contra a varíola, as tentativas de regularização da prostituição. A intenção clara era a de “restaurar a energia e a saúde do corpo da nação”.³⁵

O discurso científico impactou na política das sociedades modernas porque se apresentava como uma forma de conhecimento neutra, objetiva e absolutamente confiável. Como afirma Nancy Stepan,

³² Ibidem. pp. 131-137.

³³ STEPAN, Nancy Leys. Op. Cit. p. 9.

³⁴ HERMAN, Arthur. Op. Cit. p. 150.

³⁵ BORGES, Dain. Inchado, feio, preguiçoso e inerte: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. In.: **Teoria e Pesquisa**. Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós Graduação em Ciências Sociais, 2005. pp. 48 – 63.

(...) as conclusões ou políticas sociais baseadas na ciência freqüentemente adquirem uma legitimidade especial, precisamente pela afirmativa de que seriam extensões naturais da própria ciência, derivadas do conhecimento de uma forma lógica tal que outras idéias sociais não chegariam jamais a alcançar. Ao investigar a vida social e propor políticas sociais em nome da ciência da hereditariedade, os eugenistas apelaram implicitamente para este tipo de autoridade cognitiva.³⁶

No Brasil as idéias sobre a degeneração e as soluções eugenistas, assim como as propostas da medicina higiênica estiveram presentes na literatura, em especial na de caráter naturalista, a princípio mais do que na escrita médico-científica. A própria fragilidade na formação dos médicos no Brasil fez com que a retórica e a literatura estivessem presentes na educação desses homens que freqüentemente aventuravam-se tanto na medicina quanto no mundo das letras. Assim como as obras naturalistas emprestavam termos médicos para a construção de suas narrativas, os tratados de medicina muitas vezes eram carregados de imagens literárias.³⁷ O fato das idéias científicas serem difundidas pelo discurso literário não retirava o seu caráter legítimo, pois o naturalismo buscava aproximar-se ao máximo do real e justamente por esta razão recorria às idéias médicas como matéria para a criação de seus personagens.

O ponto de partida para esta pesquisa foi a constatação de que não apenas a literatura mais comprometida com as escolas literárias refletiu sobre essas questões. Também determinados romances denominados como “leituras para homens” compartilharam um conjunto referencial comum ao discurso médico higienista. Sendo algumas obras de caráter erótico mais explícito e outras tentativas de escrever textos naturalistas, todas terminavam com lições morais apoiadas nas idéias médicas. Para falar sobre sexo, tanto autores interessados em participar do cânone literário, quanto aqueles apenas preocupados em vender livros atrativos para o público, recorriam ao conhecimento especializado. A normatização das condutas sexuais defendida pelo discurso médico higienista os transformou nos principais detentores das verdades sobre os corpos e disto decorre o caráter referencial do saber desenvolvido por eles.

Profundamente relacionados os discursos científico, literário e político produzidos no Brasil da virada do século XIX para o XX apontaram para a necessidade de mudanças a partir da polarização entre saúde e doença, normalidade e anormalidade, progresso e atraso. Com base num mesmo regime de verdade que considerava o controle do sexo para fins

³⁶ STEPAN, Nancy Leys. Op. Cit. p. 75.

³⁷ BORGES, Dain. Op. Cit. p. 49.

reprodutivos e a adoção de valores morais burgueses na construção de um novo modelo familiar, constituiu-se o que Richard Miskolci definiu, a partir das idéias de Michel Foucault, como a emergência de um dispositivo de sexualidade brasileiro. Neste sentido, o controle da sexualidade no Brasil foi associado à necessidade de construir uma nação próspera, higienizada e capaz de solucionar as questões referentes à miscigenação, vista de forma negativa pelas teorias da degeneração.³⁸

A noção de controle da sexualidade envolveu a criação de novos modelos de masculinidade e de feminilidade em face da necessidade de regular comportamentos para que se tornasse possível a construção de uma nação forte. O gênero tornou-se uma peça central desses discursos, pois este defendia que era pela reprodução sexual que ocorria a modificação e a transmissão dos caracteres hereditários das gerações futuras. Pelas uniões sexuais também as fronteiras entre as raças podiam ser mantidas ou transgredidas, o que se transformou num tema central para os eugenistas brasileiros que precisavam lidar com a questão da miscigenação nos moldes de uma ciência racista e européia.

A transição entre o Império e a República na passagem do século XIX para o XX no Brasil levou a um gradual afastamento do modelo de masculinidade hegemônico relacionado à violência característica da ordem patriarcal. Essa mudança foi acompanhada por um relativo aumento da presença feminina na esfera pública e por uma crise nos papéis masculinos tradicionais³⁹. Desta forma, o discurso decadentista relacionou-se muitas vezes com o medo da perda da virilidade, do fim das diferenças entre brancos e negros, do aumento de influência das mulheres na ordem social. A construção da pátria logo foi associada, no discurso médico e na literatura, à potência e ao vigor sexual masculino, necessários para a reprodução dos mais aptos, constituindo-se assim, um novo modelo de masculinidade hegemônico no período.

Este capítulo procura demonstrar como no Brasil da passagem do século XIX para o XX, médicos e escritores difundiram idéias que contribuíram para a construção de um novo modelo de masculinidade hegemônico, marcando um distanciamento do modelo patriarcal. Na primeira parte, discorre-se a respeito do desenvolvimento da medicina no Brasil e do modo como paulatinamente o discurso higienista é assumido pelo poder político ao desenhar

³⁸ MISKOLCI, Richard. O corte da Sexualidade: a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil. In.: 26 Reunião Brasileira de Antropologia: Desigualdade e Diversidade, 2008. **Anais Online da 26 Reunião Brasileira de Antropologia**. Brasília: ABA, 2008. v.1. pp. 3-4.

³⁹ Elaine Showalter discorre a respeito dessa crise da masculinidade e a forma como ela ocorre em outros países também nesse período. Para maiores informações, consultar: SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle**. Tradução: BARCELLOS, Waldéa. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. pp. 13-35.

um novo modelo de masculinidade hegemônico. Em seguida, na segunda parte do capítulo, volta-se o olhar para a literatura, demonstrando como literatos estiveram presentes no projeto de construção de uma nação brasileira; o crescimento do mercado editorial brasileiro nesse contexto; e a forma como uma literatura de caráter popular e marginalizado – os romances para homens – ganhou espaço nesse mercado, dialogando com referenciais médicos e literários do período e ao mesmo tempo gerando polêmicas para atingir um número maior de vendas. Na terceira e última parte, realiza-se uma leitura comparada de duas fontes de natureza distinta: um romance e uma tese médica.

O romance em questão intitula-se *Um Homem Gasto: Episódio da história social do XIX século* e foi publicado por Ferreira Leal em 1885 como uma leitura indicada “só para homens”, apesar de seu autor afirmar que se tratava de uma obra de inspiração naturalista. Já a tese médica *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Patria*, foi escrita por Felipe de Sousa Miranda em 1923 e publicada em 1929. Apesar de terem sido publicados em momentos relativamente distantes é possível perceber nos dois textos desdobramentos da discussão sobre a degeneração e a proposta higienista no Brasil, ao mesmo tempo em que são tratadas questões referentes à sexualidade masculina e à definição do significado de “ser homem” no período. A partir da comparação entre os discursos desses textos pretende-se demonstrar o quanto literatura e medicina (como forma de solução dos conflitos pelos quais passava a sociedade desse período) se relacionaram na construção de um novo padrão de masculinidade hegemônico.

Para demonstrar essa proximidade entre os discursos médico e literário na construção de um novo modelo de masculinidade no período analisamos algumas obras literárias que são fontes desta pesquisa. Contudo, neste capítulo a escolha pelo livro de Ferreira Leal se deve ao fato de que o seu discurso se aproxima de forma ímpar do discurso de Felipe de Sousa Miranda. Nossa análise leva em consideração a formação discursiva comum às duas formas narrativas, demonstrando as semelhanças entre a tese e o romance na defesa de uma nova forma de masculinidade.

2.1 A MEDICINA E UM NOVO IDEAL DE MASCULINIDADE

Na passagem do século XIX para o XX ocorreram grandes mudanças na sociedade brasileira. Nas principais cidades do país, especialmente no Rio de Janeiro, o tempo parecia se acelerar. E ao mesmo tempo, nas fazendas, nas vilas e no interior, a passagem do tempo era quase despercebida. Assim como demonstra Margarida de Souza Neves em seu texto *Os Cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o XX*, a República Velha foi marcada pelo paradoxo das mudanças que ocorreram de forma muito intensa na capital federal, mas que esbarraram em inúmeras permanências do período anterior, principalmente nas localidades mais afastadas dos centros urbanos.⁴⁰

Ainda que a escravidão fosse considerada um obstáculo para o progresso material defendido de forma contraditória pelo Império Brasileiro, desde a década de 1860 começaram a chegar ao Brasil algumas descobertas tidas como exemplares da modernidade, como a fotografia, o telefone, o telégrafo e o fonógrafo. Há um desenvolvimento já neste período das estradas de ferro e o trabalho livre passava a ser utilizado em algumas fazendas do oeste paulista, onde os proprietários pretendiam se transformar em “empresários modernos”.⁴¹

Fruto do movimento republicano brasileiro (que se torna oficial a partir de 1870)⁴² a proclamação da República foi vista como o marco da entrada do país no progresso e na civilização. Nas palavras de Ângela Marques da Costa e Lilia Moritz Schwarcz:

O suposto é que a República representava a modernidade que se instalava no país, tirando-o da “letargia da monarquia” ou da “barbárie da escravidão”. Uma verdadeira batalha simbólica é então travada, quando nomes, hinos, bandeiras, heróis e modelos são substituídos (ou alterados em seus significados), com o intuito de marcar a diferença.⁴³

⁴⁰ NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. (orgs.). **O Brasil Republicano 3: O Tempo do Liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 15-16.

⁴¹ Ibidem. p. 25.

⁴² Data da publicação do primeiro número do jornal “A República” e do “Manifesto Republicano”.

⁴³ COSTA, Ângela Maria Marques. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890-1914: No tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 27.

A capital federal se converteu num dos principais símbolos desse processo, transformando-se num cartão-postal revestido com ares modernos em “suas fachadas *art nouveau*, feitas de mármore e cristal, seus [...] lampiões a luz elétrica, lojas de produtos importados e transeuntes à francesa”.⁴⁴ Essas transformações causadas pelo crescimento do mundo urbano induziram a novos “padrões de comportamento social”.⁴⁵ O advento da República colocou em pauta a necessidade de transformar hábitos e costumes tradicionais, muito com o intuito de superar a perspectiva de atraso com relação às sociedades européias. Os valores da sociedade tradicional patriarcal sofriam sensíveis mudanças na medida em que se buscava modernizar o Brasil e com isso se construía também um novo modelo de masculinidade.

A aparência de progresso e civilização transmitida pela cidade do Rio de Janeiro modernizada e higienizada não significou a supressão da violência e dos mandonismos locais no interior do Brasil. A própria República Velha aos poucos encontrou formas de realizar uma mediação entre o novo e o velho na organização política brasileira. Neste sentido, ao mesmo tempo em que a capital federal se transformava para os estrangeiros que ali passavam e para o país como um todo em símbolo da modernização (que em breve alcançaria os demais estados brasileiros), ela se tornava despolitizada. Despolitização esta que se torna a condição da manutenção de uma República que tem suas bases no coronelismo e nos currais eleitorais daqueles lugares afastados onde a nova ordem política pouco alterou as formas de vivência.⁴⁶

Da mesma forma que na esfera política foi preciso encontrar um ordenamento capaz de dissolver os paradoxos do regime republicano recém inaugurado, as questões de gênero também sofreram alterações que se expressaram numa crise da masculinidade e ao mesmo tempo na emergência de novos modelos de como ser homem e mulher. Esse sentimento de crise é pensado por Durval Muniz Albuquerque Júnior ao discorrer a respeito das mudanças sociais ocorridas após a abolição da escravatura e o surgimento da República como uma “feminização dos costumes”. Os acontecimentos políticos dessa passagem do século teriam sido percebidos pelos homens da elite brasileira do período como ameaças à ordem social pré-estabelecida, à autoridade e à hierarquia social. Neste sentido, a supressão das fronteiras entre

⁴⁴ Ibidem. p. 28.

⁴⁵ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer**: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 25.

⁴⁶ NEVES, Margarida de Souza. Op. Cit. pp. 34 -41.

raças (conseqüência da Abolição) e o acesso à política por outras parcelas da sociedade até então excluídas foram lidas como um alastramento do feminino pela sociedade.

A partir de estudos realizados sobre escritos de Gilberto Freyre, Durval Muniz de Albuquerque Júnior descreve o período que se localiza entre a década de 1870 e os trinta primeiros anos do século XX como uma transição entre uma sociedade patriarcal e uma sociedade com características burguesas. Neste período, segundo o autor, foi preciso incluir na sociedade brasileira uma classe média formada por comerciantes, industriais, homens completamente diferentes daqueles antigos patriarcas brasileiros, cujo status estava ainda relacionado a uma sociedade predominantemente agrária e escravista. Esta tarefa, no entanto, precisava ser cumprida de forma que não causasse abalos na ordem estabelecida e, portanto, sem que houvesse inversão nas hierarquias sociais e de gênero. Para os homens da elite patriarcal que viveram essas mudanças a modernidade significava uma ameaça à hierarquia de raça, de classe e de gênero:⁴⁷

Num momento em que a República nivelara a todos como cidadãos; que a Abolição tornara todos, independentemente da cor, homens livres; em que as mudanças econômicas trazidas pelo desenvolvimento da indústria e do comércio nivelaram os moradores da cidade com os do campo e ameaçava inverter as hierarquias de poder econômico e político, dominadas até então pelos grupos ligados ao setor agrário; em que idéias e movimentos, como o anarquista e o comunista, falavam do nivelamento de classes, o nivelamento dos sexos aparecia como uma resultante e uma espécie de metáfora de todo o processo em curso. Atingindo a instituição que era a célula da ordem social, ameaçando inverter a hierarquia, vista como natural em seu interior, toda a sociedade parecia estar saindo do controle dos homens.⁴⁸

A valorização crescente daquilo que era novo, moderno, cidadão, fez com que os jovens rapazes filhos da aristocracia rural, que muitas vezes vinham para as capitais em busca de formação acadêmica, se tornassem bacharéis ao mesmo tempo em que tomavam cada vez mais contato com idéias novas, afastando-se do ideário político e dos valores relacionados ao Império.⁴⁹ O modelo de homem brasileiro foi, assim, se transformando, num mundo em que cada vez mais se tornava necessário parecer civilizado, vestindo-se de acordo com a moda européia e adquirindo hábitos de autocontrole físico e moral. Tudo isto se opõe à idéia de

⁴⁷ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: Uma Invenção do Falo – Uma História do gênero Masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003. p.p. 33-39.

⁴⁸ Ibidem. p. 44.

⁴⁹ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Ibidem. pp. 52-53.

homem macho das gerações anteriores: que se afirma pela violência, pelo poder de mando e pela própria indisciplina.⁵⁰

A medicina do período teve um papel fundamental na construção desse novo modelo de masculinidade através da adoção de práticas higienistas. Mais do que tratar de assuntos relacionados à saúde, os procedimentos médicos visavam modificar as feições sociais das famílias para adaptá-las à vida urbana, constituindo-se numa normatização do cotidiano que propunha uma nova educação física, moral, intelectual e sexual.⁵¹ Neste sentido, a moral predominante na sociedade brasileira da época passou a ser orientada pela medicina e não apenas pelos valores cristãos. Nas palavras de Albuquerque Júnior:

A predominância progressiva das formas de sociabilidade urbanas sobre as rurais, processo que vinha ocorrendo desde pelo menos a segunda metade do século XIX, vai substituindo progressivamente entre as elites, e especialmente, entre os homens, formas rústicas e pouco civilizadas de falar. O discurso médico-higienista vai conseguindo seus progressos no sentido de um maior apuro na higiene pessoal, no asseio e na limpeza dos ambientes, das casas e até das ruas.⁵²

Até a transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 não havia instituições médicas no país e os médicos eram raros. As primeiras escolas de medicina foram fundadas por aqui durante o século XIX e antes disso poucos médicos vieram com o intuito de praticar sua profissão. A cura era então promovida por boticários, curandeiros ou ervanários que cumpriam um papel na verdade não muito diferente daquele que o próprio médico poderia exercer. Isso porque os conhecimentos científicos sobre a causa da maior parte das doenças graves da época (como a disenteria, a tuberculose ou o sarampo) eram também escassos e a figura do médico não tinha uma importância destacada.⁵³

Em 1832 foram criadas duas escolas de medicina no Brasil, uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro e a partir de então começou a ocorrer uma organização e regulamentação da profissão no Brasil. Com o passar do tempo a medicina se tornou a primeira tradição de pesquisa científica estabelecida no país. Os médicos (ainda que poucos durante o século XIX)

⁵⁰ BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens:** Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro. In.: Revista Historiar, Julho de 2009. Disponível em: www.revistahistoriar.com. pp. 13-14.

⁵¹ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. Op. Cit. p. 45.

⁵² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Op. Cit. pp. 44-45.

⁵³ STEPAN, Nancy. **Gênese e Evolução da ciência brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976. pp. 53-56.

passaram a gozar de um status social diferenciado e com o avanço da higiene se converteram nos principais produtores de um discurso sobre o desenvolvimento da nação. Através da aplicação dos conhecimentos biomédicos o Brasil poderia, na visão de médicos e políticos, passar a fazer parte de um mundo civilizado e moderno.⁵⁴

O controle de febres, epidemias, focos de infecção e contágio do ar e da água foram sempre fantasmas para a administração pública brasileira. A necessidade de salubridade esteve na origem de um acordo entre medicina e Estado, de forma que este aceitou medicalizar suas ações reconhecendo o valor político das ações médicas. O primeiro lugar de influência da medicina foi a família – obstáculo histórico da consolidação do Estado brasileiro. Neste sentido, a higiene das famílias progrediu, ao longo do século XIX, numa relação direta com o desenvolvimento urbano.⁵⁵

A necessidade de diferenciação dos demais fez com que as classes dominantes adotassem práticas de autocontrole, normas de etiqueta e as próprias orientações médicas na medida em que ocorria um deslocamento do poder do campo para a cidade, pois nela que se encontravam os novos sujeitos sociais, comerciantes, literatos, artistas, advogados, burocratas e os valores tradicionais, como a posse de terras e de escravos, brancura da pele e catolicismo na alma já não eram mais suficientes para a manutenção da hegemonia. O poder passou a ser medido também pela aparência física, pelas boas maneiras, pelo requinte na educação, pela sofisticação do gosto.⁵⁶

Em *A vontade de Saber*, primeiro volume do seu *A História da Sexualidade*, Michel Foucault discorre a respeito da formação de um dispositivo de sexualidade calcado num desejo de verdade sobre as coisas do sexo e ao mesmo tempo de técnicas médicas que passaram a ver o sexo como algo perigoso, precioso e possivelmente patológico. A burguesia teria sido a principal agente deste processo, tendo a partir do século XVIII, se empenhado em criar uma sexualidade para si mesma, constituindo através dela um corpo próprio, um corpo dotado de classe. Os cuidados com a saúde do corpo, com a higiene e com o sexo coincidiram neste momento com a diferenciação de uma camada social que precisaria ser cuidada, protegida, cultivada, para que sua descendência fosse saudável e assim exercesse o domínio sobre os demais. A sexualidade burguesa tornar-se-á cada vez mais vigiada e controlada e “a

⁵⁴ Ibidem. pp. 56-65.

⁵⁵ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004. pp. 28-35.

⁵⁶ Ibidem. pp. 106-107.

diferenciação social não se afirmará pela qualidade sexual do corpo, mas pela intensidade de sua repressão”.⁵⁷

No Brasil os valores de progresso e modernização que acompanharam a urbanização trouxeram consigo as idéias de higienização e de controle da sexualidade das classes mais abastadas como um fator distintivo. De acordo com Jurandir Freire Costa, os médicos converteram-se no contexto da urbanização em grandes difusores de normas de caráter moral que deveriam ser seguidas pelas famílias, em consonância com um projeto de manutenção e reprodução da ordem social burguesa.⁵⁸ Através da elaboração e da disseminação de um discurso sanitarista, a higiene atrelou a vida privada dos indivíduos ao destino político das classes mais favorecidas. Nas palavras do autor:

Por um lado, o corpo, o sexo e os sentimentos conjugais, parentais e filiais passaram a ser programadamente usados como instrumentos de dominação política e sinais de diferenciação social daquela classe [a burguesia]. Por outro lado, a ética que ordena o convívio social burguês modelou o convívio familiar, reproduzindo, no interior das casas, os conflitos e antagonismos de classe existentes na sociedade. As relações intrafamiliares se tornaram uma réplica das relações entre classes sociais.⁵⁹

Neste sentido, o discurso médico higienista produziu um determinado tipo de educação moral apoiada na idéia de preservação da saúde para que fosse possível colaborar para a construção da nação brasileira (no início do século XIX) e mais tarde, com o advento da República, para a edificação da pátria. Em conformidade com esse projeto cívico, homens e mulheres foram convertidos pela higiene em progenitores e guardiões de uma prole saudável e para tanto o exercício da sexualidade dentro do casamento também passou a ser alvo de tutela médica.⁶⁰

O processo de disciplinarização da sexualidade das classes dominantes não excluía a discussão sobre medidas de controle da reprodução das classes populares. Neste sentido, o discurso eugenista definiu os pobres como aqueles que estariam mais propensos ao descontrole e que, portanto, necessitariam de especial atenção. Os pobres seriam perigosos porque em função do exercício irresponsável que faziam de sua sexualidade se transformavam em vetores de doenças sexualmente transmissíveis – com as quais também disseminavam a

⁵⁷ FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. pp. 113-120.

⁵⁸ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 74.

⁵⁹ Ibidem. p. 13.

⁶⁰ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. pp. 14-15.

degeneração e a degradação moral.⁶¹ Dessa forma, o discurso médico das primeiras décadas do século XX tornava naturais, do ponto de vista físico e biológico, as desigualdades sociais e ainda justificava a construção de uma República que apesar do argumento da igualdade, construía-se preservando determinadas desigualdades.

O argumento da necessidade de construir um espaço salubre, capaz de controlar as epidemias que se mostravam como empecilhos para o progresso, serviu para que médicos apoiados pelo Estado colocassem em prática ações de caráter coercitivo sobre as classes populares.⁶² Produziu-se, assim, um verdadeiro esquadramento dos espaços urbanos e de seus ocupantes a partir da crença de que populações saudáveis eram essenciais para a aquisição da riqueza material e para o desenvolvimento do país.⁶³ É neste sentido que a eugenia, enquanto ciência do aprimoramento humano (e racial) passa a ter importância e destaque cada vez maior no discurso médico e político do período, ampliando a intervenção higienista:

A eugenia vinha assim qualificar a higiene como impositora de normas para regular a vida social das populações urbanas [...] Isso porque a eugenia se utilizaria de todos os dispositivos já experimentados pela higiene, desde a ordenação do meio ambiente até os padrões de habitação das diferentes classes sociais, atingindo o que ainda restaria a disciplinar: a espécie.⁶⁴

No Brasil, assim como nos demais países da América Latina, houve uma aproximação da medicina higiênica com a eugenia. De início isso ocorreu porque muitos higienistas brasileiros interpretaram a eugenia como mais um ramo da já tradicional higiene.⁶⁵ No contexto europeu, de forma distinta, a ação de médicos no cuidado dos doentes e as medidas de bem estar social passaram a ser vistas pelos divulgadores do discurso eugênico como interferências na seleção natural. Uma vez que a sobrevivência dos mais fortes levaria à eliminação dos considerados inaptos, muitos eugenistas passaram a considerar a eugenia como uma alternativa à medicina tradicional. Além disso, acreditava-se que os pobres

⁶¹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A Medicalização da Raça: médicos, educadores e o discurso eugênico.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994. pp. 37-38.

⁶² Ibidem. p. 28.

⁶³ STEPAN, Nancy Leys (2005). Op. Cit. p. 51.

⁶⁴ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Op. Cit. p. 27.

⁶⁵ STEPAN, Nancy Leys (2005). Op. Cit. p. 97.

degenerados se reproduziam mais rapidamente que os adequados da classe média e, portanto, as medidas médico-sociais levariam à formação de uma população cada vez mais disgênica.⁶⁶

Num sentido diferente, no Brasil, até a década de 1920 foi presente a idéia de que a erradicação dos chamados venenos raciais (o álcool, a nicotina, as doenças venéreas, as drogas e as infecções) poderia aprimorar a hereditariedade. O ramo da eugenia que ficou conhecido como responsável pelo investimento na eliminação desses venenos foi a “eugenia preventiva”. Sua principal característica era o reconhecimento da influência do meio ambiente na manutenção da saúde das gerações futuras, o que estava em consonância com as práticas da medicina higiênica. Por esta razão houve um investimento significativo em reformas no meio urbano através de melhorias sanitárias no país nos primeiros anos do século XX.⁶⁷ Neste mesmo sentido, na tese de Felipe de Sousa Miranda, que serviu de fonte a esse trabalho de pesquisa, os termos “eugenia” e “higiene” são utilizados de forma indiferenciada, como se não houvesse contradições entre eles.

A aplicação de idéias eugenistas extremas como a esterilização dos considerados degenerados nunca foi consenso entre os médicos brasileiros porque dentro da lógica do pensamento eugenista o Estado brasileiro foi constituído como um aglomerado racial heterogêneo. Essa característica na opinião de muitos teóricos de renome internacional, teria transformado o país num exemplo privilegiado de degeneração. “Henry Thomas Buckle, Benjamin Kidd, Georges Vacher de Lapouge, Gustave Le Bon, Gobineu e vários darwinistas sociais citavam suas teorias de inferioridade dos negros, de degeneração dos mulatos e de decadência tropical”⁶⁸. A mestiçagem passou a ser encarada por inúmeros pensadores brasileiros como um problema que apesar das divergências, parecia ter apenas no branqueamento a solução para o desenvolvimento da nação brasileira.⁶⁹ Neste sentido surgiram, por exemplo, teorias que defendiam que o branqueamento ocorreria naturalmente com o passar dos anos no Brasil, por um processo de seleção natural e que por essa razão, não se fariam necessárias práticas mais radicais como a de esterilização dos considerados degenerados.

A maior preocupação do discurso eugenista no Brasil foi, portanto, administrar a diversidade, viabilizando o controle social sobre os excluídos. Construir-se-ia assim, um povo

⁶⁶ Ibidem. pp. 93-94.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Ibidem. p. 53.

⁶⁹ Ibidem. p. 96.

brasileiro melhorado no sentido étnico e biológico, cidadãos equipados para a construção da Nação. A realização desse processo seria através do controle efetivo da sexualidade, objetivo tanto da eugenia positiva (que pretendia o melhoramento racial a partir do incentivo à reprodução dos considerados mais aptos) quanto da negativa (que pretendia impedir a reprodução daqueles considerados degenerados).

O sexo configurou-se nesses discursos como o capital patológico da espécie, pois o descontrole do próprio corpo levava à proliferação de doenças que corroíam gerações. Desse modo, objetivou-se, através da proposta de campanhas intervencionistas, medicalizar casamentos, nascimentos e as vidas daqueles que seriam indispensáveis para a construção do futuro da nação. Tratava-se, em última instância, de regular a sexualidade para desenvolver os tipos que eram considerados mais aptos para a construção da nação e ao mesmo tempo impedir a proliferação dos menos aptos. Disto decorriam os discursos que apontavam para a responsabilidade no exercício das práticas sexuais. O sexo produtivo, neste sentido, era aquele que permitia garantir o povoamento e ao mesmo tempo o branqueamento, gerando indivíduos que aplicassem a sua força de trabalho de forma útil. Já o sexo improdutivo deveria ser vigiado e evitado.⁷⁰

A tese *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Patria*, escrita por Felipe de Sousa Miranda para a obtenção do título de Doutor em Medicina pela Universidade do Paraná em 1923 se insere nesta tradição higienista de controle e disciplina dos corpos e do cotidiano ao demonstrar preocupação com as práticas sexuais masculinas. Ao mesmo tempo em que discute questões relacionadas às limitações que devem ser impostas aos prazeres para que a saúde do homem seja preservada, desenha-se o perfil de um modelo de homem que precisa ser saudável e útil para contribuir para com o projeto republicano.

A tese constitui-se basicamente em um alerta aos pais de meninos e jovens para que conversem sobre sexualidade com seus filhos e os advertam sobre os males da masturbação, do sexo com prostitutas, de uma vida sexual desregrada (mesmo dentro do casamento) com o objetivo de contribuir para a formação de uma futura geração mais saudável. Jovens que se tornassem homens saudáveis e que soubessem usar do autocontrole sexual poderiam, assim, cooperar com a construção de um país melhor. Neste sentido, a preservação da moral sexual relacionava-se com um modelo de masculinidade em que o homem é também aquele que

⁷⁰ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Op. Cit., pp. 65- 75.

cumpra com o seu dever para com a ordem e o progresso da nação, como se observa na seguinte passagem:

Acautelemo-nos, pois, de um dos maiores inimigos da espécie humana – do gnococo de Neisserm – e o façamos com a consciencia tranqüila de estarmos nos protegendo individualmente, ao mesmo tempo que estamos nos habilitando, para sermos uteis á família e assim também ao nosso querido Brasil, á essa imensa Patria, que tanto idolatramos!⁷¹

O “problema da grandesa da Pátria” aparece ao longo do texto como a questão da existência de um país de grande território pelo qual ainda havia muito a se fazer para que ele pudesse ser equiparado às nações mais desenvolvidas. Além de médico, Miranda foi militar, o que também explica os seus ideais de formação de uma juventude forte que pudesse estar empenhada na construção da grande nação brasileira. Um corpo saudável significaria, para o autor, a possibilidade da conquista de um lugar de destaque para o país no cenário internacional:

[...] E sabeis o que a Pátria estremece de desejo de cada um de vós? [...] A Pátria não se limita a aspirar a vossa simples colaboração pessoal, ella vae muito alem e, assim, quer que sejais homem, na verdadeira accepção da palavra, - para que a vossa prole se constitua um dia numa garantia para ella de um porvir ainda mais risonho e brilhante! E homem se deve considerar todo aquelle que, no dizer de Buffon, possui força e magestade. [...] Imaginai todo brasileiro se constituindo pela sua força e magestade de homem num verdadeiro especimen do *lançador de disco*, envolto pela musculatura possante e gigantesca de um *hercules*, e dizei-me, de consciência, si não chegaríamos facilmente a conquistar para o Brasil o logar de destaque que há muito está reservado no concerto das nações civilizadas e de maior prestigio do Universo – si não teríamos o direito de pleitear a hegemonia mundial?⁷²

A força masculina estaria ligada no discurso médico à virilidade e ao poder de autocontrole do homem. Ser viril significava, portanto, ser forte para contribuir para a formação de um país novo e comparável às nações européias e aos Estados Unidos. Constrói-se assim, nesse contexto de crise dos antigos modelos de ser homem, um novo ideal de masculinidade calcado na potência sexual, no autocontrole (que inclusive serve para preservar a virilidade) e no compromisso com a pátria.

⁷¹ MIRANDA, Felipe de Sousa. **Educação sexual do brasileiro em face do vultoso problema da grandesa da Pátria**. Curitiba: Livraria Universal Affonso Hey e Cia, 1929. p. 34.

⁷² *Ibidem*. pp. 83-84.

A proposta de Miranda articula de forma orgânica indivíduo, raça e nação com o intuito de realizar o ideal eugênico da economia sexual. O autor não se posiciona diretamente a respeito da polêmica questão racial no Brasil, mas as nações por ele citadas como modelo para o desenvolvimento que se acreditava poder chegar ao nosso país eram as chamadas nações brancas. Ademais, as referências adotadas pelo autor para a construção de sua tese ficam explícitas nesta passagem:

É preciso ensinar a juventude masculina que não somente a castidade e a continência são possíveis e não são nocivas, mas ainda que essas virtudes são as mais recommendáveis sob o ponto de vista simplesmente medico e hygienico, o que constitue um importante factor eugênico.⁷³

Ao longo de todo o discurso de Miranda, observam-se demarcações a partir de conotações moralistas das conseqüências graves de uma descendência sem controle. O autor aconselha os jovens a preservação da castidade até o casamento, com as seguintes palavras:

Do que ficou dito, a conclusão lógica e racional é que depende do moço vencer ou morrer. [...] Melhor será, em summa, que tenha por lemma: - Viver pela felicidade da Patria; e para isso tenha por escudo – a castidade! Mas se por ventura enfraquecer na jornada e um dia sentir que está se deixando dominar pela carne, ao menos levantar-se a tempo e para nunca mais cahir, mostrando que é digno da Patria, da família e de si próprio!⁷⁴

O casamento e a procriação são considerados no discurso de Miranda como deveres cívicos, segundo os quais se faz necessário gerar descendentes fortes que garantirão o futuro da nação brasileira. A associação entre casamento, amor e geração de uma prole saudável é ponto comum no discurso higienista do século XIX. Antes disso, a sociedade patriarcal compreendia a união entre duas pessoas como a celebração de um contrato que deveria atender, sobretudo, os interesses sociais e raciais. O discurso higienista subverteu essa ordem ao transformar a preservação dos filhos em primeira preocupação do casal, que deveria lhes proporcionar um ambiente de amor. O amor, como demonstra Jurandir Freire Costa, foi extremamente útil aos higienistas, pois trazia a estabilidade necessária às uniões para a formação das futuras gerações. Nas palavras do autor:

⁷³ Ibidem. pp. 110-111.

⁷⁴ Ibidem. p. 43.

O sexo precisava do amor para permanecer circunscrito nos limites da casa. Ao Estado interessava não só a família fecunda, mas a família responsável. Manter os filhos era tão importante quanto produzi-los. Do contrário, a carga financeira da educação dessas crianças abandonadas recairia, novamente, sobre a administração pública.⁷⁵

No discurso de Miranda, o amor aparece como a única motivação que deve guiar a decisão para os casamentos. Mas o autor não se exime de realizar uma diferenciação clara com relação ao amor verdadeiro - ancorado na virtude da mulher que se torna esposa – do amor meramente sexual. Este seria sempre um erro que fatalmente levaria à ruína do homem:

Não seja o interesse um motivo de escolha para a esposa, mas tão somente o amor, a causa única da união conjugal, - e os esposos se compreenderão e a fidelidade conjugal será uma garantia da felicidade futura!⁷⁶

O amor sexual é a peor das aberrações em que se póde cair. As alegrias que produz não compensam nunca as tristezas que ocasiona, e porque tal é a nossa firmíssima convicção, assim dirigiremos os nossos avisos á juventude certos de que aquelles a quem o Destino tenha confiado um objectivo, um ideal talvez, d'elles saberão aproveitar-se e agradecerão o nosso conselho.⁷⁷

Para defender a tese de que uma vida sexual saudável e de acordo com a moral proposta estaria relacionada com o desenvolvimento da nação, o autor utiliza exemplos de outros países, enaltecendo a Inglaterra – modelo do qual o Brasil deveria se aproximar - e diminuindo a Índia:

As terríveis conseqüências do casamento em tenra idade são claramente vistas na Índia, onde as meninas casam aos doze e quatorze annos, e os rapazes com uma idade correspondente. Conversando com um brahmane muito instruído [...] elle condemnou seriamente estes casamentos prematuros, e deu-o como causa não só da pequena estatura e diminutas e não desenvolvidas proporções physicas dos homens e mulheres de sua patria, mas tambem como produzindo um effeito similar sobre o desenvolvimento de um povo, o que se demonstra pelo facto de, em vez de se governarem a si mesmos, elles são vassallos e súbditos de nações estrangeiras. [...] O reverso do que acontece na Índia, vê-se pela idade com que os homens e as mulheres casam na Inglaterra: os homens quando attingem a idade media de vinte e seis annos, e as mulheres cerca de vinte e cinco. Por isso é que os inglezes, não só attingem geralmente a uma bella estatura, mas a uma completa virilidade, seus poderes intellectuaes são predominantes na força mental da raça ingleza, demonstrada pela preponderância da Inglaterra em todo o mundo.⁷⁸

⁷⁵ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 234.

⁷⁶ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. p. 48.

⁷⁷ Ibidem. p. 44.

⁷⁸ Ibidem. p. 55.

Essa preocupação com a idade ideal para o início da vida sexual foi tratada em diversos textos eugenistas. Segundo Vera Regina Beltrão Marques a questão foi debatida no I Congresso Brasileiro de Eugenia em 1929, quando Afrânio Peixoto defendeu a proibição de casamentos para homens menores de 18 anos e mulheres com menos de 16 anos, demonstrando uma preocupação com a reformulação jurídica do país, de uma forma que fossem acolhidas as idéias eugenistas⁷⁹. A domesticação da sexualidade deveria ser realizada, então, com o apoio do Estado, uma vez que se dava pela sua melhoria e continuidade.

É interessante observar que essas idéias tenham sido formuladas e difundidas na cidade de Curitiba num momento em que circulavam opiniões a respeito da sexualidade, do casamento e da vida familiar completamente opostas às de Miranda. No periódico “O Olho da Rua”, escrito por jovens e estudado por Claudio DeNipoti, por exemplo, o casamento aparecia com frequência como o espaço do fim da liberdade e da sexualidade. Amor e felicidade (compreendida como a satisfação dos desejos sexuais) eram tidos como opostos ao casamento⁸⁰, o que indicava uma prática social bastante distante da preservação da castidade defendida por Miranda.

Ponto comum entre os dois discursos, no entanto, é o fato de considerar o casamento como uma necessidade relacionada às responsabilidades sociais do homem. Casar-se, no discurso dos jovens escritores do periódico humorístico “O Olho da Rua” mostrava-se um erro, mas um erro necessário, como se observa na passagem: “Casae, casae! Indiscutivelmente/ Essa é a asneira mais bella, com certeza/ É a mais rija e gloriosa cabeçada!”⁸¹

A permanência de idéias a respeito de uma sexualidade livre fora do casamento, ainda que de forma marginal, como as que DeNipoti elucidou através de sua pesquisa, justificam a eloquência com que o médico Felipe de Sousa Miranda defende a idéia da preservação da castidade. Tal defesa aproxima-se de um discurso moral de teor religioso do qual o autor é partidário, uma vez que em diversas passagens atribui ao domínio do corpo o respeito à vontade de Deus:

⁷⁹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Op. Cit. p. 77.

⁸⁰ DENIPOTI, Claudio. **Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 98.

⁸¹ Contractos nupciais. **O Olho da Rua**, Curitiba, 10 jun. 1911, s. p. a. IV, nº 2. Apud. DENIPOTI, Claudio. Op. Cit. pp. 98-99.

‘Não pecar contra a castidade.’ Eis o preceito taxativo e formal do 6º mandamento da lei de Deus. E lembrai-vos: Pecar contra a castidade sobre ser corromper o coração – é ingressar-se voluntariamente na senda tortuosa do vício e da depravação! [...] E nada parece provocar maior revolta no meio social em que vivemos, e nada parece provocar mais a ira de Deus do que o abandono á tyrania da carne, do que a censuravel fraquesa dos que tendo cahido fragosamente não sentem os mais justos anseios de se libertarem definitivamente de se tornarem dignos do apreço social, do santo amor da Omnipotencia divina!⁸²

A associação de ideias médico-científicas e religiosas foi a forma encontrada por Miranda para produzir um discurso de verdade inquestionável sob qualquer aspecto. Verdade esta que ele defende ao término de seu texto:

Em remate, ante a rocha inquebrantável da verdade, pregada pela nata da sciencia medica nacional, não teremos mais do que nos curvar reverentemente. Notai bem agora, pois que é água pura e crystalina a que vemos sorver gostosamente a seguir, visto como estamos realmente em face da *PALAVRA DA SCIENCIA*.⁸³

Os riscos para aqueles que não observassem a verdade defendida pelo autor estavam bem postos: problemas sexuais e doenças que podem decorrer de uma vida de desregramento sexual (ainda que restrita à juventude). Mais do que isso, a ausência de controle sobre si mesmo poderia acarretar na impossibilidade de ser útil à nação brasileira com seu trabalho e com a criação de uma descendência saudável. Na medida em que esses discursos de verdade estavam voltados para uma problemática que colocava a conservação do Estado e a edificação da Nação no centro da discussão sobre o corpo e o desejo dos homens, logo ele foi assumido por aqueles que ocupavam o poder e orientariam o surgimento de políticas voltadas para a preservação da espécie.

Dentro das recomendações médicas para evitar os males da inobservância da moral sexual pelos jovens, está o ato de evitar situações que possam causar excitação. A manutenção da castidade seria menos penosa se o jovem ocupasse sua mente com algo que lhe fosse proveitoso e não se entregasse às leituras perniciosas, pois elas poderiam despertar o desejo de infringir a moral. A idéia dos perigos das leituras consideradas excitantes para os jovens encontrava consonância no discurso de outros higienistas e também no discurso religioso. Para os médicos do período até mesmo o excesso intelectual poderia ser perigoso, pois tornava as crianças e jovens sedentários e moles, mais predispostos à excitação através de

⁸² MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit.. pp. 101- 102.

⁸³ Ibidem. Op. Cit. p. 111.

leituras obscenas que fatalmente levavam à masturbação.⁸⁴ Para a religião, por sua vez, leituras eróticas eram condenadas porque incitavam à degradação moral e à prática do pecado da carne.⁸⁵ Tais leituras reprováveis, no entanto, justamente neste momento tornavam-se cada vez mais acessíveis e numerosas.

⁸⁴ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 197.

⁸⁵ PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997. p. 69.

2.2 O PROJETO LITERÁRIO E OS ROMANCES PARA HOMENS

A passagem do século XIX para o XX foi marcada por um aumento significativo do mercado editorial brasileiro, que passou a contar com diversos tipos de publicações de caráter popular. No bojo dessas obras destacaram-se os “romances para homens”, obras de apelo erótico, muitas vezes ilustradas e vendidas com destacada divulgação em periódicos da cidade do Rio de Janeiro. Esse movimento foi percebido por inúmeros escritores como símbolo de uma crise na literatura brasileira, pois esses livros pareciam despreocupados com os preceitos estéticos e o projeto de construção da nação brasileira, caros para nossos literatos desde o início do século XIX. No entanto, a leitura dessas obras tidas no período como imorais, revelou suas referências ao discurso médico então emergente e ligado ao ideal de construção de novos homens equipados biologicamente para a construção da nação brasileira.

A nação constituiu-se desde o início do século XIX como um problema a ser encarado com seriedade pelos intelectuais brasileiros, pois se tornou de fundamental importância conhecer o passado, a história e a população do país, para que a independência política fosse efetiva. A descoberta do “povo brasileiro”, no entanto, parecia um sério entrave diante da realidade de uma população de características tão heterogêneas. Desejava-se construir uma nação moderna, mas havia uma grande tensão entre o que se observava na realidade e aquilo que se desejava encontrar na busca por um agente que pudesse aglutinar a todos no forjamento de um caráter nacional. Nesse contexto a literatura foi a primeira atividade que se dedicou ao conhecimento do Brasil e de seu povo, de forma que o Romantismo fora o responsável pela criação de um mito fundador para o Brasil.⁸⁶

As formulações a respeito da identidade nacional brasileira elaboradas por escritores engajados ao Romantismo literário representaram, ainda, os ideais do Império brasileiro, tendo sido responsáveis pelo que Antônio Cândido definiu em *A Formação da Literatura Brasileira*, como a formação de uma tradição literária brasileira capaz de articular a realidade local do país com valores universais.⁸⁷ Assim como o Romantismo literário, a historiografia que se desenvolveu no início do século XIX confluiu para o forjamento de um determinado

⁸⁶ NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiros em sua própria terra:** representações do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998. pp. 38-40.

⁸⁷ CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. São Paulo, Ed. Nacional, 1985. p. 681.

modelo de identidade nacional brasileira patrocinada pelo governo Imperial. Muitos escritores desse período eram membros ou clientes da monarquia e por esta razão se ocuparam em escrever histórias em que a ação dramática freqüentemente se restringia a cenários e personagens fixos que manifestavam suas ações mais intensas no campo do ideal e das emoções⁸⁸.

A eleição do índio como uma figura mitológica capaz de sintetizar o brasileiro e a sua caracterização como um bom selvagem pareceu num primeiro momento uma saída para a resolução da difícil tarefa de formular alguma imagem que servisse como referência para a nacionalidade brasileira. Neste sentido, o Romantismo criou estereótipos e mitos para a Nação enquanto que mais tarde, num sentido oposto, a literatura realista voltar-se-ia para os problemas do país. Nas palavras de Marcia Regina Capelari Naxara:

[...] a literatura romântica [...] havia elaborado uma visão idealista da origem do povo brasileiro, identificada a uma perspectiva idílica do indígena, que um pouco mais tarde, foi sendo substituída por uma nova postura, pautada por um engajamento social crítico, que promoveu uma desmistificação dessa visão romântica, almejando conhecer e mostrar uma nova realidade do Brasil e do povo brasileiro. [...] Existiu uma mudança de enfoque, mas permaneceu a procura da identidade, assim como a angústia da busca dos caminhos que pudessem levar à civilização e ao progresso.⁸⁹

Acompanhando as mudanças da literatura universal e em oposição ao Romantismo, o Realismo e o Naturalismo das últimas décadas do século XIX representaram a sociedade de forma multifragmentada. Aliás, a própria República trazia consigo certo rompimento da uniformidade representada pelo período anterior. O mundo realista se tornava então turbulento, conflituoso. As narrativas se abriam para a presença dos novos atores sociais urbanos e pretendiam descrevê-los numa tentativa de organizar uma realidade social agitada por inúmeras transformações. Os escritores, por sua vez, estavam destituídos do antigo mecenato e passaram a disputar a sobrevivência num mercado urbano concorrido, ao mesmo tempo em que buscavam a participação no espaço público da nova República.⁹⁰

A construção de ideais e a afetividade, próprias do Romantismo, eram criticadas pela literatura realista, que buscava cada vez mais se aproximar da objetividade científica. O escritor realista desejava se afastar definitivamente da subjetividade. O naturalista, por sua

⁸⁸ SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. pp. 275-276.

⁸⁹ NAXARA, Marcia Regina Capelari. Op. Cit. p. 43.

⁹⁰ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. p. 276.

vez, submetia seus personagens ao destino cego das leis naturais. Trata-se de uma arte negativa, produzida por autores que desejam desvelar de forma crítica o cotidiano salientando as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima. As explicações desses problemas sociais foram buscadas na raça, no clima, no meio, no temperamento dos personagens ou na educação que receberam.⁹¹

As discussões a respeito da identidade nacional brasileira nesse período foram conduzidas por uma visão evolucionista da História e se pautaram na idéia de que o progresso era ao mesmo tempo necessário e inevitável. Num país visto como atrasado com relação ao mundo civilizado, o progresso também era fonte de angústias que estiveram no centro das formulações pessimistas e fatalistas que os literatos do Realismo e do Naturalismo elaboraram ao pensar no povo brasileiro, na sua história e nos conflitos envolvidos no processo de forjamento da nação:

O progresso parecia desabar, de forma avassaladora, sobre os povos atrasados, e estes sucumbiriam, por não terem o tempo necessário para adaptar-se à sua marcha. Daí o fatalismo, diante de algo que não poderia ser evitado e o pessimismo com relação às possibilidades do Brasil diante do progresso da humanidade.⁹²

A nação brasileira só existiria efetivamente no momento em que fosse possível encontrar alguma unidade na heterogeneidade da sua população. Disto decorre a força do projeto eugenista ao qual muitos naturalistas estiveram completamente engajados. Afinal, através da eugenia, como dito anteriormente, seria possível realizar o aperfeiçoamento biológico do povo brasileiro, o que diluiria as diferenças entre as raças aqui presentes. Essa associação entre discurso médico eugenista e Naturalismo literário era também uma herança européia, na medida em que ambos estiveram interligados desde a fundação dessa escola literária com os escritos de Émile Zola.

Para Zola, a arte deveria ser encarada em termos clínicos e a figura do escritor deveria assemelhar-se a de um anatomista incumbido da tarefa de dissecar “fibra por fibra, a besta humana deitada inteiramente nua sobre a laje do anfiteatro”.⁹³ Leitor de tratados

⁹¹ BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006. pp. 167-169.

⁹² NAXARA, Marcia Regina Capelari. Op. Cit. p.41.

⁹³ BERNHEIMER, Charles. Figures of ill repute: Representing Prostitution in Nineteenth-Century France. Durham: Duke University Press, 1997. p. 14. Apud. SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual: sexo e cultura no fin de siècle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 179.

médicos, o autor considerava seus romances como o resultado de uma experiência real sobre a degeneração e as relações entre a hereditariedade e o ambiente,⁹⁴ tendo defendido que escritores buscassem conversar com médicos para criar suas obras, pois seriam eles detentores de segredos sobre a vida e a morte – matéria de interesse inegável para a literatura.⁹⁵

Era própria dos romancistas naturalistas, portanto, a proposta de revelar os aspectos mais doentios da realidade social. Desta forma foram selecionados “tipos psicológicos autênticos, fatos escandalosos e ações ditas degeneradas para darem ensejo às suas análises romanceadas quase sempre portadoras de finais trágicos e catastróficos.”⁹⁶ A anormalidade e o comportamento sexual desviante passaram, assim, a ser tema de um tipo de literatura que não se eximia de descrições realistas de experiências sexuais. Nas palavras de Carlos Eduardo Bezerra, “O Naturalismo, mais do que qualquer outra estética literária, assumiu a carnalidade do corpo e a colocou no centro da narrativa”⁹⁷.

Neste sentido, uma vez que a ótica naturalista ocupava-se de captar os aspectos medíocres da rotina humana, os vícios e os desejos impróprios⁹⁸, várias das obras escritas sob essa estética conferiram espaço para encontros eróticos, descrições dos corpos femininos e masculinos e cenas de sexo que pretendiam demonstrar as fraquezas da carne. Alessandra El Far explica que os críticos literários brasileiros com frequência se posicionaram de forma contrária aos textos supostamente escritos sob os pressupostos naturalistas, em função de “abusos” cometidos nas descrições das cópulas. Não raro, livros pertencentes a esse gênero eram considerados pura pornografia. Nas palavras da autora:

As obras vinculadas a essa escola literária aclamadas como unanimidade, como as de Aluísio de Azevedo, que publicou *O Mulato*, *O Homem* e *O Cortiço*, foram exceções no cenário de nossas letras, visto que a grande maioria havia sido recebida com desconfiança, em parte pelos reclames divulgados na imprensa que faziam alusão aos enredos “de fogo”, “escaldantes”, “picantes” que traziam.⁹⁹

⁹⁴ HERMAN, Arthur. Op. Cit. p. 132.

⁹⁵ DOTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal**: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. pp. 222-223.

⁹⁶ EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Op. Cit. p. 248.

⁹⁷ BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay *made in Brazil*. In.: **Bagoas**: estudos gays - gêneros e sexualidades. V. 1, n. 1. jul./dez. 2007. – Natal : EDUFRN, 2007.p. 200.

⁹⁸ BOSI, Alfredo. Op. Cit. p. 189.

⁹⁹ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 253.

As obras naturalistas causaram polêmica não apenas entre os críticos literários, mas também sofreram com o veto moralizador da própria Igreja Católica. Aparecida Paiva, em trabalho realizado a respeito da censura católica à literatura, explica que foi produzido em 1915 pelo Frei Pedro Sinzig uma espécie de índice brasileiro de obras de ficção, que pretendia orientar as leituras dos católicos. Os grandes temas condenados teriam sido o naturalismo na literatura, crimes, suicídios, amor livre e adultério. Para a autora, a interferência da Igreja nesta questão está relacionada nesses primeiros anos do século XX à ameaça que a própria modernidade significou para a Igreja Católica, que perdera parte de sua influência política com o advento da República. Percebendo as proporções que a difusão desses livros tomava no período, a Igreja se viu na necessidade de participar desse processo, buscando o controle sobre ele.¹⁰⁰ Alguma conquista neste sentido, no entanto, só ocorreria em 1924, quando a “liga pela moralidade” participou da apreensão de livros considerados de teor erótico, questão que será desenvolvida no segundo capítulo dessa dissertação.

Ainda que por vezes mal compreendidos, a intenção dos naturalistas ao descrever situações de caráter erótico era a de desvelar a natureza do ser humano em sua integridade, sem disfarces. Também por isso se dava a aproximação com a medicina, pois apenas os médicos estavam autorizados pela ciência a falar daqueles atos considerados impudicos. Após o Romantismo ocorreu uma ampliação do mercado editorial brasileiro e uma abertura para obras de caráter popular, ao mesmo tempo em que os próprios homens de letras tomavam caminhos diferentes, num sentido oposto à uniformidade presente no período anterior.

A nova imprensa se desenvolveu de forma ampla nessa passagem do século e invenções técnicas como o fotozincó e a fotogravura fizeram com que houvesse um crescimento no número de páginas dos periódicos, que se tornaram mais rápidos de distribuir, além de mais baratos.¹⁰¹ Aos poucos, essas melhorias técnicas também atingiram o mercado livreiro, de modo que já na década de 1870 surgiram no Brasil pequenos livros em capa brochada, edições baratas que eram vendidas em livrarias e por mercadores ambulantes principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Essas edições populares, num primeiro momento, traziam obras de autores já conhecidos e bem vistos pela crítica literária daquela época, como

¹⁰⁰ PAIVA, Aparecida. Op. Cit. pp. 53-65.

¹⁰¹ SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 72-73.

José de Alencar, Bernardo Guimarães, Victor Hugo e Balzac. Anunciados como “livros para o povo”, “biblioteca para todos”, esses livros aos poucos foram sendo distribuídos para diversas capitais do país, através de encomendas.¹⁰²

Interessados em angariar lucros através do comércio de livros, paulatinamente livreiros e editores passaram a publicar textos de autores inéditos que pudessem chamar a atenção do público. E desta forma foram surgindo publicações de diversos tipos, peças de teatro, histórias infantis, livros de receitas, manuais, almanaques, livros de adivinhações. Os editores investiam em obras que fossem divertidas, criativas, ousadas, porque se elas fossem capazes de causar barulho, o sucesso estaria garantido.¹⁰³

A popularização e o crescimento do número de obras de valor literário considerado menor, impressas como pequenas brochuras, fez com que os homens de letras mais reconhecidos passassem a evitar ter seus textos publicados nesse formato. Em seu livro, *Carpinteiros Teatrais: Cenas Cômicas e Diversidade Cultural no Rio de Janeiro Oitocentista*, Silvia Cristina Martins de Souza conta a história de uma carta enviada por Machado de Assis em 1902 à editora francesa Garnier na qual o autor se queixava da impressão ter o formato de um “livrinho”. A autora explica que a preocupação de Machado de Assis naquele momento era fundamentada, pois no início do século XX “o valor da obra poderia ser medido pela má apresentação do volume ou por uma apresentação que o aproximasse dos livros baratos e populares”.¹⁰⁴ A preocupação com o formato da publicação está relacionada à expectativa de leitura, às antecipações de compreensão que aspectos externos a obra podem suscitar no leitor. Assim como afirma Roger Chartier, as características de impressão, assim como a indicação de gênero (que aproxima o texto de outros já lidos) determinam uma série de pré-leituras ao texto. Nas palavras do autor:

Dos fólhos aos tamanhos pequenos, existe uma hierarquia que combina o formato do livro, o gênero do texto, o momento e o modo de leitura. [...] Tal hierarquia é, aliás, diretamente herdada dos tempos do livro copiado à mão, fazendo a distinção entre o livro de bancada, que tem de ser pousado para ser lido e que é livro de universidade e de estudo, o livro humanista, mais manuseável no seu tamanho médio, e que dá a

¹⁰² EL FAR, Alessandra. **O Livro e a Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. pp. 32-33..

¹⁰³ Ibidem. pp. 33-36.

¹⁰⁴ SOUZA, Silvia Cristina Martins de. **Carpinteiros Teatrais: Cenas cômicas e diversidade cultural no Rio de Janeiro Oitocentista: Ensaios de História Social da Cultura**. Londrina: Eduel, 2010.

ler textos clássicos e novidades, e o livro transportável, o liblllus, livro de bolso e de cabeceira, de múltiplas utilizações e com leitores mais numerosos.¹⁰⁵

Ora, e o que dizer então dos livros editados como “romances para homens”? Essas pequenas brochuras, editadas em papel barato muitas vezes utilizaram-se das discussões e das polêmicas em torno da seu conteúdo como um chamariz para aumentar o número de cópias vendidas. O formato desses “livrinhos”, no entanto, certamente favoreceu algumas leituras realizadas à noite, às escondidas por adolescentes curiosos com relação ao seu conteúdo sexual. É assim que Claudio de Souza relatou em 1939 na Revista da Academia Brasileira de Letras o seu primeiro contato com o romance *A Carne*, de Julio Ribeiro:

Recebi-o [o livro] à noite num café. Não quis saber de nada mais. Comprei uma vela – em casa davam-me uma vela de três em três dias para que não me fatigasse com leituras de romances até altas horas – e toquei para casa. Ia trêmulo, ofegante, achando curtas as pernas. [...] Finalmente! ... Pedi a benção aos ‘velhos’ e corri a meu quarto. Devorei aquelas páginas, como o faminto engole sem mastigar os alimentos. [...] No dia seguinte, contei à minha ‘rodinha’ [...] o enredo do romance e suas principais passagens. Citei frases que provocavam admiração.¹⁰⁶

O crescimento do mercado editorial brasileiro foi visto de forma bastante negativa pelos literatos da geração anterior que consideravam que nesse momento havia uma crise da literatura brasileira. Esses intelectuais tinham dedicado anos de suas produções à tentativa de escrever para contribuir com a construção e transformação do Brasil. Eles acreditavam que através de sua literatura eles próprios fossem agentes das sonhadas mudanças e que seus escritos eram uma das condições para que elas ocorressem de fato. Isso os levou a valorizar apenas aquelas formas de criação e reprodução cultural que pudessem ser percebidas como instrumento de transformações sociais, dentro de uma lógica em que desenvolvimento cultural e material estariam profundamente relacionados.¹⁰⁷ Neste sentido, a emergência de uma literatura de caráter popular que se transformava em um negócio cada vez mais lucrativo para livreiros e editores não poderia ser bem vista.

Os romances de caráter popular que eram vendidos pelas ruas do Rio de Janeiro no final do século XIX e no início do século XX eram descompromissados das questões

¹⁰⁵ CHARTIER, Roger. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990. pp. 132-133.

¹⁰⁶ SOUZA, Claudio de. *A Carne* de Julio Ribeiro. In.: Revista da Academia Paulista de Letras. Vol. II/7. São Paulo, set. 1939. Apud.: BULHÕES, Marcelo. Leituras do Desejo. Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro. Op. Cit. pp. 43-44

¹⁰⁷ SEVCENKO, Nicolau. Op. Cit. pp. 99-100.

consideradas sérias por aqueles que pretendiam se tornar expoentes da literatura brasileira. Ainda que nem sempre eles se afastassem desses ideais presentes no período, mais importante do que construir através da literatura uma identidade nacional ou de produzir uma séria crítica social, era que os livros fossem bem recebidos pelo público. Isso também fez com que algumas obras, justamente por adquirirem sucesso editorial fossem vistas com suspeitas e se transformassem em tema de discussões acaloradas entre os críticos de diferentes jornais. A polêmica em torno de algumas obras, no entanto, geralmente fazia com que elas fossem ainda mais vendidas.

Muitas das obras que dividiram as opiniões de críticos, escritores e público nesse período diziam-se engajadas à estética naturalista. Esse é o caso de três das obras que são fontes nesta pesquisa: *Um homem Gasto: Episódio da história social do XIX século*, de Ferreira Leal; *A Carne*, de Julio Ribeiro; e *Bom-crioulo*, de Adolfo Caminha. Outro romance estudado, *Mademoiselle Cinema*, de Benjamim Costallat, chegou a ser considerado um romance neo-naturalista em função do resgate que realiza de diversos pressupostos dessa escola literária, num período um pouco posterior. Apenas a obra *O menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco, ocupa uma posição mais independente com relação a esses pressupostos estéticos, apesar de estar relacionada com o conhecimento médico do período. Todas as obras, no entanto, foram divulgadas como “romances para homens” em periódicos do período, seja por incompreensão dos livreiros, ou pelo interesse do próprio autor em torná-las mais vendáveis.

O título de “romances para homens” era atribuído às leituras indicadas apenas para o público masculino, reunindo obras de caráter erótico ou pornográfico com enredos dos mais diversos. Mulheres que traíam seus maridos, meninas que perdiam a virgindade antes do casamento, padres e freiras que rompiam com os seus votos “e as mais diferentes personagens envolvidas no movimentado cotidiano dos bordéis e casas de prostituição” eram temas comumente tratados nesses livros.¹⁰⁸

Livros com tal temática, tão distante do que era defendido pelo discurso moral do período, eram proibidos para as mulheres, tidas como seres de personalidade frágil e suscetível aos enlevos da narrativa¹⁰⁹. Diferentemente, os homens eram vistos como capazes de discernir o mundo da ficção do cotidiano das regras e dos bons costumes e, portanto,

¹⁰⁸ EL FAR, Alessandra. (2006). Op. Cit. p. 49.

¹⁰⁹ ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 58.

podiam ter acesso irrestrito a esse tipo de leitura. Além disso, o ideal de feminilidade do período exigia que a mulher fosse “o centro difusor da moralidade e dos bons costumes”¹¹⁰, o que tornava inadmissível o contato com determinadas leituras. É interessante observar que também os relatórios médicos do período que traziam temáticas relacionadas à sexualidade eram contra indicados para as mulheres, pois o saber a respeito do sexo era relacionado à perda da virgindade moral feminina.¹¹¹

Apesar de serem condenados muitas vezes pelo seu conteúdo erótico e imoral, os “romances para homens” foram muito vendidos.¹¹² Com enredos variáveis inclusive na quantidade de elementos pornográficos (sendo alguns compostos basicamente por uma seqüência de cópulas e imagens apelativas e outros mais focados na história, apenas com algum conteúdo mais explícito), esse tipo de literatura circulou no Rio de Janeiro com ampla divulgação a partir de 1870.

Muitos dos escritores dos “romances para homens” publicavam seus livros utilizando-se de pseudônimos para proteger sua identidade ou para incitar uma curiosidade maior a respeito do texto que produziam.¹¹³ Nem mesmo finais trágicos foram capazes de assegurar uma recepção melhor por parte de críticos de determinadas obras de teor erótico ou imoral. Os finais punitivos para os personagens que viviam experiências sexuais fora daquilo que era considerado aconselhável pela moral da época eram bastante comuns nos “romances para homens”. Esse é um primeiro traço que indica que esses romances, apesar de suas características transgressoras, reproduziam também alguns dos pressupostos morais de seu tempo. No caso das obras informadas pela estética naturalista isso está ainda mais presente, uma vez que ao retratar vivências sexuais, os escritores naturalistas desejavam mostrar comportamentos sexuais que apesar de serem comuns na época precisavam ser mudados. Neste sentido, deve-se considerar a afirmativa de Marcelo Bulhões, em seu livro *Leituras do Desejo: Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro*:

É, de fato, notável essa capacidade do romance naturalista de promover polêmica, incitar o desassossego, captar a indignação, ativar o escândalo. E o desassossego incitado pela publicação dos livros naturalistas está, numa relação especular,

¹¹⁰ Ibidem. p. 43.

¹¹¹ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. p. 246.

¹¹² EL FAR, Alessandra. (2004). Op. Cit. p. 202.

¹¹³ EL FAR, Alessandra (2004). Op. Cit. p. 252.

refletido no desassossego dos seres da ficção no interior das narrativas naturalistas. Com isso, observa-se uma extraordinária correspondência entre os conflitos internos da ficção, vivenciados pelas personagens nos termos dos embates entre curiosidade e interdição, pulsão e recalque, desejo e culpa, e aqueles conflitos que se depreendem da reação indignada de muitos críticos, alguns deles mostrando-se escandalizados com o teor “obsceno” de romances como *A Carne e Hortência*.¹¹⁴

Dentro desse conjunto de obras designadas como “Romances para Homens”, optou-se por privilegiar neste capítulo a leitura do livro *Um homem Gasto: Episódio da história social do XIX século*. A obra foi publicada em 1885 e assinada apenas pelas iniciais “L. L”. Mais tarde, atribuiu-se a autoria a Ferreira Leal, que se propôs escrever no estilo naturalista sem, no entanto, ter alcançado reconhecimento por parte da crítica literária do período.

O livro conta a história dos problemas enfrentados para a consumação do matrimônio de Alberto e Luiza. Luiza é jovem, bela e inocente, se apaixona e se casa com Alberto, homem vinte anos mais velho que vivera uma vida repleta de experiências sexuais consideradas imorais antes do casamento. Através de cartas Luiza conta à sua prima Cecília, (também jovem que em breve contrairia matrimônio com Pedro de Oliveira) a respeito de sua vida conjugal com o marido. A prima mostra-se bastante ansiosa por saber detalhes sobre a noite de núpcias, mas a este respeito, Luiza nada revela, a não ser sobre a impressão que teve de que o momento fora incompleto.

Ao longo da narrativa, que se desvela ao leitor através de cartas trocadas entre as personagens, vai se desenhando uma situação bastante dramática, pois Luiza não compreende ao certo o que há de errado com o marido, mas vai adoecendo, física e psicologicamente. Também Alberto torna-se um homem sem forças, destruído, adoentado e por fim, passa a demonstrar sintomas de loucura, até que acaba por se suicidar. Antes de falecer, no entanto, revela em uma carta direcionada a um médico de confiança da família as suas vivências anteriores ao casamento e explica que depois de ter extrapolado e transgredido todos os limites impostos pela moral, tornou-se impotente e, portanto, gasto.

É interessante observar os subterfúgios utilizados pelo autor de *Um homem Gasto* para declinar da autoria. Além de ter sido publicado sob um pseudônimo, afirma-se logo no princípio do texto que o mesmo fora recebido de outrem e publicado quase da mesma forma que seu original. O autor, então, esquivava-se duas vezes do conteúdo de seu próprio texto, mas não deixa de justificá-lo, explicando que a narrativa serve como um exemplo das tragédias

¹¹⁴ BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Leituras do desejo:** O erotismo no romance naturalista brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. pp. 15-16.

que podem acontecer a um homem que não observe a moral em suas práticas. Neste sentido, Ferreira Leal afirma:

É interessantíssimo [o livro]: diz respeito ao casamento, essa base essencial da sociabilidade. Como sabe, quando tal instituição falseia na pratica, as conseqüências são desastrosissimas. É por isso que a analyse das anomalias respectivas tem merecido e merecerá ainda os mais variados estudos. O ponto de apreciação n'esta verídica historia tem o mérito na novidade, pelo menos em trabalhos d'esta ordem. [...] Por elle verá como a hygiene entretem relações de intimidade com a moral e como a transgressão dos preceitos estabelecidos pela primeira, gera inevitavelmente o damno da segunda.¹¹⁵

Pela escrita de *Um homem gasto* Ferreira Leal foi extremamente criticado por ter escolhido um título provocativo, apimentar frases e utilizar palavras licenciosas, indícios de que desejava unicamente o sucesso de vendas. A personagem de Alberto foi considerada mal construída pela crítica da época, que não acreditava na possibilidade de que um rapaz nascido perfeito nos sentidos físico e intelectual pudesse se deixar levar pelo vício tão facilmente.¹¹⁶ Se a crítica literária considerou o enredo de *Um homem gasto* pouco verossímil e distante da realidade, por outro lado, o discurso médico produzido pelo médico Felipe de Sousa Miranda guarda sensíveis semelhanças com tal narrativa literária.

¹¹⁵ L.L. **Um homem gasto**: Episodio da historia social do XIX século – Estudo Naturalista. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885. pp. 13-14.

¹¹⁶ EL FAR, Alessandra (2004). Op. Cit. p. 250.

2.3 O NOVO HOMEM DEFENDIDO POR MÉDICOS E ESCRITORES

A tese médica *Educação sexual do brasileiro em face do vultoso problema da grandesa da Patria*, de Felipe de Sousa Miranda divide-se basicamente em duas partes. Na primeira, o autor discorre sobre os três grandes males resultantes da falta de educação sexual dos jovens: a masturbação (o mal inicial), as relações sexuais com prostitutas e a decorrente contaminação por doenças venéreas (o grande mal) e a impotência (o mal profundo). Esses males são dispostos pelo médico de forma que cada um se apresenta como consequência do outro e todos, em suma, constituem-se em resultado dos excessos sexuais. Na segunda parte são apresentadas as recomendações para que se evite ser atingido por qualquer um desses males e também os tratamentos disponíveis para quando não fosse possível evitá-los.

O discurso a respeito da masturbação é particularmente interessante nos escritos de Miranda. Segundo o médico, o principal problema dessa prática é que ela tendia a induzir o jovem ao vício pelas sensações eróticas e pela pornografia, o que levava na maior parte das vezes ao surgimento de outras complicações da sexualidade. A masturbação poderia ser praticada pelos meninos, ainda muito jovens, desorientados sobre os seus perigos para a degradação moral e para o organismo. Na seguinte passagem, o médico discorre sobre algumas das graves consequências da prática especialmente quando iniciada na infância:

O onanismo das creanças é certamente peor que o dos adultos. Não só torna a creança preguiçosa, mollenga e vergonhosa, ou, pelo menos, aumenta-lhe taes defeitos, como lhe perturba a nutrição e a digestão, fazendo desabrochar a disposição para perversões sexuais e para a impotencia.¹¹⁷

A falta de observância paterna e as companhias de outros meninos são apontadas por Miranda como a causa para do fato de tantos jovens entregarem-se a tal prática tão perigosa: “Lembrai-vos que se não advirtides os vossos filhos, não faltarão más companhias que os pervertam e os induzam à prática do mal”¹¹⁸.

Alberto, personagem de *Um homem gasto*, quando já impotente descreve o modo como iniciou a vivenciar práticas imorais, afirmando que tudo teria começado ainda na

¹¹⁷ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. p.12.

¹¹⁸ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. pp. 11- 12.

infância, quando fora incitado por outros meninos do internato no qual estudara a praticar a masturbação. A esse respeito, o personagem afirma:

Foi o internato o primeiro elemento dissolvente, cuja acção perniciosa se me repercutiu na individualidade. O internato, meu caro amigo,[...] é fonte de incalculáveis perigos para a creança desprevenida.[...] Arrebatada do lar domestico, onde a vigilância e os carinhos maternas a resguardam da macula exterior, [...] a creança começa a perverter-se no contacto de companheiros de todas as idades, todas as procedências e propensões, muitas vezes despejadamente adestrados na impureza pelas sugestões de um professor ignóbil.¹¹⁹

Jurandir Freire Costa também observou que a masturbação foi duramente combatida pelos higienistas por ser relacionada a inúmeros males que poderiam causar danos à infância e também à vida adulta. A relação entre o ato considerado perigoso e os colégios internos é um fenômeno importante, na opinião do autor, pois para ele, os higienistas defenderam a criação e a manutenção dos internatos no início do século XIX por acreditarem que a família não cumpria bem a tarefa de educar os filhos. A partir dos anos 1880, no entanto, os médicos resolveram devolver as crianças às famílias, já educadas pelos princípios da higiene.¹²⁰

Alberto se descreve como soterrado em perversidade desde “o verdejar dos anos”, pois após adquirir no colégio o vício da masturbação e se iniciar em práticas sexuais ilícitas, passou também a se relacionar com seu professor de língua portuguesa. Em troca dos favores sexuais que prestava ao professor, ganhava benefícios na escola. Já aos quinze anos, o personagem saíra do internato e passou a ter uma vida mais comum, tendo namorado uma jovem com quem se distraiu por algum tempo. Anos depois, viajou à Europa para concluir seus estudos e lá ficou órfão, tendo herdado uma grande fortuna. Sozinho, Alberto entregou suas riquezas às casas de prostituição, cometendo todo o tipo de excesso sexual.¹²¹

A entrega às prostitutas e às perversões sexuais a partir da aquisição do vício da masturbação estava descrita também no discurso médico de Miranda, que afirma:

Observando-se com a puberdade esse augmento crescente dos desejos sexuaes, é natural que se veja o joven obrigado a raciocinar sobre os resultados maléficos da persistência da pratica da masturbação. Não tardam os moços a comprehender a extensão dos males a que se expõem, se continuarem ainda a se masturbar e, então, como ainda lhes falta essa assistência do pai, tão útil quão necessária, resvalam inconscientemente para a senda tortuosa da prostituição! [...] E como geralmente

¹¹⁹ L.L. Op. Cit. pp. 177- 178.

¹²⁰ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. pp. 187-194.

¹²¹ L.L. Op. Cit. pp. 185-190.

acontece, [...] ao primeiro contacto com a rameira depravada e porca, se contaminara brutalmente!¹²²

No discurso médico o contato com as prostitutas além de revelar o descontrole sobre a própria sexualidade, significa para o homem tomar contato com grandes riscos de adquirir doenças venéreas das quais dificilmente conseguirá ser curado. As moléstias causadas pela depravação moral levariam não raras vezes, à impotência, seja ela causada por doenças adquiridas no contato com prostitutas, seja pelo próprio uso demasiado das potências sexuais. Ainda que o homem se mantivesse distante das meretrizes, a própria masturbação ou o excesso sexual dentro do próprio casamento poderiam torná-lo impotente. Para explicar como isso pode ocorrer, Miranda conta a história de um jovem de dezoito anos que já não é capaz de realizar o ato sexual devido a seus excessos:

Aos 12 anos [A.G.] fora internado em um dos Collegios da nossa Capital. Ahi, entrando em franca camaradagem com 2 outros meninos, começou a se entregar quotidianamente á prática da masturbação. A principio contentava-se com a excitação venérea que della decorria, mas depois que se verificou pela primeira vez o espasmo genésico, não se dava por satisfeito enquanto não o provocava. Decorre desse habito adquirido assim condemnavelmente que o penis adquire um desenvolvimento exaggerado. Facto original é porem que, a despeito da mocidade de A.G., o que ella ganha em tamanho perde no poder natural de erecção, máxime para a realisação da cópula. [...] Posto que a sua falta de erecção, em presença de uma mulher por mais formosa que possa parecer aos seus olhos [...] A.G. abandona definitivamente a idea de conquista ao bello sexo, para se deixar dominar por essa pratica criminosa que o exgota – de tal modo, que chega a ceifar-lhe a vida, em plena mocidade, isto é aos 18 annos.¹²³

Na seqüência de seu texto, Miranda explica que o uso excessivo do pênis faz com que o mesmo se torne debilitado, destruindo, desta maneira o vigor, a virilidade e a potência do homem. Isso seria decorrente da própria anatomia peniana, que formada por inúmeros nervos, não deveria ser excessivamente utilizada, sob pena de sofrer atrofia. Nas palavras do autor:

É preciso não esquecer que, se o exercício e o uso tendem a desenvolver os tecidos musculares e a augmentar a sua força, o contrario se dá com respeito ás funcções que dependem do systema nervoso, como a da reproducção da vida. Pelo exercício um músculo augmenta sua força e diminue a sua irritabilidade; para os nervos é exatamente o contrario que se produz. O seu freqüente exercício augmenta a sua irritabilidade e diminue a sua tonicidade e a sua resistência. D'aqui resulta que, para

¹²² MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. pp. 16-17.

¹²³ Ibidem. pp. 40-41.

conservar o systema nervoso em bom estado, devemos estimula-lo e excital-o o menos possivel.¹²⁴

Para conservar a potência sexual o médico propõe, então, uma vida regrada em que as relações sexuais se realizem apenas dentro do casamento. Além disso, é preciso que o sexo seja pouco freqüente, “pouco prolongado e vigoroso”.¹²⁵ Um homem, para preservar sua virilidade e sua própria vida, deveria poupar-se de uma vida sexual que pudesse sugar suas forças vitais. O romance *Um homem gasto*, através do problema enfrentado por Alberto, ilustra claramente o que pode acontecer quando não observadas essas recomendações médicas. No relato, Alberto analisa sua própria trajetória:

Quando uma lei da natureza é transgredida, a própria legisladora se encarrega de punir o transgressor, proporcionando-lhe ao delito castigo exactamente compensador. [...] No exercício dos amores, abusei em demasia do compatível com as forças naturaes. Era uma transgressão, a natureza desplicou-se, neutralizando-me precocemente a actividade orgânica.¹²⁶

Alberto teria cometido diversos excessos em sua juventude, de modo que realizou, como descreve “tudo o quanto a pintura e a litteratura pornographicas podiam imaginar de mais variado e extravagante”,¹²⁷ e depois disto, já aos 35 anos, passou a se sentir esgotado. Voltou então para o Rio de Janeiro e passou a se dedicar ao trabalho, mas tendo sentido saudades da vida que levava, voltou a Paris para viver novamente aventuras libidinosas, mas lá chegando, não conseguiu realizar a cópula, tendo se transformado em alvo de chacota das prostitutas. Desanimado e triste, recorreu ao casamento com Luiza, por quem se apaixonou e sentia um grande desejo, apesar de não ter conseguido de forma alguma concretizar o ato sexual com ela. Desesperado, louco e vendo sua amada e jovem esposa desfalecer aos poucos, Alberto decide pelo suicídio, de modo que Luiza pudesse após a viuvez casar-se novamente com um homem apto a cumprir com suas obrigações conjugais.

¹²⁴ Ibidem. pp. 50-51.

¹²⁵ Ibidem. pp. 57-58.

¹²⁶ L.L. Op. Cit. p. 204.

¹²⁷ Ibidem. pp. 190-191.

As metáforas relacionadas à fraqueza adquirida pelo uso excessivo das funções sexuais estão também presentes em outros “romances para homens”. Em *A Carne*, de Julio Ribeiro, Barbosa após deixar-se envolver por Lenita, mulher de inteligência rara e muito mais jovem que ele, perde também o ponto de equilíbrio:

Louco que fora! Tinha tido dezenas de amantes, tinha sido, era ainda casado, conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrótica, inconstante, ilógica, falha, absurda, da fêmea da espécie humana; conhecia a mulher, conhecia-lhe o útero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cérebro fraco, escravizado pela carne, dominado pelo útero; e, estolidamente, estupidamente, como um fedelho sem experiência, fora se deixar prender nos laços de uma paixão por mulher!¹²⁸

Enfraquecido, abandonado, impossibilitado de se casar com Lenita, Barbosa também recorre ao suicídio: “E ele morria, por amor dessa mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da carne, morria porque sem ela a vida se lhe tornara impossível.... Covarde!”¹²⁹

Fleta, personagem de *Mademoiselle Cinema*, também um homem maduro com cerca de quarenta anos, definha e perde seu vigor após um caso igualmente imoral com Rosalina. Encantado e perdido por essa jovem mulher, o experiente escritor de livros libertinos acaba envelhecido:

Pelas ruas estreitas de Robinson, atonetadas pelos parisienses domingueiros, pelos burrinhos de orelhas abanando e pelos pequenos carros enfeitados – Rosalina, vibrante de juventude, no seu tailleur cinzento, bem curto, deixando quase até o joelho a sua perninha nervosa à mostra sob a transparência da meia de seda, ao braço de Roberto Fleta, elegante, mas visivelmente abatido, parecia mais sua filha do que sua amante. O escritor tinha envelhecido.¹³⁰

O excesso sexual seja na juventude, seja na maturidade, aparece nessa literatura como uma armadilha aos homens. O desregramento construiria a ilusão de que era possível transgredir os valores morais e vivenciar uma sexualidade distante do casamento monogâmico, mas o prazer seria apenas passageiro, levando a males terríveis que levariam o corpo à incapacidade e à velhice precoce e a mente à loucura. Essa noção repete-se em diversas dessas obras, que ao falar a respeito do sexo não se eximem de alertar para os seus perigos.

¹²⁸ RIBEIRO, Julio. *A Carne*. São Paulo: Editora Escala. s/d. p. 132.

¹²⁹ Ibidem. p. 143.

¹³⁰ COSTALLAT, Benjamim. *Mademoiselle Cinema*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. pp. 105-106.

Guardadas as diferenças de linguagem, o discurso médico e as narrativas literárias aqui apresentadas mostram-se muito próximos. No caso de *Um homem gasto* o diálogo com a medicina é mais explícito, pois Ferreira Leal formou-se médico na antiga Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo aplicado seus conhecimentos sobre o corpo na escrita de sua obra *Naturalista*. A mensagem transmitida pelo discurso médico e literário aponta para a necessidade de estabelecer limites às práticas sexuais, de modo a preservar a saúde física e mental.

Rejeitado pela crítica literária por contar uma história imoral e que utilizava palavras apelativas com o intuito único de causar escândalo, *Um homem gasto*, antecipa em muitos pontos o discurso médico de caráter moralizante de Felipe de Sousa Miranda. O próprio texto da obra literária se diz de caráter exemplar e necessário para que outros homens não caíssem na armadilha de se deixar levar por seus desejos, ainda que isso talvez tenha sido usado pelo autor como argumento unicamente para se desvencilhar da crítica.

Como foi dito anteriormente, há certa perseguição dentro dos ideais do naturalismo de se desmistificar o mundo romântico, propondo um retrato do mundo social mais “científico” e mais próximo da “realidade”.¹³¹ Neste sentido, o realismo literário, do qual a estética naturalista é tributária, está relacionado, sobretudo, à busca pela descrição do real, colocando os personagens e o enredo a serviço de um contato entre o leitor e o mundo tal como ele se apresenta. De acordo com Roland Barthes, esse efeito de realidade é dado pela descrição extensa e exata, que leva a pensar que o escritor age como um retratista e que não há uma relação de exterioridade entre um texto realista e uma imagem.¹³² Essas descrições realistas foram adotadas também pela linguagem médica com os seus relatos com descrições pormenorizadas dos casos e pela criação de imagens hiperealistas para confirmar a cientificidade de suas idéias.

Da mesma forma que no discurso científico, apresenta-se na literatura realista a intenção clara de fazer com que a narrativa pareça inexistente no sentido interpretativo, desvelando apenas o vivido e a realidade em si mesma. Este movimento em busca do real não é exclusivo das narrativas ficcionais do período, sendo contemporâneo dos ideais da objetividade histórica, do realismo filosófico e da própria busca pelo realismo nas descrições

¹³¹ DANTAS, Luiz. As armadilhas do paraíso. In.: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990. p. 463.

¹³² BARTHES, Roland. O efeito de real. In BARTHES, R. et. alii. **Literatura e realidade**. O que é realismo? Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. pp. 87-94.

médicas. Neste sentido, Ian Watt explica que o romance realista adotou um método narrativo da realidade identificado com o processo de individualização que a civilização ocidental sofrera desde o Renascimento. Nas palavras do autor:

o romance [realista] constituiu um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras obras literárias.¹³³

Esta questão da linguagem referencial do romance realista, no caso das fontes que foram analisadas neste capítulo, se relaciona inclusive com a adoção, na narrativa *Um Homem Gasto*, de uma série de idéias que faziam parte do discurso médico do período. Tanto o discurso médico quanto o literário analisados pretendiam ser narrativas do real, ainda que através de registros e de intenções diferentes. Enquanto a tese médica pretende demonstrar o domínio de uma extensa bibliografia científica e a partir disto explicitar a necessidade de mudanças nas práticas de educação sexual e moral dos sujeitos, o romance tem por característica entreter o leitor, contando-lhe uma história que apesar de fictícia, aproxima-se em muito da realidade.

Como médico, Ferreira Leal apropriou-se de informações que eram provenientes da experiência e dos discursos higienistas. O recurso ao pseudônimo e a publicação por uma editora frequentemente associada a livros pornográficos indica que o autor não pretendia escrever apresentando-se como médico e, no entanto, há um sensível diálogo entre essa narrativa literária e a tese médica analisada. O caso de um médico escrevendo uma obra tida como escandalosa não era uma exclusividade do cenário brasileiro. Neste sentido, Mireille Dottin-Orsini descreve o momento da passagem do século XIX para o XX como o de formação de um conluio entre letras e medicina, pois não faltaram médicos que assim como Ferreira Leal escreveram textos literários, nem mesmo aqueles que citaram personagens da literatura para confirmar a validade de seu conhecimento médico.¹³⁴ Nas fontes aqui analisadas, até mesmo o estilo narrativo das duas obras se assemelha, de forma que por vezes

¹³³ WATT, Ian. **A ascensão do Romance**. Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. pp. 30-31.

¹³⁴ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. pp. 223-224.

torna-se difícil distingui-los. Ambas compartilham o mesmo vocabulário, valores e ideais da ciência sexual de então, constituída como a verdade sobre o sexo.

Observa-se assim, a existência do que é descrito por Ricardo Zani como intertextualidade, no sentido de que neste caso, ainda que não existam citações diretas, *Um Homem Gasto* recupera e compartilha com o discurso médico da tese de Felipe de Sousa Miranda um conjunto referencial comum. Nas palavras do autor:

Como tal, a intertextualidade nasce de um diálogo entre vozes, entre consciências ou entre discursos, como uma multiplicidade que se relaciona sem o intuito de anulação, mas sim, de compartilhamento para algo além das mesmas, para gerar novos discursos e definir-se então como um diálogo de *citações*.¹³⁵

Pode-se compreender, neste sentido, que no romance considerado erótico e imoral reside um conjunto de idéias próprias do discurso moral do período. O fim trágico de Alberto, apesar das descrições de sua vida pregressa, demonstra que mesmo no discurso erótico há a compreensão de que os limites para as vivências da sexualidade deviam ser respeitados, uma vez que a sua transgressão poderia levar a fatalidades terríveis. Como demonstrado, essa lógica de vivência sexual seguida por punição não é exclusiva do romance *Um homem Gasto*, sendo comum a outras obras que foram vendidas como “romances para homens”, haja vista os finais trágicos de Fleta e Barbosa nas narrativas aqui apresentadas. É possível, portanto, compreender que nesses romances há, além da transgressão às regras da moral e dos bons costumes (característica que os fez serem classificados como “romances para homens”), a confirmação de determinados valores morais da sociedade.

Em certo sentido as narrativas estão relacionadas pela temática voltada para a questão da sexualidade e para a discussão de seus limites, à profusão de discursos sobre o sexo, apresentada por Foucault em *A História da Sexualidade*. Para o autor, houve no século XIX o desenvolvimento de uma *scientia sexualis*, empenhada em produzir discursos verdadeiros sobre o sexo apoiado nos métodos e no discurso científico:

[...] que tenha sido construído em torno do sexo e a propósito dele, um imenso aparelho para produzir a verdade, mesmo que para mascará-la no último momento. O importante é que o sexo não tenha sido somente objeto de sensação e de prazer, de lei ou de interdição, mas também de verdade e falsidade, que a verdade do sexo tenha-se tornado coisa essencial, útil ou perigosa, preciosa ou temida; em suma, que o sexo tenha sido constituído em objeto de verdade. [...] Desconhecimentos,

¹³⁵ ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. In.: **Em Questão**. Porto Alegre, v. 9, n.1, jan/jul. 2003. pp. 125-126.

subterfúgios, esquivas, só foram possíveis e só tiveram efeito baseados nessa estranha empresa: dizer a verdade do sexo.¹³⁶

Do ponto de vista da construção de um ideal de masculinidade observa-se nos textos a presença de uma idéia de homem relacionada à sua virilidade e potência sexual. Nas palavras de Miranda, “o vigor do corpo e do espírito dependem da virilidade”. É neste sentido que Alberto, o homem que não é mais capaz de exercer a sua virilidade, perde a razão de ser e que assim como Barbosa, não tem outra saída a não ser o suicídio. São personagens que destruíram a si mesmos e a sua hombridade pelos excessos.

O casamento aparece nessas narrativas como o caminho mais seguro para a vivência de uma sexualidade sadia. O caso extra-conjugal destrói Barbosa e a aventura sem as garantias de um casamento traz o envelhecimento a Fleta. Ambos, assim como Alberto de *Um homem Gasto*, envolvem-se com moças bem mais jovens, o que era contra-indicado pelos higienistas. Analisando discursos médicos do período, Jurandir Freire Costa afirma que esse tipo de união era mal vista porque o casamento entre pessoas de idade mais próxima poderia gerar mais filhos, enquanto que os problemas sexuais aconteceriam mais facilmente entre mulheres jovens e homens velhos.¹³⁷ Homens velhos poderiam estar enfraquecidos sexualmente e poderiam deixar suas esposas insatisfeitas, doentes e histéricas, como ocorre com Luiza.

Miranda em sua tese é categórico com relação ao casamento: é preciso que o homem se case para que tenha uma vida completa e feliz. Esse casamento, inclusive poderia ser precedido de exames médicos que atestariam a ausência de doenças que poderiam corrompê-lo, dificultar a relação do casal e torná-lo incapaz de gerar filhos. A visão do autor é expressa com entusiasmo:

Deves casar-te logo que possas, logo que tenhas chegado á idade adulta, que a desobriga do serviço militar te haja restituído a liberdade e te sintas capaz de obviar ás próprias necessidades. Não se é homem ás direitas, enquanto se não chega a chefe de família. Na antiga cidade não se podia exercer a menor função antes de adquirido esse título. Casar e casar novo é o dever. Mas é egual modo a felicidade. A vantagem da sociedade é que é o fim; o proveito pessoal adquire-se ao mesmo tempo. Não existe felicidade real, completa e duradoura, senão no casamento, na família.¹³⁸

¹³⁶ FOUCAULT, Michel. Op. Cit.p. 56.

¹³⁷ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit.. p.220.

¹³⁸ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. p. 96.

Manter-se solteiro, na visão do médico, significava um rompimento com o ordenamento social, calcado no casamento – construtor da família. O solteiro seria sempre incompleto sentimentalmente e promíscuo, pois o homem procuraria mulheres para satisfazer seu desejo, mas sem jamais viver as vantagens do casamento. A exaustão de Alberto, em *Um Homem Gasto*, provém nesse mesmo sentido dos excessos cometidos em sua vida de solteiro.

Casamento e contenção sexual eram as receitas indicadas para a preservação da masculinidade e a manutenção de um lugar social para o homem, que se converteria em chefe de família. O sexo, dessa forma, conquista um único espaço seguro em tal produção discursiva: o casamento. Este, por sua vez, é tido como o espaço ideal para o amor e, portanto, é preciso associar amor e sexo, para que se tenha uma vida saudável e completa:

Não deveria, existir, portanto, união conjugal sem amor, porque tal união só tem de matrimônio o nome, bem como não deveria haver união sexual sem amor, porque uma união deste gênero perde todo o seu caráter humano e social para entrar na categoria dos actos puramente instintivos, próprios dos animais. Falando com propriedade, o amor constitui para a humanidade o cimento dos sexos e o único elemento da estabilidade da união entre o homem e a mulher.¹³⁹

Quando Alberto percebe, na narrativa de Ferreira Leal, que está impotente, logo procura um médico que lhe faz recomendações. Aos primeiros sinais de cansaço o médico recomenda que ele deixe o sexo de lado para descansar. O personagem, no entanto, se recusa a aceitar o regime imposto pelo médico e acaba por adoecer ainda mais, o que se tornará mais dramático após o casamento com Luíza. Depois de casados, o médico chega a recomendar que os dois não durmam juntos, pois a excitação e ao mesmo tempo a incapacidade de Alberto o prejudicavam muito. O tratamento apresentado é, portanto, firmado na questão da restrição sexual. Miranda, por sua vez, também impunha restrições para o sexo dentro do casamento, respeitando os períodos em que a mulher não estaria disposta a ele (na gravidez e durante a menstruação). Ao mesmo tempo, afirma que o sexo necessitaria ser sempre contido para a preservação das funções sexuais:

As relações sexuais não devem ser muito frequentes para que essa repetição não relaxe os sentidos e torne o amor fastidioso. [...] Todo homem inteligente deveria contentar-se com a média de sete ou oito copulas por mês. [...] Nunca se deverá realizar a copula diariamente e muito menos duas ou três vezes só n'um dia, pois

¹³⁹ Ibidem. p. 92.

que será isso um excesso prejudicial a saúde e que arruinará o organismo. [...] Poupae-voz pois, e não abuseis se quereis viver por mais tempo.¹⁴⁰

Desenha-se, desta forma, a idéia de que o homem forte - do qual a família e a pátria necessitam - é aquele que é disciplinado, capaz de controlar seus desejos para preservar a si mesmo. Ser homem, neste sentido, é saber vencer seu próprio corpo, é lutar contra a própria carne. Tais concepções são diametralmente opostas à idéia de masculinidade prevalecente no Brasil até então e demonstram a formação (ou mesmo o esforço de formação) de um novo modo de ser homem, mais compatível com as necessidades de um Brasil que se pretendia transformar em moderno e civilizado.

Essa questão da emergência de um ideal de masculinidade voltado para o autocontrole, não poderia, no entanto, representar uma ameaça à ordem de gênero no que diz respeito às relações entre homens e mulheres. Com o declínio da sociedade patriarcal o homem convertia-se no chefe de família, mantendo a autoridade sobre os demais, ainda que de uma forma um pouco diferente. A fraqueza ocasionada pelo uso excessivo das forças vitais na vivência de prazeres sem limites retiraria a força desse homem que na categoria de chefe familiar não poderia ser submisso ao sexo. Evitar essa fraqueza era em certo sentido, evitar determinadas mulheres, tidas como seres potencialmente perigosos e agentes do descontrole masculino.

Nesta passagem do século XIX para o XX, como foi visto, construiu-se no discurso médico e nos romances para homens um modelo de masculinidade associado à força do pai e chefe de família e ao mesmo tempo criou-se um ideal de feminilidade relacionado à figura da mãe zelosa e dessexualizada. Figuras femininas como a intelectual, a histérica e a prostituta se transformaram em agentes de desequilíbrio e o relacionamento com elas foi visto como um risco para os homens. Essa questão será desenvolvida no próximo capítulo, quando nos aproximaremos um pouco mais de duas dessas mulheres perigosas: Lenita e Rosalina, personagens dos romances *A Carne*, de Julio Ribeiro, e *Mademoiselle Cinema*, de Benjamim Costallat.

¹⁴⁰ Ibidem. pp.58-59.

3 O CONTRAPONTO FEMININO: SOBRE MULHERES PERIGOSAS E SEUS EFEITOS SOBRE OS HOMENS

Porque o que se gostaria é que ela não fosse mais mulher [...] As mulheres constituem uma ameaça para o mundo construído pelos homens e um perigo maior ainda para o conforto de cada um deles. É por isso que elas devem ser educadas, ou seja, deve-se-lhes desenvolver o pudor, a timidez, o sentimento de fraqueza e de inferioridade

Marlyse Meyer

A crise das masculinidades que se estabeleceu na passagem do século XIX para o XX teve sua origem não apenas no declínio do patriarcalismo, mas também no surgimento de novas mulheres. Como visto anteriormente, o discurso médico higienista apoiou-se na idéia de preservação da saúde para que fosse possível que os homens colaborassem para a construção da nação brasileira. Às mulheres, por sua vez, coube a tarefa de assumir o papel de mães da pátria, aquelas que seriam responsáveis por formar homens fortes e saudáveis para atender às necessidades políticas que se apresentavam. Neste sentido, as mulheres que se afastaram desse modelo foram condenadas e por vezes combatidas sob o argumento de que elas subvertiam a ordem e colocavam os homens em risco.

A modernização e as transformações urbanas pelas quais passaram as maiores cidades na passagem do século XIX para o XX não atingiram as relações de gênero. Ainda que a partir das décadas de 1880 e 1890 as chamadas novas mulheres e as primeiras feministas tenham começado a fazer ouvir as suas vozes na Europa, houve uma forte reação a elas não apenas no discurso médico, mas também nas artes, na literatura e nas falas cotidianas de inúmeros grupos masculinos. Havia um temor generalizado de que as mulheres que buscavam sua emancipação passassem a ter filhos fora do casamento, ou ainda que não os tivessem.¹⁴¹ A insegurança relacionada ao advento de comportamentos diferenciados vindos das mulheres que questionavam as concepções tradicionais de casamento, de trabalho e de família fez com que elas frequentemente fossem encaradas como símbolos da degeneração, da subversão e da desordem.

¹⁴¹ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. 1993. p. 15.

Acrescente-se a isso o fato de que as mulheres eram consideradas por tradição como símbolo da transgressão, haja vista as antigas representações de feminilidade presentes no imaginário cristão. As mulheres bem poderiam inspirar-se na imagem casta e maternal da Virgem Maria, mas ainda assim, sua natureza não se afastaria da figura de Eva, aquela que seduziu o primeiro homem levando-o ao pecado. Esse caráter duplo da identidade feminina, associado à necessidade de forjamento de uma nova representação de masculinidade mais associada ao mundo moderno, fez com que neste período se ampliassem as ansiedades referentes aos papéis sexuais de homens e mulheres. Tais ansiedades levaram ao crescimento de diversos movimentos masculinos que pretendiam reafirmar a supremacia dos homens através da misoginia, que se tornou aparente de forma drástica nas artes, como afirma Elaine Showalter:

Ali [na pintura], imagens do narcisismo feminino, da mulher fatal e da esfinge, de mulheres beijando sua imagem no espelho, olhando para si mesmas em banheiras redondas ou absortas no auto-erotismo transformaram-se antes do final do século em selvagens visões “ginocidas” da sexualidade feminina.¹⁴²

Essas imagens femininas associadas à crueldade e à perversidade estiveram presentes não apenas na pintura, mas também nos discursos médico e literário, bem como no próprio imaginário popular. A simbologia da mulher fatal, que segundo Mario Praz, sempre existiu enquanto mito e faz parte de uma tradição da literatura ocidental, terá seu espaço ampliado significativamente na literatura do século XIX.¹⁴³ As artes foram tomadas por imagens de corpos femininos que serviram de metáforas para tudo e que passavam pelos estereótipos de pureza, perfeição e intangibilidade aos seus opostos do perigo e da vulgaridade.¹⁴⁴

Os romances para homens que são analisados nessa dissertação relacionam-se diretamente com essas referências, tratando as mulheres de forma ambígua: algumas são exemplares de uma feminilidade casta e inocente como Luiza e Cecília da narrativa de Ferreira Leal. Outras, como Lenita e Rosalina, são ameaçadoras, pois trazem aos homens desequilíbrio, levando-os à ruína, à exaustão e à morte. Nessas narrativas próximas do Naturalismo as mulheres aparecem como figuras perversas, mas também como dominadas

¹⁴² Ibidem. p. 24.

¹⁴³ PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o Diabo na literatura romântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 179.

¹⁴⁴ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. 1996. pp. 13-14.

pelos seus corpos, submetidas à irracionalidade de seus desejos. Os romances para homens neste sentido assumem um caráter quase pedagógico, advertindo seus leitores dos perigos que mulheres como aquelas personagens representam. Esses romances afastavam-se, portanto, da caracterização que o Romantismo brasileiro fez das mulheres, sempre associadas a um modelo de pureza. Na análise realizada por Luiz Filipe Ribeiro as mulheres de Alencar são sempre retratadas como belas, ingênuas e intocadas. Até mesmo quando são prostitutas, elas guardam uma castidade na alma. No realismo de Machado de Assis, todavia, as mulheres já aparecem com defeitos, algumas no corpo, outras no caráter.¹⁴⁵ Nada, no entanto, que se compare com a frieza de algumas mulheres da literatura naturalista. Estas serão muitas vezes levianas, perversas, mas também muito sensuais. É neste sentido que o Naturalismo é mal interpretado por se aproximar e, por vezes, se confundir com romances eróticos: suas mulheres são quase sempre imorais, mas também são terrivelmente belas e é isso que as faz tão perigosas.

A caracterização realizada por essas obras, nas quais as mulheres se transformaram em causa de transgressão, não fugia do modelo de feminilidade que se queria forjar no período. Os romances para homens confirmaram a idéia de que a função natural da mulher era a maternidade ao recolocá-las no lar, ora punindo as transgressoras, ora produzindo narrativas em que elas no fundo eram infelizes e decadentes pelas suas práticas. Dessa forma, esse tipo de literatura mantinha uma relação com o discurso médico do período, que pretendia encerrar a mulher ao papel de mãe de família higienizada.

O processo de redução da mulher à figura de mãe ocorreu ao longo do século XIX e passou por duas fases distintas, sendo que na primeira as mulheres foram retiradas do confinamento doméstico característico da sociedade colonial e liberadas para o convívio social e para o consumo. Num segundo momento, a higiene reintroduziu as mulheres na família, já devidamente convertidas aos conhecimentos médicos. A amamentação e a sua relação com o amor materno e com a saúde dos filhos foi o principal argumento utilizado pelos médicos para que esse processo se realizasse. E isso porque aos poucos as mulheres que não amamentavam seus filhos passaram a ser descritas como descuidadas e irresponsáveis pelas campanhas higienistas. Logo as mulheres da elite passaram a seguir as prescrições médicas e a ocupar a maior parte do seu tempo com o cuidado dos filhos.¹⁴⁶

¹⁴⁵ RIBEIRO, Luiz Filipe. **Mulheres de Papel**: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008. pp. 423-428.

¹⁴⁶ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. 2004. pp. 255-258.

De acordo com Jurandir Freire Costa, a tarefa de amamentar ocupou as mulheres de forma a fazer preencher o tempo com uma tarefa útil e absorvente o suficiente para que elas não conseguissem espaço para reivindicar uma maior autonomia na sociedade moderna. Longe de promover as mulheres, esse discurso lhes conferiu um papel relacionado apenas à promoção social do marido, fazendo-as acreditar que era muito nobre essa função que naturalmente apenas elas poderiam exercer.¹⁴⁷

A fala dos médicos parecia ser no decorrer do século XIX a única autorizada a falar das mulheres e de seu corpo. Desvendar os mistérios femininos e transmitir seus segredos aos outros homens e às próprias mulheres era a missão do médico. Paulatinamente, ao estudar as transformações do corpo feminino durante a sua vida reprodutiva, eles corporificaram a mulher, tornando-a vítima de um corpo que apenas eles sabiam interpretar. Ela precisaria, portanto, consultar o médico para que pudesse se livrar das perturbações causadas pela gravidez, pelas regras, pela menopausa¹⁴⁸. Este processo se iniciou com a curiosidade de médicos e anatomistas que abriram corpos femininos para decifrá-los, explicá-los e reduzi-los.

O médico assumiu a figura do homem que detém o saber sobre a mulher, que divide e clarifica o corpo feminino para os outros homens. Por esta razão, o discurso que toda a literatura – ficcional ou não – produziu nesse período compartilhava do vocabulário médico. Da mesma forma que a mulher e o seu corpo tornaram-se temas de maior interesse para os médicos, ela também foi eleita pelos escritores como um grande enigma a ser compreendido. “Na literatura médica, bem como na ficção do fin de siècle, a mulher passa a ser o estudo de caso, assim como o caso, um objeto a ser incisivamente analisado e refeito pelo escritor do sexo masculino”.¹⁴⁹

Os retratos produzidos a respeito da mulher levaram à compreensão de que havia uma natureza especificamente feminina, que era ambígua e patológica, pois o próprio corpo da mulher encontrava-se no limite entre a normalidade e a doença. Essa noção está na origem da ginecologia enquanto saber médico especializado no estudo da mulher e de seus segredos¹⁵⁰. Neste sentido, a verdade da medicina sobre as mulheres colocava-as sempre sob suspeita, como se a própria feminilidade fosse um problema.

¹⁴⁷ Ibidem, 258-261.

¹⁴⁸ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. pp. 221-227.

¹⁴⁹ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. 172.

¹⁵⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004. p. 123.

Neste contexto em que os médicos enunciaram discursos autorizados sobre a constituição da família normal e as mulheres tiveram sua sexualidade e sua autonomia negadas em função da centralidade dos papéis de mães e esposas, as mulheres chamadas modernas não só foram mal vistas, como passaram a ser retratadas como anomalias. Do ponto de vista do discurso mais autorizado a discorrer a respeito da natureza feminina, não era coerente com o aparelho biológico da mulher que ela procurasse ocupar espaços masculinos. As mulheres modernas, as pobres e as prostitutas foram aproximadas num discurso negativo sobre a modernidade que as associava à degeneração – da qual elas seriam simultaneamente causa e efeito.

Compreender de que forma os romances para homens e a tese médica *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria*, de Felipe de Sousa Miranda se utilizaram desses referenciais e se relacionaram com eles para produzir suas próprias verdades a respeito das mulheres de seu tempo e dos efeitos que elas provocavam nos homens é o objetivo desse segundo capítulo. Para tanto, na primeira parte a discussão trata da questão das novas mulheres e das prostitutas, duas caracterizações que Rosalina, personagem de *Mademoiselle Cinema*, recebe no romance de Benjamim Costallat. Na segunda parte, a análise concentra-se na figura da intelectual, representada por Lenita, protagonista de *A Carne*, de Julio Ribeiro. Por fim, na terceira parte do capítulo, toma-se como tema a histeria que acomete essas duas personagens e também vítima Luiza, personagem de *Um Homem Gasto*, obra de Ferreira Leal já comentada parcialmente no primeiro capítulo. Nas três partes tratamos dos diálogos existentes entre essas obras literárias e o discurso médico produzido no período referenciando a tese de Felipe de Sousa Miranda ou a partir da bibliografia especializada já existente sobre o tema. Em todo o caso, através dos retratos produzidos acerca dessas três mulheres, acredita-se que é possível demonstrar porque na passagem do século XIX para o XX a natureza feminina foi vista como possivelmente perigosa para os homens.

3.1 A NOVA MULHER E O PERIGO REPRESENTADO PELAS PROSTITUTAS

Era o ano de 1924 quando a Secretaria de Polícia do Distrito Federal do Rio de Janeiro invadiu a livraria Leite Ribeiro localizada na Rua Bittencourt da Silva para recolher todos os exemplares de *Mademoiselle Cinema*, de Benjamim Costallat e prender em flagrante os responsáveis que ali trabalhavam. O motivo da apreensão da obra, de acordo com os dois agentes e o guarda civil que atuaram na ação, era de que ela incentivava a disseminação da imoralidade.

A denúncia que levava a polícia a apurar os fatos veio de Pio Benedicto Ottoni, um jovem de então vinte e nove anos de idade e que ocupava a presidência da *Liga da Moralidade*, instituição de orientação católica que já há alguns anos buscava retirar de circulação qualquer material de conteúdo erótico ou pornográfico, ainda que sem o amparo da lei.¹⁵¹ Os argumentos contrários a esse tipo de material encontravam respaldo em jornais que circulavam no Rio de Janeiro, tais como *Terra do Sol* que afirmava em 1924:

Levantam-se clamores de indignação contra certos livros immoraes e certos autores immoralissimos que por ahi andam.[...] A imoralidade de taes livros não é a acusação única a articular contra os mesmos. Ha outras, a que talvez sejam mais sensiveis os que, por uma depravação do espirito, vão busca-los ás livrarias e ávidamente se entregam á sua leitura [...] isto de policiamento contra as leituras perigosas é coisa que importa, antes de todos, aos pais. [...] Permitir que a filha ingenua, que vem florindo para a vida, folheie um livro daqueles é semear-lhe na alma o soffrimento futuro. [...] quando os pais têm pudor, os filhos também o têm. As excepções confirmam a regra. Assim, aos pais, toda a culpa do sacrilégio. Que os que ouvirem a acusação da consciencia tenham, pelo menos, d'agora por diante, a coragem de reagir contra a tendencia má dos filhos, contra a sua própria falta de imoralidade.¹⁵²

O autor do polêmico livro, Benjamim Costallat, já esperava tal reação dos conservadores antes mesmo da publicação de *Mademoiselle Cinema*. No seu prefácio, ele afirmava:

Vão gritar contra o escândalo! De apito na boca vão apitar para a moral, como se a moral fosse uma espécie de guarda noturno, postado numa esquina, a disposição de qualquer apito! [...] Que esperneiem e continuem a gritar, em altos brados, que sou um escritor pornográfico. Não faz mal. Eu continuarei a dizer verdades, as minhas verdades que, só porque ninguém as diz, passam a ser mentiras. A verdade só por si

¹⁵¹ EL FAR, Alessandra. Op. Cit. 2004. pp. 273-290.

¹⁵² TERRA DE SOL. *Literatura immoral*. Rio de Janeiro, março de 1924. n. 3.

é uma cousa escandalosa. E quando a verdade dói, ela escandaliza mais ainda! Melle. Cinema vai ser, pois, considerado um livro escandaloso e imoral.¹⁵³

Costallat já havia escrito outros livros quando publicou *Mademoiselle Cinema* e era um escritor dedicado a viver de seu ofício, coisa difícil e rara nesse período. O livro em questão era uma versão de *La garçonne*, famosa obra francesa que difundida por toda a Europa, causou escândalo por retratar uma menina com ares de garoto. O barulho em torno do texto foi tanto, que seu autor, Victor Marguerite acabou expulso da Academia Francesa. O fato de Costallat ter conhecimento do ocorrido na França talvez o tenha motivado a publicar a versão brasileira do romance, pois seria um prato cheio para causar tumulto entre os críticos, o que bem poderia fazer o livro vender ainda mais.¹⁵⁴

Ainda que o autor estivesse realmente comprometido com “as verdades” de sua literatura e não apenas interessado em atrair os olhares sobre a obra, o fato é que *Mademoiselle Cinema* foi o livro mais vendido no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Num espaço de dez meses a obra vendeu em três edições mais de 25 mil exemplares, tendo atingido pouco depois a marca de 60 mil obras vendidas em sua quinta edição.¹⁵⁵

A história contada por Costallat tinha Rosalina como personagem principal e se iniciava com uma viagem de navio na qual ela e sua família se dirigiam para Paris. No decorrer da viagem a moça – de cabelos curtos à *garçon*, lábios em forma de coração, pega-rapaz caindo sobre a testa, roupas leves e transparentes, saias curtas e decotes longos – recorda-se das aventuras vividas com homens ainda no Rio de Janeiro.

Rosalina perdera a inocência, de acordo com seu autor, quando num baile da alta sociedade experimentou seu primeiro beijo. Ao perceber que para aquele que a tinha beijado o que se passara não foi importante como para ela, a personagem passa por uma desilusão que acaba com o seu romantismo. Ela então passa a praticar o beijo como as outras pessoas de sua época – como um esporte. Nas palavras do autor:

Na sociedade de hoje, os beijos e outras coisas mais dão-se assim...[...] [Rosalina] Deixou de ser inocente. Ficou, depois de uma curta desilusão, menina de sua época. Foi a novos bailes e deu novos beijos. Teve, então, os chamados *flirts*. *Flirts* têm-se sempre às porções. É um vocábulo para o qual, praticamente, não existe o singular.¹⁵⁶

¹⁵³ COSTALLAT, Benjamim. **Mademoiselle Cinema**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. p. 29.

¹⁵⁴ EL FAR. Op. Cit. pp. 290-291.

¹⁵⁵ Ibidem. p. 289.

¹⁵⁶ COSTALLAT. Op. Cit. p. 53.

É neste momento que Rosalina passa a ser chamada de *Mademoiselle Cinema*, numa analogia que o autor realiza entre a sua personagem e o cinema, sucesso da época. Assim como o cinematógrafo se tornou um espetáculo maravilhoso e acessível, Rosalina foi se tornando um espetáculo para os homens.

No navio *Mademoiselle Cinema* conhece o escritor de livros escandalosos Roberto Fleta, pelo qual ela se interessa. O autor deixa subtendida a convivência dos pais da menina (que então tinha dezessete anos) no relacionamento que ela passa a ter com o escritor, um homem vinte anos mais velho e casado. Depois de alguns dias de *flirts* com o escritor, Rosalina o convida para um encontro a sós, em um lugar reservado do navio. No encontro, a moça perde a virgindade. Antes mesmo de terminar a viagem, no entanto, seu interesse pelo amante já havia diminuído bastante, ansiosa que estava por chegar a Paris.

A vida na capital francesa é descrita por Costallat como repleta de consumismo, futilidade e imoralidades. Lá Rosalina passa a viver cercada por inúmeros homens com os quais mantém relações sexuais. Cansada de Fleta, ela o abandona por outros e ele acaba se tornando um homem decaído, desesperado, viciado em cocaína.

O comportamento dos pais de Rosalina é apontado por Costallat como o responsável pelo destino da filha. A mãe, a senhora Martins Fontes é retratada como uma mulher fútil, apenas preocupada com as compras, enquanto o pai freqüentava casas de prostituição em Paris, onde passava a maior parte do tempo. É de um desses prostíbulo que Rosalina recebe uma ligação, num determinado momento, que altera os rumos da narrativa. O pai da moça vem a falecer nos braços de uma prostituta e ela é chamada para retirá-lo de lá.

Com a morte do pai, *Mademoiselle Cinema* passa a refletir sobre a vida de exageros e imoralidades que ela levava e decide retornar para o Brasil junto com a mãe. As duas passam um período de luto em Paquetá na casa de parentes e lá Rosalina conhece Mário, um artista premiado pela Escola de Belas Artes por quem se apaixona verdadeiramente. Mario propõe à Rosalina casamento e ela fica emocionada com a promessa de felicidade na vida a dois. No entanto, ela mesma não se considera digna de receber o amor do rapaz e de se tornar a mãe de seus filhos. Então ela decide voltar ao Rio de Janeiro, de onde escreve a Mario com pesar, contando tudo o que se passou em sua vida. A história termina quando, ainda triste, *Mademoiselle Cinema* escolhe um vestido muito decotado para o seu primeiro baile após o luto.

Benjamim Costallat não trata de forma explícita as cenas de sexo em seu texto, ainda que em *Mademoiselle Cinema* haja referências sobre masturbação, lesbianismo e diversas

resultou na apreensão de *Mademoiselle Cinema*. Não foram poucas, todavia, as defesas que foram feitas do livro e de seu autor nos periódicos cariocas do período. Em 16 de outubro de 1924, publicava-se em *O Paiz*:

Não sei se o Sr. Pio sabe que não há livros imorais. Há livros bem escritos e mal escritos, como dizia sempre o morbidíssimo Oscar Wilde. Eis aí uma grande verdade que precisa entrar pela cabeça dos perseguidores de minha terra. Toda a gente sabe que a imoralidade é a realidade essencial das coisas. A moral é uma complicada mentira, que vive pesando no orçamento do nosso velho conhecido Tartufo.¹⁶⁰

A relação entre a verdade expressa nas obras literárias e a acusação de imoralidade, remete ao próprio prefácio que Costallat escreveu para seu livro, aqui já citado. Nele o autor afirmava ser um pornógrafo se a definição de pornografia passava pelo ato de desvelar aquilo que há de mais verdadeiro nas pessoas e na sociedade na qual elas vivem. O argumento se aproxima do utilizado pelos autores naturalistas, quando no século XIX foram alvos de polêmicas semelhantes:

Se pornografia, porém é ser sincero; se pornografia é apontar as cousas como são e não como parecem ser; se pornografia é passar o bisturi nos bonecos humanos e fazer-lhes pular o pus para fora; se pornografia é ir até as entranhas das criaturas e dissecá-las, impiedosamente, para bem da verdade; [...] se pornografia é transformar um livro em chicote e chicotear com ele os costumes de uma sociedade inteira; se a pornografia é tudo isso – sejamos pornográficos, eu quero ser pornográfico e viva a pornografia!¹⁶¹

Benjamim Costallat publicou através de sua editora, a Costallat e Micolis, inúmeros livros de sua autoria e também de autores como Theo Filho, Álvaro Moreira, Orestes Barbosa, José do Patrocínio Filho, Ribeiro Couto, Lucílio Varejão, Gilka Machado e Crysantheme. Esse grupo de literatos, que Alessandra El Far definiu como integrantes de um grupo de “neonaturalistas”, escrevia histórias nas quais os personagens centrais eram bêbados, drogados, prostitutas, jovens devassos diante de seus crimes e perversões. O objetivo era o de narrar a vida da metrópole carioca, com todos os seus problemas e conflitos.¹⁶² Esses ideais foram lembrados por um literato que apresentou uma defesa de Costallat no periódico *O Careta*, em 1924:

¹⁶⁰ SILVEIRA, Paulo. Madame Tartufo. *O Paiz*. Rio de Janeiro: 16 de outubro de 1924. Apud. COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. p. 159.

¹⁶¹ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. p. 30.

¹⁶² EL FAR, Alessandra. Op. Cit. p. 287.

Instauraram um santo-ofício literário? Muito bem. Sejam, porém, coerentes na sua agreste e retrógrada intolerância. *Melle. Cinema* não pode, não deve ser uma vítima solitária do medievalismo que surge. Há aí pelas grandes livrarias uma obra célebre de Júlio Ribeiro, uma outra não menos notável de Adolfo Caminha; há quase todos os trabalhos formidáveis de Emile Zola dando-nos uma visão panorâmica dos vícios do homem, dos seus instintos morais, da sua bestialidade, da perversão sexual e da corrupção das suas paixões. [...] Há tantos e tantos outros autores que, como o jovem e festejado escritor brasileiro, descreveram a vida real, com as suas degradações, e que desafiam, eles também, as buscas e apreensões ordenadas pela Liga da Moralidade.¹⁶³

O que havia de inovador na escrita de Benjamim Costallat era o ritmo de sua escrita, identificada com as mudanças que ocorriam na capital federal. A narrativa é rápida e se atém apenas aos detalhes imprescindíveis à compreensão do enredo, diferentemente do que ocorria nos romances naturalistas. Também a linguagem é marcada por um vocabulário que comporta alguns estrangeirismos derivados do inglês, símbolo da crescente influência dos Estados Unidos sobre o Brasil após a Primeira Guerra Mundial.

O que não é novo, no entanto, é a utilização de um enredo que não se furta de tratar da sexualidade para estabelecer um efeito moralizador, o que provoca discussões acirradas entre os críticos que tendem a tratar como imorais as obras que se propõem a discorrer sobre sexo no período. Também não é nova uma caracterização negativa da liberdade sexual das mulheres, o que as torna contra-indicadas para se relacionar com os homens. Neste sentido, apesar dos referenciais relacionados à modernidade presentes no texto de *Mademoiselle Cinema*, não há inovações em relação ao conteúdo moral que estabelece um lugar preciso para as mulheres nas relações de gênero: o de mãe e esposa. Na obra de Costallat, é neste lugar que se encontra a felicidade e mulheres como Rosalina devem ser evitadas pelos homens, pois os levam à ruína.

Por preservar esse caráter de ordem moral em seu texto é que Benjamim Costallat foi absolvido em 1924 da acusação de ser autor de um livro inadequado para circular na cidade do Rio de Janeiro. Na leitura realizada pelo promotor José Gomes de Paiva após a apreensão do livro, o autor visava apenas descrever os defeitos de educação de certas moças, com a finalidade de mostrar os seus inconvenientes para corrigi-los. Logo, a acusação realizada pela Liga pela Moralidade foi considerada improcedente.

A modernização e as novidades da passagem do século XIX para o XX acompanharam o surgimento de diversas obras literárias como *Mademoiselle Cinema*, que

¹⁶³ Crônica intitulada “Instaura-se no Brasil o Santo Ofício Literário”, publicada no periódico *O Careta* e reproduzida na íntegra na edição de *Mademoiselle Cinema* utilizada para a confecção desse trabalho. COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. pp. 156-157.

pretendiam expor e denunciar o caráter imoral de determinados setores da sociedade brasileira. Assim como ocorreu com *Um Homem Gasto*, de Ferreira Leal, apesar da polêmica levantada por algumas dessas obras, a presença das lições de moral ao final delas deixa perceber que em meio a algumas transgressões na escrita utilizada pelos autores (a ponto de muitos desses livros serem considerados pornográficos), há muitos pontos de convergência entre o conteúdo desses livros e o discurso moral assinalado pelos médicos no período. Moral esta que defende em última instância o modelo familiar burguês forjado no Brasil no decorrer do século XIX e que atribuiu à mulher o papel de mãe e ao homem o papel de pai de uma geração que tinha como missão construir uma nação na qual realmente se encontrasse a ordem e o progresso.

Em diversas partes de seu texto Costallat afirma que Rosalina é uma moça de seu tempo. A principal crítica que o autor faz se refere às liberdades que são dadas nesse período para as moças por suas famílias e ao mesmo tempo às suas próprias ambições nesse período. Rosalina é uma mulher moderna, sexualmente independente e que não está preocupada com o casamento, o que inclusive a faz se envolver com um homem já casado.

Como assinalado no início do capítulo, a decadência da sociedade tradicional patriarcal e a emergência de um novo modelo de masculinidade traziam consigo o receio do surgimento de uma nova mulher, sexualmente independente, que criticasse o casamento e que se recusasse a ter filhos. Esse receio, segundo Elaine Showalter é característico dessa passagem do século XIX para o XX e se fez presente não apenas na literatura, mas também na medicina:

À medida que as mulheres começaram a procurar oportunidades para o desenvolvimento pessoal fora do casamento, a medicina e a ciência passaram a fazer advertências no sentido de que ambições dessa natureza resultariam em doenças, comportamento aberrante, esterilidade e degeneração racial.¹⁶⁴

Nas últimas décadas do século XIX a figura da nova mulher já era conhecida na Europa e a caracterização dessas mulheres era geralmente realizada de forma negativa¹⁶⁵.

¹⁶⁴ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. p. 62.

¹⁶⁵ Discursos contra-hegemônicos neste sentido começam a aparecer no Brasil no final do século XIX através de alguns escritos de mulheres como Délia (pseudônimo de Maria Benedita Câmara Bormann), que em seus romances defendia a instrução, o direito à profissão e a satisfação dos desejos por parte das mulheres. Em 1890 a autora publicou o romance "Lésbia", história cuja heroína é uma escritora que se separa do marido por ele não aceitar sua superioridade intelectual. Pouco mais tarde, no início do século XX, Julia Lopes de Almeida, Elisa Teixeira de Abreu e Ercília Nogueira Cobra produziram textos literários influenciados por discussões feministas. A divulgação de seus livros, no entanto, foi muito mais restrita que a das obras com as quais trabalhamos e até hoje seus textos não se encontram nos livros que tratam da literatura brasileira. A esse respeito, ver: TELLES,

Neste mesmo sentido, Rosalina termina o romance triste e só, em certa medida arrependida, mas sem se sentir digna da felicidade de ocupar um espaço útil na sociedade à qual ela pertencia. A origem desse sentimento de deslocamento da personagem encontra-se justamente na forma desregrada que ela exerce a sua sexualidade. Mesmo virgem Rosalina costumava provocar os homens com os quais dançava nos bailes que freqüentava e quando conheceu Fleta, mesmo sabendo de sua condição de casado, a moça o procurou e não hesitou em tomar a iniciativa de marcar um encontro a sós com ele:

Rosalina foi a primeira a arranjar o plano: depois que todo o navio estivesse adormecido, viria encontrá-lo no tombadilho mais alto, junto aos botes e ao jogo de *tennis*. O pretexto, caso fosse descoberta? O calor, o terrível calor que estava fazendo, pois o *Arlanza* acabava de passar pelo Equador; o calor, que a impedia de dormir na sua “cabine”; o calor, que lhe dava tonteiras; tonteiras, acrescentou ela, baixinho, de amor...
Fleta só teve que aceitar. Os Romeus de hoje é que ficam à janela; as Julietas é que arranjam escada de corda e tudo o mais para subir até eles...¹⁶⁶

No julgamento que Costallat faz de Rosalina e das moças de seu tempo a idéia de que uma mulher pudesse viver seus desejos de forma livre e sem limites parecia insuportável. Esses limites impostos pela moral eram sustentados por argumentos médicos, que defendiam que mulheres que se deixassem levar por seus desejos tornavam-se doentes, envelheciam precocemente, perdiam sua vitalidade e beleza¹⁶⁷. É dessa forma que Costallat descreve Rosalina ainda na adolescência: “E Rosalina tinha embarcado, viciada, corrompida, gasta”¹⁶⁸. Já na segunda parte do romance, a noção de envelhecimento em função de uma prática não recomendada do sexo aparece na caracterização da dona do bordel em que o pai de Rosalina vem a falecer: “quarenta anos, não mais, representado porém, cinqüenta, tão fatigados tem os olhos, o rosto, a boca, as palavras, ora açucaradas, ora ríspidas; melosa e violenta ao mesmo tempo – a dona de pensão, enfim, a patroa onipotente do bordel”¹⁶⁹.

Em outras passagens Rosalina é chamada de prostituta por Fleta. Na verdade, a narrativa leva a crer que a moça se torna prostituída, pois se relaciona com diversos homens

Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, UNESP, 1997. Cap. 12. p. 401-442.

¹⁶⁶ COSTALLAT, Benjamim. pp. 64-65.

¹⁶⁷ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. 269.

¹⁶⁸ COSTALLAT, Benjamim. p. 55.

¹⁶⁹ Ibidem. pp. 137-138.

em troca de presentes e agrados. A figura da prostituta foi vista no período como uma grande fonte de perigos aos homens, pois elas seriam responsáveis pelo contágio de doenças e pela dissipação da energia masculina. Felipe de Sousa Miranda discorre a respeito dos riscos que correm os homens que se relacionam com essas mulheres em sua tese *Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria*:

Entregues a si próprios, sem uma orientação certa e segura, sem uma mão amiga que os possa salvar, lá se vão inconscientemente procurar a satisfação dos seus desejos sexuaes em meretrizes das mais ínfimas camadas sociaes; e d'ahi necessariamente: - o grande mal!

Lembro-me bem do que ocorreu a um marinheiro de primeira viagem, e a maneira original por que elle prometeu a si próprio nunca mais embarcar em canôa furada...Tinha cerca de 15 anos, e por insistentes convites de outros rapazolas mais sabidos, porque já freqüentavam há algum tempo bordeis, elle certo dia, depois de conseguir alguns nickeis, fez sua primeira visita a um desses tantos antros de perdição que infelizmente existem na nossa Capital, como em toda parte. [...] Viu o moço inexperiente realizado a sua grande aspiração: a de ter relações sexuaes com uma mulher! [...] Disse-me, porem, que nunca lá tivesse posto os pés, pois que os poucos segundos durante os quaes havia sentido a primeira sensação do espasmo genital, jamais poderiam compensal-o dos atrozes soffrimentos por que vinha passando! [...] E a lição foi assim preciosa e por certo que lhe há de ter servido para o resto da vida, porque nunca mais se livrou da blenorrhagia, que então apanhára, e que não tendo sido cuidada e tratada convenientemente acabou se tornando chronica!¹⁷⁰

No discurso médico o corpo das prostitutas foi relacionado a uma representação do desregramento feminino que levava à decadência e à degeneração.¹⁷¹ Além de representarem perigos aos homens aos quais transmitiam doenças, as prostitutas seriam responsáveis por dar maus exemplos a outras mulheres pela exibição que faziam de seu comportamento sexualmente descontrolado. Como afirma Jurandir Freire Costa, essas mulheres consideradas perdidas foram convertidas pelos médicos em anti-modelos da mulher higiênica¹⁷². Amantes do luxo e da ociosidade, essas mulheres tendiam a colocar seus interesses frívolos acima de tudo, como faz a dona do bordel da narrativa de Costallat. A despeito da morte do cliente em sua casa, ela faz com que o corpo do pai de Rosalina seja retirado de lá apenas horas depois, pela porta dos fundos para não prejudicar seus negócios. O próprio fim de Martins Fontes exemplifica o caráter decadente daqueles que se deixam envolver por prostitutas e do quão arriscado isso poderia ser:

¹⁷⁰ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. 1929. pp. 15-17.

¹⁷¹ MARTINS. Op. Cit. p. 117.

¹⁷² COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 265.

O quadro era sinistro: aquela criaturinha sem sentidos, o ar espavorido daquelas mulheres, seminuas, mulheres cuja missão é sorrir, sorrir sempre, sorrir de tudo, sorrir... e no leito, naquele leito de amor profissional, naquele leito cheio de cores, de rendas e de espelhos, espelhos destinados a reproduzir a luxúria sob todas as suas faces, o cadáver horripilante, em mangas de camisa, medonho, a cara roxa e monstruosa, multiplicada ao infinito pelos mesmos espelhos destinados a multiplicar, habitualmente, as mais variadas formas do gozo e da libidinagem...¹⁷³

À semelhança da prostituta, a nova mulher seria de toda maneira um risco para os homens, mas não apenas para eles, como para si mesma. Os males que poderiam acometer essas mulheres seriam muitos: a histeria, a neurastenia, a anorexia. O objetivo dessa caracterização era manter as mulheres no lugar que sempre lhes foi reservado: o lar, acompanhando seu marido e cuidando de seus filhos. Na visão da maior parte dos intelectuais brasileiros a mulher normalizada seria um ser moral de fundamental importância na constituição do caráter dos futuros cidadãos. Logo, a pátria necessitava da mulher-mãe, não da nova mulher e de suas ambições.

A personagem de Costallat, Rosalina, não se torna mãe. A vida mundana e distante dos padrões morais a impede de assumir este papel. No entanto, quando ela mesma assume a sua incompatibilidade com a maternidade o tom da escrita de Costallat é bastante dramático:

[...] Rosalina brincou com as crianças. E, quando delas se separou, Melle. Cinema levava no coração a grande melancolia de não ter para si, só para si, uma grande boneca loira, como aquela, que sempre lhe sorrisse e que lhe chamasse – mamãe. ... Mas isso era impossível! Ela, a Melle. Cinema, ela, a *garçonne* americana, ela, a pequena leviana do século do *shimmy*; ela, a criaturinha 1921 educada ao som do *jazz*. Ela, a pequenina impudica e pecadora, profissional do *flirt*, da dança e do sorriso – ela, ela, mãe de família! Um louco absurdo. E naquela noite quente de Paquetá, naquela noite em que havia beijos no ar, Rosalina sofria, sofria muito.¹⁷⁴

O destino natural das mulheres foi associado neste período, tanto no discurso médico quanto no literário à maternidade. Neste contexto aquelas mulheres que não desejassem ser mães passaram a ser atacadas duramente. Apoiados nas idéias eugenistas, os médicos não apenas disseminaram a ideologia da maternidade, como transformaram o ato de ter e criar filhos como um compromisso que cada mulher deveria assumir com a pátria. As mulheres que cumpriam bem esse papel eram consideradas elevadas moralmente num discurso que freqüentemente acenava para a felicidade e para realização feminina através do cuidado dos

¹⁷³ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. p. 136.

¹⁷⁴ Ibidem. p. 151.

filhos.¹⁷⁵ O sofrimento de Rosalina existia porque ela teria se dado conta de que não teria acesso a essa felicidade:

O meu maior castigo será viver. E viverei! Viverei, eternamente, entre gente indiferente, servirei de instrumento do gozo passageiro dos homens, dançarei, dançarei... [...] Eu sempre serei a Melle. Cinema. Sem um marido, sem um filho, sem ninguém. Que desolação! Vê que serei bastante castigada.¹⁷⁶

Na tese de Fellipe de Sousa Miranda, há uma caracterização da mulher ideal a qual todo homem deveria procurar, afastando-se daquelas consideradas inadequadas. O relato é interessante por ser uma recomendação médica a respeito dos comportamentos que o homem deve observar na mulher quando está interessado em contrair matrimônio:

O homem torna-se exigente quanto se trata de encontrar uma mulher legítima. Quer que não se pareça áquellas que conheceu antes e pelas quaes experimenta um profundo desprezo: as qualidades que pede a sua futura esposa são precisamente oppostas ás que reclamava das mulheres com as quaes coabitou. A melhor, sobretudo, para elle é a que guarda uma ignorância absoluta das cousas relacionadas com a sexualidade [...]. A educação que se dá a uma jovem tem, pois, como fim principal, satisfazer essa exigência do homem; é preciso que chegue candida, temerosa e cheia de rubor ao leito nupcial e entregue uma alma tão virgem como a sua carne á iniciação marital.¹⁷⁷

Neste período, de acordo com Margareth Rago, a mulher se transformou num objeto de cuidados rígidos com relação à sua educação e práticas: “Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize”.¹⁷⁸ Disto decorre a preocupação de Costallat, reiterada em diversos momentos, com relação à educação de sua personagem. Rosalina, neste sentido, culpa sua própria mãe pelo seu destino:

Não me fizeram para ser uma mulher honesta. Fizeram-me para ter muitas *toilettes* e para ter muitos amantes. Aliás, uma mulher com muitas *toilettes* não pode viver para um homem só. A elegância é uma função do amor. E quando uma mãe, como a que possuo, faz tanta questão que antes dos quinze anos a sua filha tenha uma *lingerie* maravilhosa, muito leve e bordada, que antes dos quinze anos ela pinte os olhos, a boca e passe depilatório pelo corpo; que antes dos quinze anos ela se vista excitadamente, tenha passos ondulantes, dê a mão a beijar aos homens e agrade

¹⁷⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. p. 188.

¹⁷⁶ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. pp. 152-153.

¹⁷⁷ MIRANDA, Fellipe de Sousa. Op. Cit. p. 90.

¹⁷⁸ RAGO, M. **Do cabaré ao lar** : a utopia da cidade disciplinar : Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 63.

esses mesmos homens com recursos de prostitutas – é que, visivelmente, essa digna mãe não pretende que a sua digna filha vá para algum convento.¹⁷⁹

Costallat coloca desta maneira na fala de sua personagem central, a crítica que pretende fazer à criação descuidada de meninas em seu tempo. Educação esta que estaria criando adolescentes que já não conservavam a inocência. A perspectiva do literato corrobora a opinião dos médicos, pois de acordo com Ana Paula Vosne Martins, o interesse dos médicos da passagem do século XIX para o XX voltou-se muitas vezes para a questão da adolescente, pois era esse o período em que ela se tornaria uma mulher. Esta fase da vida da moça em que o corpo sofria intensas modificações era tida como crucial, pois nela a menina passaria por fragilidades físico-emocionais que poderiam gerar problemas, caso houvesse um ambiente nocivo ou más companhias. A sexualidade feminina deveria, portanto, ser mantida sob vigilância e sob controle até o casamento.¹⁸⁰

Em meio a diversas prescrições médicas que pretendiam preservar a saúde frágil da adolescente, estava a de que ela fosse educada preferencialmente no lar, longe de distrações sociais que pudessem provocar desequilíbrio. Neste sentido, teatros, bailes e diversões demasiadamente excitantes eram contra-indicadas às moças, pois poderiam produzir ataques nervosos.¹⁸¹ É justamente este tipo de ambiente hostil que Rosalina frequenta no início da narrativa de Costallat e que faz com que ela perca a inocência acompanhada de suas amigas. Esses bailes acompanhados de leituras eróticas é que fizeram com que Rosalina descobrisse sua sexualidade sozinha, masturbando-se enquanto tomava banho:

[...] durante longos minutos, ela se acariciava toda - os braços, as pernas, o minúsculo ventre, os seus seios miúdos. E, excitada, beijava-se a si mesma, em convulsões voluptuosas, até cair num banho quente, fervendo, onde, exausta e violentamente acalmada, ela quase adormecia...¹⁸²

Após descrever as primeiras descobertas sexuais de Rosalina - o primeiro beijo, a masturbação, a primeira vez – Costallat passa a retratá-la como uma fria devoradora de homens. A mulher de sexualidade exacerbada, no entanto, tem seu contraponto: o homem enfraquecido, que perde a sua virilidade, assim como Fleta, que Melle. Cinema descarta:

¹⁷⁹ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. pp. 115-116.

¹⁸⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. pp. 162-163.

¹⁸¹ Ibidem. p. 165.

¹⁸² Ibidem. p. 31-32.

‘Sabes, querida, depois que te deixei a bordo, envelheci consideravelmente. Os teus cabelos, durante alguns dias, doaram a minha vida. O teu corpo rejuvenesceu o meu corpo. Mas partiste... E nunca me senti tão velho quanto agora, depois que me deixaste.’

[...]

Em menos de dois meses, Melle Cinema tinha inutilizado completamente o escritor. Fleta, emagrecido, exausto, nervoso, olheiras fundas, com os seus beijos lhe havia dado tudo – a sua vontade, o seu amor próprio, a sua vergonha.¹⁸³

De adolescente curiosa, Rosalina se transforma numa mulher consciente de sua situação que nem por isso deixa de freqüentar bailes para entreter e se divertir com os homens. É a própria personagem que chama atenção para a sua degradação e decadência ao final do romance e, no entanto, ela não foge disso, dando continuidade aos comportamentos condenados pelo autor. O caráter moralizante do texto de Benjamim Costallat é explícito, ainda que *Mademoiselle Cinema* tenha causado polêmicas nas primeiras décadas do século XX no Brasil. O conteúdo moral presente no livro está de acordo com o discurso médico produzido no país desde o século XIX e a narrativa com apelo às fatalidades lembra as obras escritas sob a estética naturalista.

Se observadas em conjunto, as idéias médicas, como as expressas na tese de Felipe de Sousa Miranda e o livro de Benjamim Costallat, demonstram o quanto são resistentes as noções de feminilidade desenvolvidas pela medicina higienista do século XIX. O modelo de mulher associado à figura da mãe de família fez surgir, como seu oposto, a caracterização de mulheres que mereciam ser postas constantemente sob suspeita. As mulheres de *Mademoiselle Cinema* são apenas algumas delas, mas não trazem em si todas as dimensões dos perigos relacionados à feminilidade. Neste sentido, a figura da intelectual também trará temores a médicos e escritores.

¹⁸³ Ibidem. pp. 102 e 106.

3.2 A INTELLECTUAL

Num período em que algumas mulheres passaram a reivindicar maior autonomia e o direito a uma educação equiparada a dos homens, os médicos sustentavam que essas novas mulheres representavam um perigo para a sociedade. Mulheres que desejavam dedicar-se aos estudos e ao aprendizado de uma profissão que lhes garantisse uma participação mais ativa na sociedade e a possibilidade de se tornarem independentes dos homens passaram a ser caracterizadas de forma negativa. Na visão dos médicos, as mulheres intelectualizadas negavam a sua natureza e se tornavam obcecadas pelo desenvolvimento de seu cérebro, o que terminava por definhando seu útero.¹⁸⁴ Em *A Carne*, romance de Julio Ribeiro publicado em 1888, Lenita é uma dessas mulheres que na busca pelo conhecimento acabam vitimadas pela sua própria feminilidade.

Lenita era uma jovem rica que muito cedo havia se tornado órfã por parte de mãe e foi criada com muito zelo por seu pai, que fez questão de que ela recebesse uma educação diferenciada de outras moças de seu tempo. Acompanhando os estudos que seu pai realizava, a moça tornou-se extremamente culta:

Leitura, escrita, gramática, aritmética, álgebra, geometria, geografia, história, francês, espanhol, natação, equitação, ginástica, música, em tudo isso Lopes Matoso exercitou a filha porque em tudo era perito: com ela leu os clássicos portugueses, os autores estrangeiros de melhor nota, e tudo quanto havia de mais seleta na literatura do tempo. [...] Lenita teve então ótimos professores de línguas e de ciências; estudou o italiano, o alemão, o inglês, o latim, o grego; fez cursos muito completos de matemáticas, de ciências físicas, e não se conservou estranha às mais complexas ciências sociológicas. Tudo lhe era fácil, nenhum campo parecia fechado ao seu vasto talento.¹⁸⁵

Até mesmo em função do vasto conhecimento que adquire, Lenita passa a ter certo desprezo pelos homens, não demonstrando qualquer interesse pelo casamento. Essa questão torna-se explícita no diálogo entre a moça e seu pai logo no início do romance:

– Sabes que mais? Estou convencido de que errei e muito na tua educação: dei-te conhecimento acima da bitola comum e o resultado é ver-te isolada nas alturas a que te levantei. O casamento fez-se para a mulher, e a mulher para o homem. O casamento é uma necessidade, já não digo social, mas fisiológica. Não achas, de certo, homem algum digno de ti?

¹⁸⁴ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. p. 63.

¹⁸⁵ RIBEIRO, Julio. *A Carne*. São Paulo: Editora Escala. s/d. p. 9.

- Não é por isso, é que ainda não sinto a tal necessidade do casamento. Se eu sentisse, casar-me-ia.
- Mesmo com um homem medíocre?
- De preferência com um homem medíocre. Os grandes homens em geral não são bons maridos. Demais, se os tais senhores grandes homens escolhem quase sempre mulher abaixo de si, por que eu que, na opinião de papai, sou mulher superior, não faria como eles, escolhendo marido que me fosse inferior?¹⁸⁶

Pouco tempo depois desse diálogo Lopes Matoso, pai de Lenita, vem a falecer repentinamente. A moça então passa por um grande período de intenso sofrimento. Única herdeira do pai Lenita trata de aplicar os valores de sua fortuna para que ela fique bem segura e se retira para a fazenda do coronel Barbosa, um antigo tutor de seu pai que teve prazer em lhe receber nesse período de luto. Já na fazenda ela tenta se ocupar das leituras e quando a dor pela perda de seu pai foi se tornando mais amena, ela passa a fazer longos passeios pela propriedade onde observa a natureza, os animais, os escravos e tudo o que havia por lá.

A jovem intelectual então passa por uma transformação naquele ambiente. O mal estar do luto aos poucos vai se convertendo num mal estar geral, que parece roubar suas forças vitais. De início Lenita nada compreende, mas aos poucos vai percebendo que as mudanças que deixam seu organismo inquieto estão relacionadas à sua feminilidade. Julio Ribeiro descreve a mudança no campo de interesses da jovem como tendo uma causa orgânica e fatal, como se tivesse chegado o momento de ela descobrir o seu corpo, sua sexualidade e cumprir o seu papel natural de mãe e esposa:

[...] Lenita sentia-se outra, feminilizava-se. Não tinha mais gostos viris de outros tempos, perdera a sede de ciência: de entre os livros que trouxera procurava os mais sentimentais. [...] Tinha uma vontade esquisita de dedicar-se a quem quer que fosse, de sofrer por um doente, por um inválido. Por vezes lembrou-lhe que, se casasse, teria filhos, criancinhas que dependessem de sua solicitude, de seu leite. E achava possível o casamento.¹⁸⁷

O vocabulário utilizado por Julio Ribeiro remete às idéias médicas oitocentistas. Assim como em outras narrativas naturalistas no livro *A Carne* há um determinismo biológico que funciona como força motriz de boa parte do enredo. É desta forma que Lenita, de jovem com aspirações intelectuais paulatinamente vai se convertendo em uma mulher ciente de sua sexualidade e mais tarde, numa prisioneira de seu próprio corpo. O pensamento racional a acompanha ao longo de toda a narrativa, mas entra em conflito com seu organismo, com seus

¹⁸⁶ Ibidem. p. 10.

¹⁸⁷ Ibidem. p. 15.

desejos, com o império de sua natureza. Ao mesmo tempo em que a moça despreza o casamento e pensa que só se uniria a um homem que ela pudesse dominar intelectualmente, seu corpo pedia alguém que a dominasse, como fêmea. Neste sentido, é reveladora a passagem na qual ao observar os contornos de uma estátua intitulada *Gladiador Borghese*, Lenita é tomada por pensamentos libidinosos:

[...] Fitou com atenção a estátua: aqueles braços, aquelas pernas, aqueles músculos ressaltante, aqueles tendões retesados, aquela virilidade, aquela robustez, impressionaram-na de modo estranho. [...] Lenita não se podia arredar, estava presa, estava fascinada. Sentia-se fraca e orgulhava-se de sua fraqueza. Atormentava-lhe um desejo de coisas desconhecidas, indefinido, vago, mas imperioso, mordente. Antolhava-se-lhe que havia de ter gozo infinito se toda a força do gladiador se desencadeasse contra ela, pisando-a, machucando-a, triturando-a, fazendo-a em pedaços. [...] Em um momento, por uma como intussuscepção súbita, aprendera mais sobre si própria do que em todos os seus longos estudos de fisiologia. Conhecera que ela, a mulher superior, apesar de sua poderosa mentalidade, com toda a sua ciência, não passava, na espécie, de uma simples fêmea, e que o que sentia era o desejo, era a necessidade orgânica do macho. Invadiu-a um desalento imenso, um nojo invencível de si própria.¹⁸⁸

Esse momento em que Lenita passa a compreender-se como mulher, como fêmea, assim como os demais, é elucidativo da percepção que o autor demonstra acerca da feminilidade. Neste instante, não é apenas a personagem que é dominada pelo seu corpo. O argumento da narrativa é justamente o de que até mesmo ela, a mulher educada e considerada superior reduz-se a seu corpo e a seus instintos quando a natureza assim deseja. Fatalmente todas as mulheres, incluindo Lenita, teriam que compreender cedo ou tarde de que era impossível desviar-se de seu corpo e de sua função natural enquanto fêmeas da espécie humana. O dilema, neste sentido, vivido pela personagem, existe apenas porque ela quis desviar-se de seu papel natural, algo que os médicos já haviam vaticinado a partir de suas investigações científicas sobre a natureza feminina.

Ao longo do século XIX os discursos da medicina e da biologia encerraram as mulheres em seus corpos, buscando decifrar a natureza feminina e ocupando-se de pesquisas que se centravam nas transformações diversas pelas quais passava o organismo feminino ao longo de sua vida reprodutiva. As transformações físicas do período da puberdade eram, segundo este saber especializado, acompanhadas de alterações psíquicas e intelectuais que foram chamadas de puberdade do espírito. O período de descoberta da sexualidade feminina demandava cuidados especiais, pois a natureza feminina poderia facilmente demonstrar seu caráter patológico. De acordo com essas leis biológicas, “os órgãos sexuais da mulher

¹⁸⁸ Ibidem, p. 16.

estabeleciam uma forte e inescapável relação de simpatia com o sistema nervoso, em especial com o cérebro.”¹⁸⁹ Essa característica do organismo feminino é que tornava contra-indicada a instrução demasiada das moças, pois o esforço intelectual poderia colocar em risco sua frágil saúde.

Lenita e seu pai não tinham seguido as recomendações médicas vigentes que sustentavam que a obsessão com o desenvolvimento do cérebro levava ao definhamento do útero.¹⁹⁰ As conseqüências para essa transgressão seriam percebidas no decorrer da narrativa de Julio Ribeiro. À medida que os dias iam se passando na fazenda e no contato com a Natureza, Lenita experimentava cada vez mais as perturbações de seu corpo. Num determinado momento a moça passa a pensar no filho do coronel, Barbosa, um homem de cerca de quarenta anos de idade, casado, mas afastado da esposa e que Lenita ainda não conhecia. O despertar de seus desejos é acompanhado de uma grande instabilidade emocional e ela mesma utiliza seus conhecimentos científicos para realizar uma auto-análise:

[Lenita] estudava o seu abatimento atual irritadiço, dissolvente, cortado de desejos inexplicáveis. Surpreendia-se amiudadas vezes a pensar sem o querer no filho do coronel [...]; sentia que lhe pulsava apressado o coração quando falavam nele na sua presença. E concluía que aquilo era um estado patológico, que minava um mal sem cura. Depois mudava de pensar: não estava doente, seu estado não era patológico, era fisiológico. O que ela sentia era o aguilhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie. E lembrava-lhe a ninfomania, a satiríase, esses horrores com que a natureza se vingava de fêmeas e machos que lhe violam as leis, guardando uma castidade impossível;¹⁹¹

O castigo de Lenita são as crises histéricas que se agravam com a chegada de Barbosa à fazenda. Ao conhecê-lo a moça surpreende-se, pois ele também é um homem extremamente culto. Rapidamente surge uma grande empatia intelectual entre os dois, que passam a ter longas conversas a respeito de questões debatidas pela ciência da época. Juntos eles exploram a fazenda, fazem experiências, mapeiam as diferentes espécies existentes na fauna e na flora da região. Barbosa também se encanta com a capacidade intelectual da moça, que todos dizem ter cérebro de homem. Uma mulher com cérebro de homem na mentalidade do século XIX é um ser híbrido e perigoso que precisa ser domesticado, todavia. A histeria que acomete Lenita é um indício da domesticação da personagem.

¹⁸⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. p. 162.

¹⁹⁰ SOWALTER, Elaine. Op. Cit. p. 63.

¹⁹¹ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. pp. 34-35.

A convivência com Barbosa faz com que surja um desejo muito intenso entre os dois. Logo Lenita chega à conclusão de que seu corpo precisava do dele e que não importava se ele já era casado, pois não era possível escapar do desejo. Barbosa por sua vez, sofre por não poder se casar com a moça, mas chega a uma conclusão análoga à dela:

Amava Lenita doidamente, perdidamente; sabia que era dela amado; ouvira-lho a ela própria. Que mais? Ou cortar de vez tudo, fazer as malas, embarcar-se para a Europa, ou tomar-se abertamente amante da rapariga. [...] Não podia casar com Lenita? Que tinha isso? Que é o casamento atual senão uma instituição sociológica, evolutiva como tudo o que diz respeito aos seres vivos, sofrivelmente imoral e muitíssimo ridícula? [...] O amor é filho de uma necessidade tirânica, fatal, que tem todo o organismo de se reproduzir, de pagar a dívida do antepassado segundo a fórmula bramática. [...] Fisiologicamente, verdadeiramente, amor e cio vêm a ser uma coisa só.¹⁹²

A partir do episódio em que Lenita fica aos cuidados de Barbosa após ser picada por uma cascavel, o encontro sexual dos dois torna-se inevitável. Ambos são invadidos por desejos intensos depois que Barbosa suga o veneno da cobra do pé da moça:

– Que tem Lenita, que lhe aconteceu, perguntou acercando-se, ansiado.
 – Estou picada de cobra.
 [...] Agora, nada de acanhamentos, entregue-se a mim, deixe-me fazer o que entendo.
 Tirou do bolso um charuto, trincou-o nos dentes, mascou-o, encheu a boca de tabaco dissolvido em saliva, tomou de novo o pé de Lenita, com respeito, com adoração quase, chegou-lhe a boca, entrou a sugar-lhe a ferida a sorvos vagarosos, contínuos, fortes.
 [...] O veneno da cobra, parece, deixara viciado o sangue de Lenita.¹⁹³

Na leitura de Marcelo Bulhões, a cobra, morta por Barbosa e cujo veneno fora classificado pelo discurso científico, adquire conotações simbólicas, metafóricas no romance. Associada ao mito da serpente, a passagem que a envolve marca o adentrar das personagens num universo irracional. O veneno da cobra passa a ser o signo que, fatalmente, arrasta as personagens à entrega sexual.¹⁹⁴ A relação se efetiva a partir da busca de Lenita pela sua satisfação:

Lenita mudava de posição, revolvendo-se na cama, não dormia, não podia adormecer. Uma obsessão mordente subia-lhe da periferia do corpo, comprimia-lhe o coração,

¹⁹² Ibidem. pp. 104-105.

¹⁹³ Ibidem. pp. 98; 104.

¹⁹⁴ BULHÕES, Marcelo. Op. Cit. 2003. p.72.

atordoava-lhe o cérebro. Sentia picadas na pele, tinha calafrios, zuniam-lhe os ouvidos. Sugando-lhe as feridas feitas pelos agulhões da cobra, Barbosa retirara um veneno, mas deixara outro. Lenita nunca mais cessara de sentir a sucção morna, demorada, forte, dos lábios de Barbosa em torno às picadas, no peito do pé. A sensação estranha, deliciosa, incomportável que produzira essa sucção perdurava, vivia, mais ainda, multiplicava-se, alastrava-se. Era um formigamento circular que lhe trepava pelas pernas, que lhe afagava o ventre, que lhe titilava os seios, que lhe comichava os lábios. E ela queria Barbosa, desejava Barbosa, gania por Barbosa.

[...]

Lenita perdeu completamente a cabeça, entrou: em bicos de pés, sem fazer rumor, escorregando-se, deslizando, como um fantasma, abeirou-se da cama de Barbosa.

¹⁹⁵

Barbosa e Lenita tornam-se amantes e às escondidas do coronel e de sua esposa que de nada suspeitavam, têm encontros sexuais repetidas vezes durante as noites. Uma vez rompida a barreira do primeiro encontro, tudo corre com naturalidade e liberdade entre os dois. O sexo é vivido sem limites, até que Barbosa precisa fazer uma viagem a mando de seu pai a Ipanema. Na ocasião Lenita percebe que diferentemente da outra vez em que ele esteve viajando (antes que os dois se tornassem amantes), ela não se entristece. Convencida de que Barbosa só pensaria nela durante a viagem, a moça fica contente por poder passar um tempo mais a vontade, sozinha, em plena liberdade consigo mesma. Durante a viagem, no entanto, ela visita o quarto dele e descobre uma caixa de lembranças em que ele guardava pequenas recordações de outras mulheres. Lenita então se enfurece:

Aquele homem era um devasso, um dom-João de pacotilha e ela, Lenita, não passava de uma de suas muitas amantes. [...] Amante de um devasso, barregã de um homem velho, casado, que guardava troféus das conquistas... Bonito! Esplêndido! [...] Tinha ido pedir à ciência a superioridade sobre as outras mulheres; e na árvore da ciência encontrara um verme que a poluía. ¹⁹⁶

Em seguida, depois de chorar por causa de Barbosa, Lenita se dá conta de que já há algum tempo não se importava com ele. A própria viagem tinha-lhe servido de alívio, pois assim ela teria algum descanso. Fria, a moça percebe que na verdade não faria diferença se fosse outro homem no lugar de Barbosa, pois ele lhe servira apenas para remediar os desejos que acompanharam o despertar de sua sexualidade:

Pois ela era mulher para chorar; para carpir-se, como qualquer criadinha de servir, violentada pelo filho da patroa? Não! Caíra, mas caíra vencida por si, só por si, por seu organismo, por seus nervos. O homem não entrava em linha de conta, não

¹⁹⁵ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. pp. 107-108.

¹⁹⁶ Ibidem. p. 126.

passava de mero instrumento: fora Barbosa; poderia ter sido o administrador, poderia ter sido o velho coronel. Enquanto quisera, gozara, estava saciada...¹⁹⁷

Observando seu próprio corpo, logo Lenita percebe que estava grávida. Pensando numa saída ela resolve voltar a São Paulo antes mesmo da volta de Barbosa. Lá chegando, decide casar-se com um de seus pretendentes, para dar um pai oficial ao filho que esperava. Tudo é tratado por Lenita com clareza e objetividade. Em carta que envia para Barbosa ela conta o que houve:

Estou grávida de três meses, mais ou menos. Preciso de um pai oficial para nosso filho. Se tu fosses livre, fazíamos nossas núpcias na igreja, e tudo estava pronto. Mas tu és casado, e a lei do divórcio, aqui no Brasil, não permite novo enlace: tive de procurar outro. “Tive de procurar” é um modo de dizer: o outro deparou-se-me, ofereceu-se-me; eu me limitei a aceitá-lo e ainda impus-lhe condições. É o dr. Mendes Maia. Ao chegar aqui, escrevi-lhe para a corte; ele veio imediatamente, tivemos uma conferência larga, eu fui franca, contei-lhe tudo e... e... e nós nos casamos amanhã, às 5 horas da madrugada. Pelo trem do Norte, que parte às 6, seguimos para a corte, e da corte para a Europa no primeiro vapor.¹⁹⁸

Barbosa fica revoltado com o comportamento de Lenita e ao mesmo tempo, sente-se inconsolável com a idéia de vê-la casar-se com outro. Barbosa não consegue aceitar o fato de ser trocado tão facilmente por Lenita e se vê atingido em sua masculinidade. Perdido em sua paixão ele opta pelo suicídio, pois não vê razão para viver sem ela. A narrativa de Ferreira Leal neste ponto leva o leitor a identificar-se com Barbosa, de forma que Lenita é retratada como a mulher cruel que se utilizou daquele homem enquanto podia e depois o descartara como se nada fosse:

Que vingança cruel a da natureza! Entregara-o de mãos atadas aos caprichos de uma mulher histérica que se lhe oferecera, que se lhe dera, como se teria oferecido, como se teria dado a qualquer outro, a um negro, a um escravo da roça, não por amor psíquico, mas para satisfazer a carne faminta... Repleta, farta, essa mulher o abandonara. [...] Grávida... Ela estava grávida, ele ia ser pai.... E ela fugia dele, levava-lhe o filho e ainda o ludibriava, descrevia-lhe em cínica missiva as suas observações de viajante, as suas impressões de artista! Fazia ainda mais, dava-lhe parte do seu enlace com o minotauro prévio e consciente, informava-o de que o seu filho, o filho dele, Barbosa, tinha de dar o nome augusto de pai a um homem sem brios, a um chatim refece de honra. E ele morria, por amor dessa mulher, morria porque ela lhe quebrantara o caráter, morria porque ela o prendera nos liames da carne, morria porque sem ela a vida se lhe tornara impossível...¹⁹⁹

¹⁹⁷ Ibidem. p. 127.

¹⁹⁸ Ibidem. p. 138.

¹⁹⁹ Ibidem. p. 143.

Barbosa é vencido por Lenita na narrativa que se apresenta. A raiz de seu sofrimento é o fato de ter sido passado para traz pela mulher que ele acreditava dominar. Vale a pena observar que a entrega de Lenita a Barbosa ocorre após o episódio em que ele a salva da morte pelo veneno da cobra que a picara. Ele então se comporta como médico da moça e a passagem é de forte simbolismo. O médico, aquele que domina a natureza feminina, que conhece seu corpo e suas fragilidades, ao final do romance é inferiorizado diante da intelectualizada figura feminina. A ambição médica de explorar e conhecer a fundo uma mulher e ser impenetrável é rompida ao final do romance quando ele reconhece seu fracasso, só lhe restando a morte.

Mirreille Dottin-Orsini explica que no imaginário masculino do século XIX a relação entre médicos e suas pacientes muitas vezes foi descrita como repleta de erotismo. Não faltaram referências literárias neste período que tratavam do momento da consulta e da aceitabilidade dos tratamentos como análoga à entrega sexual. A terapêutica médica motivada pela curiosidade científica de abrir a mulher e descobrir-lhe os segredos atribuía plenos poderes ao médico sobre a paciente²⁰⁰. Barbosa, apesar de não ser médico, é um homem com grandes conhecimentos a respeito da anatomia feminina e o ato de cura que realiza, é permeado pelo erotismo e pelo domínio sobre o corpo de Lenita. A jovem, apesar de ser uma mulher incomum, organicamente era igual a todas as outras mulheres e, portanto, mesmo antes de se apoderar de seu corpo, ele já a conhecia:

Tinha tido dezenas de amantes, tinha sido, era ainda casado, conhecia a fundo a natureza, a organização caprichosa, nevrótica, inconstante, ilógica, falha, absurda, da fêmea da espécie humana; conhecia a mulher; conhecia-lhe o útero, conhecia-lhe a carne, conhecia-lhe o cérebro fraco, escravizado pela carne, dominado pelo útero;²⁰¹

Considerando-se profundo conhecedor da natureza feminina Barbosa subestima Lenita, que em todo o caso era uma mulher especialmente perigosa pela própria educação que recebera. O conteúdo do livro, no entanto, também a recoloca no lugar reservado às mulheres pela moral do período, pois ao final da narrativa ela exercerá o papel de mãe e esposa. A sagacidade utilizada pela personagem no momento em que ela resolve realizar seus desejos fora do matrimônio é a mesma que a faz optar pelo casamento com um homem que ela possa dominar e que aceite todas as condições para manter-se ao seu lado.

²⁰⁰ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. pp. 228-229.

²⁰¹ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. p. 132.

Pela escrita desse romance, que retrata uma mulher capaz de exercer o seu domínio sobre os homens, Julio Ribeiro, que era então professor de latim e de gramática de língua portuguesa, foi recebido de forma controversa pela crítica literária tanto do período em que escreveu, quanto da posterior. Muitos críticos não aceitaram as descrições indecorosas da relação imoral que se estabeleceu entre Lenita e Barbosa. O retrato de uma mulher ousada que se deixou levar pelos ditames da carne fez com que o livro fosse anunciado nas seções de “leituras para homens” da Livraria Cruz Coutinho em 1897. *A Carne* foi editado durante várias décadas e se tornou um dos livros mais vendidos de sua época, ainda que tenha passado longe de ser uma unanimidade para a crítica literária.²⁰²

Os críticos, na verdade, eram homens contrariados pelo sucesso que os “romances para homens” faziam entre o público leitor em vista das preocupações da literatura séria brasileira que se precisava constituir, ou então eram apenas comentaristas que questionavam o desregramento moral presente nessas narrativas que poderiam servir de mau exemplo à sociedade. Independente disso inúmeros livreiros vendiam nas grandes capitais diversos tipos de livros que eram considerados obscenos, sendo alguns traduções de romances libertinos franceses e outros textos naturalistas brasileiros e portugueses. Todos vinham sob o rótulo de leitura “só para homens”, pois de acordo com os livreiros e comerciantes de livros do período eram histórias capazes de despertar a libido dos leitores. Obras mais ou menos explícitas na forma de se descrever os enlances sexuais eram selecionadas de acordo com a sua capacidade de chamar a atenção dos leitores a partir de um enredo polêmico, erótico ou de fato pornográfico.²⁰³ A vinculação de *A Carne* a esse conjunto de obras, neste sentido, decorreu das discussões que foram realizadas a seu respeito nos diversos jornais do período.

A maior parte das discussões que se deram em torno de *A Carne* foi motivada pelo crivo moral, não tanto por questões referentes à apreciação estética. Atualmente o livro é discutido pela teoria literária e é incorporado nos estudos como uma das principais obras do naturalismo brasileiro. No entanto, há vestígios do caráter marginalizado que lhe foi imposto no período em que foi escrito. Uma dessas críticas mais lembradas é a de Alfredo Pujol, escrita para o *Diário Mercantil* em 12 de agosto de 1888. No texto, Julio Ribeiro é acusado de escrever um trabalho sem orientação estética, falso, cujo único intuito era o de causar escândalos e disseminar a pornografia. No ano seguinte, José Veríssimo atacou *A Carne* com o artigo “O Romance Naturalista no Brasil”, afirmando que o livro seria fruto de uma mente

²⁰² EL FAR, Alessandra. Op. Cit. pp. 251-252.

²⁰³ Ibidem. p. 270.

doentia e que descrevia ações inverossímeis. Veríssimo não aceita a força do desejo sobre Lenita que passa a agir comandada pelo seu próprio corpo. Para o crítico, essa seria uma atitude improvável, pois as pessoas não são comandadas unicamente por seus instintos, assim como ocorreu com a personagem de Julio Ribeiro.²⁰⁴

É curioso pensar a respeito do que afinal os críticos de *A Carne* queriam caracterizar nas posturas de Lenita. Seria o fato de ela ter sido uma mulher extremamente instruída? Ou a questão se centraria no fato de que era impossível que uma mulher “superior” transgredisse os valores de sua sociedade para se entregar ao homem que desejava? O problema estaria nela se deixar dominar sexualmente por Barbosa e em seguida sair da vida dele com tanta facilidade? Ou na verdade a falsidade do romance teria sua raiz na atitude de Barbosa, que opta pelo suicídio quando percebe que fora deixado por sua amante? Não temos respostas para essas questões. O que se sabe, no entanto, é que Lenita é um protótipo da nova mulher: extremamente culta, independente e livre de preconceitos; e que o final trágico de Barbosa assinala a volubilidade e o caráter decadente dessa mulher que se encontra fora do seu lugar moralmente aceito.

A morte de Barbosa em contraposição à saída que Lenita encontra para viver de uma forma moralmente aceita sem deixar de expressar suas opiniões e vontades diante de seu marido, faz com que o romance funcione como um alerta contra as novas mulheres. Ainda que a educação de Lenita seja apresentada no romance como um diferencial progressista, ao final, a moça se utiliza de sua inteligência para tomar atitudes cruéis. Não deixa de estar presente, neste sentido, a questão da ameaça que uma mulher intelectual e sexualmente livre representa para os homens. E isto porque a própria natureza feminina seria controversa e merecia ser posta sob constante suspeita, mesmo quando se tratava de mulheres bem educadas e cultas.

²⁰⁴ BULHÕES, Marcelo. Op. Cit. pp. 30-32.

3.3 MULHERES HISTÓRICAS

Nas três narrativas literárias analisadas nesta dissertação até o momento, *Um homem gasto* de Ferreira Leal, *Mademoiselle Cinema* de Benjamim Costallat e *A Carne* de Julio Ribeiro, em determinados momentos as protagonistas Luiza, Rosalina e Lenita são caracterizadas como histéricas. A figura da mulher nervosa, histérica, desequilibrada em função de sua insatisfação sexual foi criada pelos médicos do século XIX e conferiu argumentos para que se estabelecesse uma relação cada vez mais estreita entre feminilidade e patologia naquele período. Neste sentido, em fins do século XIX e inícios do século XX houve uma verdadeira epidemia de nervosismo histérico, de “vapores” e de “palpitações” que acometeram mulheres com a emergência de discursos em defesa da autonomia feminina. Através da invenção da histeria, os médicos passaram a medicalizar as insatisfações das mulheres frente às normas que lhes eram impostas e dessa forma mantinham a sua sexualidade a serviço da higiene e do Estado.²⁰⁵

Desde meados do século XVIII o discurso filosófico atrelou o império do sexo e do corpo à feminilidade enquanto razão e mente foram relacionadas à masculinidade. Essas associações fizeram da mulher um ser definido por seu próprio corpo e, ao mesmo tempo, cada vez mais aprisionada nele. Ao longo do século XIX os desdobramentos dessa questão filosófica e naturalista foram traduzidos na imagem formulada pelos médicos a respeito do corpo feminino, um sistema em rede, no qual ovários e útero eram ligados ao eixo-cérebro espinhal, como já foi dito anteriormente. Esse sistema instável, sempre sujeito a perturbações poderia levar a problemas psíquicos que variavam de dores de cabeça a manifestações histéricas e delírios que poderiam levar às mulheres a ações extremas como o suicídio. A configuração da feminilidade vinculada à idéia de instabilidade e de ausência de controle sobre o próprio corpo contribuiu para que a vida das mulheres fosse encerrada ao limite biológico de seus corpos.²⁰⁶

Às mulheres não caberia exercer tarefas relacionadas ao intelecto ou ao trabalho, pois a instabilidade de seus corpos as deixava no limiar do desequilíbrio. O discurso médico que se produziu ao longo do século XIX contribuiu, neste sentido, para que as mulheres aceitassem os ditames da moral vigente, pois ao contrário poderiam contrair moléstias que

²⁰⁵ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 273.

²⁰⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. p. 111.

acabariam com sua vitalidade por completo.²⁰⁷ Ao mesmo tempo, a valorização da mulher enquanto mãe de família foi realizada a fim de convencer as mulheres de que a maternidade envolvia tarefas e sentimentos extremamente especiais e elevadas moralmente, que apenas elas poderiam realizar e sentir. A valorização da feminilidade reclusa ao lar e ao cuidado dos filhos, por um lado, e a normatização das condutas para que se evitassem moléstias perigosíssimas para o frágil corpo feminino, fez com que as mulheres fossem reduzidas à maternidade e à conjugalidade.

Dentro dessa lógica de pensamento a sexualidade feminina foi definida como totalmente vinculada à reprodução. Embora a própria mulher tenha sido definida no discurso médico como sendo dominada pelo corpo e pela sexualidade, muitos médicos defenderam a tese de que a normalidade da mulher estava na ausência de desejo e na incapacidade de atingir o prazer nas relações sexuais. Outros foram além, relacionando verdadeiro deleite sexual feminino à prática da amamentação. Neste sentido, é interessante observar o trecho em que Felipe de Sousa Miranda discorre a respeito da relação que as mulheres estabelecem com o sexo:

Grande parte das mulheres supporta o contacto do homem como um verdadeiro sacrifício; outras julgam-se na obrigação de se esforçar em tornar agradável um acto que dá prazer ao homem que amam, embora ellas o achem estúpido e mesmo nada limpo; outras, ainda, supportam esse contacto por um sentimento de dignidade, que prova a seus próprios olhares o seu valor pessoal. Raras mulheres sentem verdadeiro prazer. Muitas mulheres existem, mães de muitos filhos, que não sabem atinar com o motivo por que Leandro atravessava a nado, todas as noites, o Helesponte; assim como também existem outras que afirmam que o maior prazer sensual que uma mulher possa experimentar consiste em dar de mamar a uma criança.²⁰⁸

Para o médico a maior parte das mulheres não teria prazer nas relações sexuais, estando mais preocupadas em desempenhar o seu papel de mães e esposas. Ao apresentar esse ponto de vista, Miranda assume o posicionamento já defendido por médicos oitocentistas, que segundo Ana Paula Vosne Martins, formularam conhecimentos a respeito da sexualidade feminina tomando como modelo a experiência sexual dos homens relacionada à ereção e à ejaculação. Na medida em que as mulheres não apresentavam esses fenômenos, tornou-se naturalizado que elas tivessem um papel sexualmente passivo, cabendo ao homem a iniciativa e muitas vezes também o prazer nas relações sexuais.

²⁰⁷ Ibidem. p. 112.

²⁰⁸ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. pp. 48-49.

Já no final do século XIX todas as doenças femininas passaram a ser vinculadas à sexualidade, processo que Foucault caracterizou como a histerização do corpo feminino no primeiro volume de *História da Sexualidade*. A crença no fato de que o mau funcionamento dos órgãos sexuais poderia levar as mulheres a sofrimentos terríveis transformou-as em vítimas de corpos doentes que necessitavam de intervenção médica constantemente.

Alguns médicos do final do século XIX passaram a admitir a capacidade da mulher em ter prazer sexual e teorizaram a respeito do potencial negativo do celibato em termos psicológicos e biológicos. O corpo feminino faria com que a mulher através do desejo sexual buscasse a reprodução realizando o motivo da sua existência. Neste sentido, as mulheres precisariam, tanto quanto os homens, das relações sexuais e as conseqüências da abstinência seriam danosas para elas e poderiam levar à histeria.²⁰⁹ Sempre tendo a reprodução e a maternidade como horizonte, o matrimônio e o sexo se fariam necessários para que a mulher estivesse em paz com seu próprio corpo. É interessante pensar que ainda hoje muitas vezes se houve falar que entre as mulheres que adiaram a maternidade chega um momento que o “relógio biológico” lhes envia sinais de que está na hora de engravidar. Esse “relógio biológico” é na verdade o lembrete contemporâneo de que o papel social da mulher ainda envolve casamento e maternidade e que dentre as outras escolhas possíveis, essa seria a que responderia melhor ao que a “natureza” reservou ao corpo feminino.

A histerização do corpo feminino no século XIX levou os médicos a uma crescente preocupação com a masturbação feminina, a exemplo do que ocorria com os homens. Se para o homem a masturbação não era normal porque ela levava ao vício e ao exercício de uma sexualidade desregrada, como visto no primeiro capítulo desta dissertação, para as mulheres o problema era ainda mais acentuado devido à fragilidade do corpo feminino e a incapacidade de resistir ao vício, uma vez iniciadas nele. Uma vez conhecedoras e praticantes da masturbação fatalmente as mulheres cairiam numa busca permanente por prazer sexual, o que as transformaria em histéricas²¹⁰. A preocupação médica com a masturbação aparece nos romances aqui estudados, pois tanto Lenita quanto Rosalina iniciam a sua vida sexual descobrindo seu próprio prazer, tocando seus corpos e imaginando que estavam em companhia de um homem:

²⁰⁹ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. p. 39.

²¹⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. pp. 114-115.

[...] Apoderou-se dela [de Lenita] como um langor, um êxtase que não era bem vigília, e que não era bem sono. Sonhou ou antes viu que o gladiador avolumava-se na sua peanha, tomava estatura de homem, abaixava os braços, endireitava-se, descia, caminhava para o seu leito, parava à beira, contemplando-a detidamente, amorosamente. E Lenita rolava com delícias no eflúvio magnético do seu olhar, como na água deliciosa de um banho tépido. [...] O gladiador estendeu o braço esquerdo, apoiou-se na cama, sentou-se a meio, ergueu as cobertas, e sempre a fitá-la, risonho, fascinador, foi-se recostando suave até que se deitou de todo, tocando-lhe o corpo com uma nudez provocadora de suas formas viris. O contato não era o contato frio e duro de uma estátua de bronze; era o contato quente e macio de um homem vivo. [...] Lenita ofegava em estremeções de prazer, [...]. Abraçando o fantasma de sua alucinação, ela revolvía-se como uma besta fera no ardor do cio. A tonicidade nervosa, o erotismo, o orgasmo, manifestava-se em tudo, no palpitar dos lábios túmidos, nos bicos dos seios cupidamente retesados. Em uma convulsão desmaiou.²¹¹

O banho durava uma eternidade. Rosalina, lentamente, desprendia-se do kimono. Seus gestos, mesmo sozinha, eram teatrais. Despia-se com os cuidados, o mistério, a esquisita volúpia de quem se despe para um amante. Ensaiava-se... [...] Depois, durante longos minutos, ela se acariciava toda – os braços, as pernas, o minúsculo ventre, os seus seios miúdos. E, excitada, beijava-se a si mesma, em convulsões voluptuosas, até cair num banho quente, fervendo, onde exausta e violentamente acalmada, entortecida, ela quase adormecia... E o seu pequenino corpo estirava-se longos minutos, dentro d'água, ligado à banheira, como num êxtase...²¹²

O destino das duas personagens já é conhecido: ambas passam das fantasias e dos desejos à masturbação e depois se envolvem em relacionamentos sexuais com homens casados, bem mais velhos do que elas. Os encontros amorosos com esses homens, no entanto, acabam por se resumir em aventuras para as duas moças de sexualidade exacerbada. Cada uma a seu modo procurará a companhia de outros homens para dar prosseguimento à sua vida. Ambas, no entanto, são descritas ao final como mulheres cruéis, capazes de levar homens à ruína. Ao mesmo tempo as personagens são descritas como incapazes de atingir uma felicidade autêntica. Lenita por resolver assumir um casamento falso, sem amor, apenas por convenção e Rosalina por não se considerar digna de viver ao lado do homem que ama, optando pela prostituição. Observa-se nos romances o retrato de uma feminilidade triste, solitária e decadente pela transgressão às normas morais.

Os médicos tinham a receita para impedir que outras jovens tivessem um fim trágico semelhante aos que Lenita e Rosalina tiveram na ficção. Isso envolvia tanto evitar excitar os órgãos sexuais através da masturbação, quanto afastar-se de exercícios físicos como a dança, a

²¹¹ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. p. 18.

²¹² COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. p. 47.

equitação e o ciclismo.²¹³ Para explicar os motivos pelos quais esses exercícios não seriam recomendados, Benjamim Costallat descreve o gosto que Rosalina tinha pela dança:

Fisionomias de homens passavam-lhe pelo espírito. Tipos másculos, figuras de languidos almofadinhas. Os seus últimos dançarinos... Rosalina melhor se lembrava daqueles que mais brutalmente a tinham apertado contra si, lembrava-se dos mais cínicos e dos mais arrojados. [...] O baile era no Guanabara. Dançava-se no jardim iluminado. A silhueta do palácio branco, suas escadarias acesas, lâmpadas coloridas nas árvores como uma imensa festa de Natal, umas nuvens de *champagne* no cérebro, e aquela voz de homem, quente de desejos, e aquela música, comentando-lhe ao longe as mais íntimas emoções, faziam Rosalina tonta de uma tonteira nova e deliciosa! Parou a dança.²¹⁴

Não só a dança e determinados esportes poderiam levar às excitações femininas, mas também o som de algumas músicas, a leitura de romances, certas peças de teatro e a observação de pinturas e esculturas que retratassem corpos nus²¹⁵. A fantasia de Lenita a partir da observação da estátua de um gladiador na passagem transcrita anteriormente e a predileção de Rosalina por leituras eróticas corroboram essas observações médicas:

Recordava-se de algumas de suas páginas como se recordam os primeiros beijos de um primeiro amante! E aquelas páginas tinham sido para ela as suas primeiras confidentes de amor! Tinham sido a primeira revelação de seu sexo, o primeiro grito de sua puberdade! *A menina que pecou* era o livro.²¹⁶

De onanistas logo as duas moças passaram a apresentar sinais de decadência precoce e outras perturbações que os médicos consideravam conseqüências de um quadro de desregramento feminino. Ainda que Benjamim Costallat se refira às crises histéricas que afetam Rosalina, o quadro histórico de Lenita é mais claro que o da outra personagem. Isso porque a compreensão de que a mulher tornava-se histérica porque seu corpo reclamava o exercício de uma sexualidade necessária para a reprodução da espécie é o argumento principal da narrativa de Julio Ribeiro. Lenita é também um pouco mais velha que a adolescente Rosalina. No início de *A Carne* a protagonista tem vinte e dois anos e é neste período que a continência sexual começa a ser incômoda para a jovem. É o seu próprio corpo que reage ao caráter antinatural da ausência de um homem que esteja ao seu lado. Nervosismo,

²¹³ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. p. 115.

²¹⁴ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. pp. 48-49.

²¹⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. Op. Cit. p. 115.

²¹⁶ COSTALLAT, Benjamim. Op. Cit. p. 58.

inquietações, febres, tremores, suores frios, fraqueza, dores de cabeça, falta de motivação para realizar atividades costumeiras, desequilíbrio, tudo isso acometia Lenita, debilitando-a profundamente, a ponto de em diversas passagens ela precisar ser socorrida por outros personagens:

[Lenita] trincou os dentes a cambraia da fronha, gemendo, ganindo em contrações espamódicas.

-Eah! Gritou a mucama que entrava, sinhazinha está com ataque! E, atirando sobre a cadeira a roupa que trouxera, correu para ela, ergueu-a nos braços, sacudiu-a com força.

Lenita acalmou-se sem demora: estava pálida, trêmula, tinha os olhos muito brilhantes, a boca pegajosa, a fala travada.²¹⁷

O mal que acometia Lenita e transformara o seu comportamento por completo, era em síntese o desejo:

Abalada profundamente em seu organismo, com a irritação dos nervos aumentada por essas cenas cruas da natureza, torturada pela carne, mordida por um desejo louco de sensações completas, que não conhecia, mas que adivinhava, Lenita recolheu-se titubeando, fraquíssima.²¹⁸

Desta forma, através da patologização do desejo feminino, tanto se reconhecia que as mulheres também sentiam vontades relacionadas ao sexo, quanto se lhes negava essas sensações. A mulher poderia, sim, sentir desejos e prazer sexual, mas muito melhor seria se não os tivesse, pois isso implicava em grandes perigos para a sua saúde, para os homens que se relacionassem com elas e para o próprio corpo da nação, já que tanto a histeria quanto a ninfomania eram consideradas símbolos de degeneração.

A ampla disseminação do perfil da mulher histérica neste período se justificava pelas mudanças no comportamento feminino. Mulheres que buscavam uma liberdade maior para circular em espaços públicos, com aspirações intelectuais, que desejavam exercer uma profissão, que se recusavam ao casamento ou que tiveram relações extra-conjugais, que não desejavam ser mães ou que expusessem seus desejos e insatisfações sexuais, eram facilmente reduzidas à figura da histérica. Neste sentido, a intelectualidade de Lenita e a sua recusa ao casamento, são causas da histeria. Não é por menos que diversas vezes feministas foram descritas como mulheres nervosas, como explica Elaine Showalter, a partir de uma leitura de Sigmund Freud e Joseph Breuer:

²¹⁷ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. p. 50.

²¹⁸ Ibidem. p. 55.

Naquele mesmo ano [1895], em seus *Estudos sobre a histeria*, Sigmund Freud e Joseph Breuer observaram ser provável que as moças histéricas fossem “animadas, talentosas e cheias de interesses intelectuais”. Entre seus pacientes em Viena, “havia moças que saíam da cama à noite para realizar em segredo algum trabalho ou estudo que seus pais lhes proibiam por temer uma estafa”; bem como mulheres de “poderoso intelecto” e um “bom senso aguçado e crítico”, como “Anna O”.²¹⁹

A histérica, no entanto, poderia tanto ser aquela que recusou a sua sexualidade em função de outras tarefas como Lenita, quanto a que se mantinha celibatária por ser sexualmente reprimida. A diferença entre as duas é que a segunda é retratada muitas vezes como digna de compaixão por passar por uma situação que lhe aflige não por escolha própria, mas por fatalidade do destino. Esse é o caso de Luiza, a jovem e inocente personagem de *Um homem gasto*. Casando-se com Alberto sem nada saber a respeito de como de fato deveria ocorrer uma relação sexual, mas percebendo que o ato que se realizava entre eles era incompleto, a moça torna-se doente, incapaz de auxiliar no tratamento do marido, como ela mesma narra a Cecília:

Sem motivo plausível, aparentemente inexplicável, e contra os esforços que faço para me vencer, assalta-me uma especie de turbção íntima, um não sei que de enternecimento agridoce, que me arrasta fatalmente aos domínios da melancolia! Impaciento-me com facilidade e procuro com prazer o isolamento. Um nada faz-me rebentar em lágrimas; [...] Veio hontem examinar-me o Dr. E***, o mesmo que trata de Alberto no estabelecimento das duchas. Qualificou-me os soffrimentos de hysticismo e a tal propósito entendeu-se com meu marido, recomendando-lhe que me sujeitasse ao uso de calmantes e banhos frios.²²⁰

Como se observa, os tratamentos para a histeria eram usualmente banhos frios, exercícios, passeios a pé. No caso de Alberto e Luiza, o médico chegou a recomendar que ambos, apesar de casados, dormissem separados até que a crise histérica de Luiza (que não podia ser resolvida através do ato sexual normal, pois seu marido encontrava-se impotente) fosse amenizada. Alguns médicos foram favoráveis à amputação ou cauterização do clitóris, mas essas práticas nunca chegaram a ser consenso entre eles.²²¹

Em casos considerados extremos, quando a histeria feminina tornava as mulheres criminosas em potencial, recorria-se à internação como forma de tratamento psiquiátrico.

²¹⁹ SHOWALTER, Elaine. Op. Cit. p. 64.

²²⁰ L.L. **Um homem gasto**: Episodio da historia social do XIX século – Estudo Naturalista. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885. pp. 91; 99.

²²¹ DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na História do Brasil. Editora Planeta do Brasil, 2011. pp. 91-92.

Com o desenvolvimento da psiquiatria nas últimas décadas do século XIX no Brasil, difundiu-se a idéia de que a mulher pela sua fisiologia específica seria predisposta a doenças mentais de todo o tipo, às quais os quadros histéricos estariam associados. Quando acometidas pela histeria, as mulheres esqueciam as regras morais colocando-se a serviço de suas paixões, instintos e desejos, o que de toda forma seria um risco que por vezes poderia levar a atitudes criminosas²²².

Da mesma forma que os médicos, escritores e artistas contribuíram em muito para a difusão da imagem da mulher histérica. Essa caracterização não é exclusividade, portanto, das três obras literárias aqui apresentadas. A mulher histérica, em função do seu descontrole e tendência ao desvio, foi personagem freqüente nos livros de apelo erótico e nas obras naturalistas. Como explica Mireille Dottin Orsini a própria formulação no discurso médico do perfil da mulher histérica atendia às necessidades artísticas. Há relatos de médicos que utilizaram doentes como modelos para fotografias e pinturas produzidas com cuidado e atenção que reunidas criaram verdadeiros museus patológicos disponíveis para apreciações estético-científicas.²²³

Magali Engel, por seu turno, refere-se às aulas de Jean Martin Charcot quando o renomado psiquiatra exibia suas pacientes para um público masculino diversificado, formado por artistas, escritores, estudantes, homens públicos e médicos. Nessas aulas mulheres diagnosticadas como histéricas em função de sua sexualidade ausente, pervertida ou excessiva eram expostas com seus sofrimentos e espasmos a uma grande platéia que em seguida tratava de disseminar seus conhecimentos.²²⁴ A caracterização científica da mulher histérica atendia, dessa forma, às teorizações a respeito da paradoxal natureza feminina que apenas no exercício da maternidade poderia ser redimida.

Os romances que aqui analisamos referem-se a esses saberes médicos constituídos ao longo do século XIX e deles retiram e ao mesmo tempo reforçam os argumentos que vão fundamentar as ações e os destinos de suas personagens. Lenita, Rosalina e Luiza foram caracterizadas como histéricas pela forma como viveram sua sexualidade. Esta última, no entanto, por não ter culpa alguma de sua condição, encontraria redenção num futuro casamento após superar a viuvez precoce, pois Alberto suicida-se para que ela possa ter uma

²²² ENGEL, Magali. *Psiquiatria e Feminilidade*. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 323-349.

²²³ DOTTIN-ORSINI, Mireille. Op. Cit. p. 237.

²²⁴ ENGEL, Magali. Op. Cit. p. 50.

vida feliz e completa ao lado de outro homem. Lenita, por sua vez, quando se percebe grávida já não apresenta crises histéricas e seu inusitado casamento pode ser interpretado como uma forma de proteção à criança que ela espera, o que para muitos médicos poderia significar cura ou pelo menos controle da histeria. Já para Rosalina, não há saída, pois a sua natureza já se encontra em muito corrompida e não há como voltar atrás. Sua sexualidade será sempre improdutiva, degenerada, pois nunca gerará filhos.

A histeria, neste sentido, significou na passagem do século XIX para o XX o adensamento de discursos provenientes não apenas da medicina, mas também da literatura que consideravam a mulher como possuidora de uma natureza controversa, contraditória. A mulher histérica era aquela que manifestava sua feminilidade patológica, que a rigor todas as mulheres possuíam, mas que podia ser anulada em função do exercício da maternidade. Se o estado histérico levava a mulher ao escândalo, à ausência de pudor e a exibição da sua sexualidade em toda sua monstruosidade é porque o próprio desejo feminino era marcado pela predominância do instinto. Num contexto de discursos científicos produzidos exclusivamente por homens, o masculino foi tomado como norma e ser mulher significava encontrar-se no limiar da doença, da anomalia, da perversão. Por esta razão é que a medicina higiênica tomou tantos cuidados para estabelecer os limites para o exercício da sexualidade feminina, pois a própria natureza da mulher tendia ao descontrole, exigia, portanto, regulação.

Aos homens que desejassem se aproximar do modelo de masculinidade hegemônico que emergia no período, todo o cuidado com relação às mulheres era necessário. Antes de tudo, era preciso que o homem soubesse distinguir dentre todas as mulheres aquela com as características ideais para ser sua companheira e mãe de seus filhos. A mulher considerada digna para estar ao seu lado deveria ser amorosa, bela, doce, submissa e por estes motivos ser valorizada pelo marido, assim como afirma o médico Felipe de Sousa Miranda:

Não podemos, pois, conceber o casamento – o acto mais sublime e sacrosanto de nossa existência, - allheado do amor. Seria faltarmos com o culto devido á mulher, e vós bem sabeis que a mulher é a nossa adorada mãe, a nossa idolatrada esposa, a graciosa filhinha de nossos sonhos e ideais de moços; - quiçá a única razão de ser da nossa vida!²²⁵

Caso o homem não soubesse escolher bem a mulher com quem contraísse matrimônio ele poderia ser levado ao esgotamento físico e à impotência, pois algumas mulheres jamais teriam sua “irritação sexual” satisfeita:

²²⁵ MIRANDA, Felipe de Sousa. Op. Cit. p. 91.

E o que pensar do homem, em tal estado de debilidade genital, se a mulher é uma egoísta, sensual, uma prostituta, e assim ainda mais o martyrisa com suas indignas e infames censuras?!

E realmente há mulheres que não possuem uma sequer das qualidades que caracterizam o seu sexo, não possuem pudor, chegando a faltar-lhes até o sentimento de dignidade feminina!²²⁶

Manter-se afastado de mulheres cujo comportamento não estivesse totalmente voltado para a família, para o cuidado do marido e dos filhos seria, neste sentido, uma necessidade para a manutenção da saúde e da força masculina. Mulheres que levassem os homens à perversão e à transgressão dos limites impostos à sua sexualidade, como as prostitutas, as históricas, as mulheres ditas “modernas” fatalmente também os levariam a contrair doenças venéreas ou ainda, ao esgotamento físico, assim como ocorrera com os homens personagens dos livros *Um homem gasto*, *Mademoiselle Cinema* e *A Carne*.

O ideal de masculinidade construído na passagem do século XIX para o XX no Brasil através do discurso médico e das narrativas literárias que aqui analisamos, se construiu em oposição a determinadas figuras femininas consideradas prejudiciais ao homem e a imagem do pai de família higienizado encontrou seu complemento na mãe e esposa que a ele deveria ser submissa de acordo com os saberes médico-científicos. À medida que as mulheres passaram a almejar autonomia e independência o discurso médico tratou de medicá-las, encerrando-as no espaço doméstico ou nos asilos de loucos, atribuindo-lhes características biológicas específicas que as impediam de pretender uma vida diferente.

Essa mesma normatização que enquadrou as mulheres num ideal de feminilidade oposto e ao mesmo tempo complementar ao modelo hegemônico de masculinidade incidiu sobre os homens negros e homossexuais, de modo a garantir a superioridade do homem branco, burguês e heterossexual sobre os demais. O modo como, nessa passagem do século XIX para o XX, dentro do próprio mundo masculino foram estabelecidas hierarquias entre as diferentes configurações de masculinidade existentes na prática social será o tema do próximo capítulo.

²²⁶ Ibidem. pp. 47-48.

4 A PLURALIDADE DAS EXPERIÊNCIAS MASCULINAS

*[...] Olham-me como se eu fosse um bicho de outra espécie
e riem e criticam e excluem e odeiam
como se eu fosse um pecado, um errado, doente ou sacana. [...]*

Glória Horta, 1984.

Equacionar as diferenças, sejam elas de classe, sexo ou raça, transformou-se numa busca importante para as ciências na passagem do século XIX para o XX. Através de enunciados apoiados em conhecimentos de caráter biológico, foram naturalizadas no discurso médico-científico as desigualdades entre homens e mulheres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais. Essas distinções e as categorizações produzidas pelo discurso científico serviram assim, de suporte para a construção da masculinidade hegemônica da qual falamos anteriormente. A constituição do pai de família capaz de exercer o controle sobre si mesmo e sobre os outros como um modelo ideal de masculinidade, passou, inevitavelmente, pela definição de inúmeros outros homens como anormais, antinaturais ou inferiores.

Como afirma Vera Regina Beltrão Marques, no Brasil, as apropriações desse discurso científico serviram para “justificar as diferenças da população diante de um estado cujo ideal político se calcava na igualdade de todos”.²²⁷ Localizadas e identificáveis no corpo dos indivíduos, as diferenças passaram a ser encaradas como parte de uma hierarquia natural entre os homens. Tal organização hierárquica serviu, portanto, tanto para a criação da masculinidade hegemônica quanto das subalternas e marginais. Neste sentido, no contexto brasileiro, os marcadores de raça e sexualidade são essenciais para a compreensão das relações estabelecidas entre as diversas formas de ser homem.

A origem das ciências das diferenças humanas remonta a meados do século XIX, quando as teorias monogenistas sobre o surgimento da humanidade passaram a perder espaço para as explicações poligenistas. Os monogenistas defendiam, em conformidade com as escrituras bíblicas, que a humanidade teria se originado de uma fonte comum, ao passo que os poligenistas acreditavam que as diferenças raciais observadas estavam relacionadas a existência de diversos centros de criação. Essa segunda explicação levava à conclusão de que

²²⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. Raça e noção de identidade nacional: o discurso médico-eugenista nos anos 1920. In.: SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion. (orgs). **Razão e paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 183.

as diferentes raças humanas constituíam espécies diversas e “tipos específicos” que não poderiam ser reduzidos a uma única noção de humanidade.²²⁸

As diferenças humanas observadas pelas teorias desenvolvidas ao longo do século XIX não se restringiam aos caracteres físicos. Intransponíveis, as distinções inerentes às raças expressar-se-iam no corpo e no comportamento humanos, de forma que estes passaram a ser encarados como respostas imediatas a leis biológicas e naturais. É neste sentido que ganharam impulso neste contexto, idéias relacionadas à antropologia criminal, que pretendia observar a natureza biológica do comportamento criminoso. Cesare Lombroso, seu principal expoente, considerava a criminalidade um elemento passível de ser detectado objetivamente, pois se trataria de um fenômeno físico e hereditário.²²⁹

Paul Broca, adepto da teoria poligenista, defendeu através de seus estudos de anatomia e craniologia, que as diversidades humanas eram um produto direto das diferenças na estrutura racial. Para o autor, era preciso reconstituir os diferentes “tipos humanos”, as “raças puras” e suas características originais. Essa noção apoiava-se na lógica de que as espécies miscigenadas seriam estéreis, o que foi comprovado pelo então respeitado cientista, por uma analogia entre a esterilidade dos mulatos e a ausência de fertilidade das mulas.²³⁰ Outros estudiosos do período como Gobineau e Le Bon consideravam, diferentemente, que os mestiços se reproduziam numa velocidade muito maior do que os demais, sempre transmitindo as características mais negativas das raças do cruzamento.²³¹

Ainda que Charles Darwin tenha defendido em *A Origem das Espécies* que a humanidade teria uma origem única, seus conceitos foram também apropriados por cientistas ligados à defesa das teorias poligenistas. Especialmente após a publicação do livro em 1859, passou a haver um consenso entre cientistas advindos de correntes de pensamento distintas de que a mistura das diferentes espécies humanas deveria ser evitada:

[...] se a adaptação monogenista do darwinismo era mais imediata, a utilização poligenista dos populares modelos que partiam da biologia também se deu de forma intensa. Bastou minimizar a importância da origem comum e relevar as máximas

²²⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 48-49.

²²⁹ Ibidem. pp. 48-49.

²³⁰ Ibidem. p. 54.

²³¹ Ibidem. p. 57.

deterministas, presentes na ótica darwinista, que apontavam para a importância das leis e regularidades da natureza. Para os poligenistas, *seleção natural* implicava em *degeneração social*, assim como as *leis da natureza* chegavam aos homens de forma determinista e premonitória, sobretudo quando se tratava de pensar no impacto que a questão da raça teria sobre as diferentes experiências nacionais.²³²

Foram diversos os cientistas aliados da teoria poligenista que fizeram uma ponte entre o darwinismo e interpretações racistas. Autores como Renan, Le Bon, Taine e Gobineu fundamentaram as chamadas “teorias raciais” relacionando rigidamente características físicas e atributos morais e a partir disto, estabelecendo hierarquias entre as raças. Logo, o homem branco e a cultura européia passaram a ser associados, nesses discursos, com os ideais de civilização e desenvolvimento, enquanto que os negros seriam seu oposto. Essas teorias foram amplamente divulgadas e vulgarizadas por jornais, cartazes, panfletos, cartões postais, textos literários e contribuíram para o processo de consolidação do racismo popular.²³³

Ainda que nessa lógica de interpretação determinista o Brasil fosse visto como uma nação fadada ao fracasso por ser constituída por um povo miscigenado – e, portanto considerado inferior, houve uma apropriação desse discurso por parte também dos cientistas brasileiros. Valorizando essas teorias, suas conclusões e práticas científicas, médicos e estudiosos do nosso país buscaram rearranjá-las com o objetivo de pensar na viabilidade da nação²³⁴. O modelo racial serviu, no entanto, para justificar diferenças e hierarquias. Houve um esforço para dividir o país entre capazes e incapazes, perfectíveis e degenerados, criando-se formas de inferioridade entre aqueles que a República recém inaugurada pretensamente deveria igualar. Dessa forma, negros, africanos, trabalhadores mestiços e ex-escravos foram considerados “classes perigosas”, com as quais era preciso que se tivesse cuidado.

Por definição, essas classes perigosas seriam aquelas que ofereciam riscos à população por serem ociosas, com tendências aos vícios e à criminalidade. Com o adensamento dos discursos médico-higienistas a respeito da necessidade de construção de espaços salubres para a população, cada vez mais os pobres foram sendo considerados sinônimos dessas classes perigosas. A lógica de interpretação que fundamentava essa noção considerava que os trabalhadores honestos escapariam à pobreza pelo seu esforço e sendo assim, os pobres seriam cheios de vícios que produziriam malfeitores, que por sua vez significariam um risco a todos.

²³² Ibidem. p. 57.

²³³ MARTINS, Ana Paula Vosne. Espetáculos da Diferença: gênero. Raça e ciência no século XIX. In.: GRILLO, José Geraldo Costa; GARRAFFONI, Renata Senna; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. (orgs). **Sexo e Violência**: realidades antigas e questões contemporâneas. São Paulo: Annablume, 2011. p.196.

²³⁴ SCHWARCZ. Op. Cit. p. 34.

Do ponto de vista médico, por outro lado, os pobres seriam também os principais responsáveis pela disseminação de doenças em função de sua atitude descuidada com relação à higiene. Essas duas concepções presentes no pensamento da elite brasileira de então colocou os pobres sob suspeita.²³⁵

No contexto histórico em que se deu a adoção do conceito de “classes perigosas” no Brasil, desde o início os negros foram tidos como os suspeitos preferenciais. A esse respeito o historiador Sidney Chalhoub afirma que em 1888 houve uma grande discussão entre deputados com relação ao problema da ociosidade no país. A principal preocupação, neste sentido, era imaginar como seria possível garantir a organização do mundo do trabalho sem o recurso às políticas de domínio características do cativo. A solução encontrada pelos deputados no momento para garantir que os negros, então libertos, se sujeitassem a trabalhar para a continuidade de acumulação de riquezas de seus patrões, foi a da suspeição generalizada. Desta forma formulava-se uma estratégia de repressão contínua fora dos limites da unidade produtiva.²³⁶

Com freqüência “o caráter dos negros” foi considerado um argumento importante para mantê-los na condição de suspeitos. Para tanto, recorria-se a noções relacionadas à sua suposta natureza, aludindo às teorias raciais que a partir de então influenciariam cada vez mais os homens de ciência brasileiros. A conseqüência da fusão do pensamento médico-científico com os temores sociais suscitados pela abolição foi que os negros passaram a ser encarados como membros permanentes das classes perigosas. Afinal, os vícios e defeitos que os homens brancos observavam na raça negra passaram a ser vistos como insuperáveis pela lógica determinista das teorias raciais.²³⁷

Por razões diversas, assim como os negros, os homossexuais (na época denominados pederastas) foram convertidos nas primeiras décadas do século XX em objeto de suspeitas constantes por parte do Estado brasileiro. Ainda que no regime republicano pós-1889 a pederastia por si não fosse considerada ilegal, o comportamento homossexual era reprimido e controlado indiretamente de quatro maneiras distintas: por atentado público ao pudor, por

²³⁵ CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 21-29.

²³⁶ Ibidem. pp. 23-24.

²³⁷ Ibidem. p. 25.

atentado ao pudor de menores, por travestismo, ou por vadiagem.²³⁸ Controlados pela polícia e pelos tribunais brasileiros, os pederastas foram também extensivamente estudados pelos saberes médicos da passagem do século XIX para o XX. Na verdade, um emaranhado de discursos religiosos, jurídicos e médicos sobre o homoerotismo criou neste período uma noção coletiva de que esses homens fossem seres imorais e degenerados.

O termo “homossexualidade” foi utilizado pela primeira vez em 1869 pelo escritor austro-húngaro Karl Maria Benker, defensor dos direitos dos homossexuais. Na literatura médica o termo foi disseminado, no entanto, a partir do seu uso por Krafft-Ebing em seu livro *Psychopathia Sexualis*, publicado em 1887.²³⁹ Objeto privilegiado de estudo de uma medicina que se propunha a localizar nos desvios sexuais sinais de degeneração, o corpo do pederasta foi convertido em anomalia. Logo a chamada “inversão sexual” passou a ser vista como um elemento constitutivo da personalidade dos indivíduos, que como tais, poderiam ser identificados, diagnosticados e curados.²⁴⁰

Como vimos no segundo capítulo, o discurso médico produzido durante o século XIX preocupou-se com a definição das diferenças entre os sexos. Essas teorias buscavam dar cientificidade ao princípio de complementaridade entre os sexos num sistema em que sexo, gênero e práticas sexuais eram vistos de forma inter-relacionada. Neste sentido, o sexo (definido pelos órgãos sexuais e pelas características sexuais secundárias) deveria ser correspondido pelo gênero (mulher-feminina e homem-masculino) e os impulsos sexuais normais seriam aqueles dirigidos ao sexo oposto. Foi dentro dessa lógica de pensamento que se deu a origem da concepção de inversão sexual como um estado anômalo.²⁴¹

Para autores como Krafft-Ebing, a inversão sexual teria como causa a hereditariedade, se constituindo numa marca de degeneração.²⁴² Como ele, muitos cientistas explicaram as chamadas aberrações sexuais com base em teorias evolucionistas, compreendendo que os homossexuais poderiam contaminar a sociedade com seu comportamento imoral e sua sexualidade perversa.

²³⁸ GREEN, James. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora da UNESP, 2000. pp. 55-58.

²³⁹ MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. **Patologização do desejo:** o *homossexualismo* masculino nos manuais de medicina legal do Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Monografia apresentada ao curso de História da UFPR. 2010, p. 27.

²⁴⁰ *Ibidem*. p. 41.

²⁴¹ *Ibidem*. pp. 43-46.

²⁴² *Ibidem*. p. 46.

No Brasil, as discussões médicas ocorridas na passagem do século XIX para o XX acerca da pederastia teriam se iniciado com a publicação do texto *Da prostituição em geral e em particular em relação ao Rio de Janeiro*, em 1872 da autoria de Francisco Ferraz de Macedo. Ainda que o médico não oferecesse explicações para a origem do comportamento homossexual, seu livro incluía um levantamento dos vários tipos de condutas homoeróticas identificando esses homens em três categorias: o que penetrava (ativo), o receptivo nessa relação (passivo) e o que apreciava ambas as formas de prazer sexual (misto). Para o autor, no entanto, a prática não seria patológica, mas resultado de uma criação moral imprópria.²⁴³

Em 1894, o professor de direito criminal e desembargador da Corte de Apelação do Distrito Federal, Francisco José Viveiros de Castro publicou *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. Em sua obra, o autor argumentava que a inversão sexual era um problema médico, tendo obtido a maior parte de suas informações em textos de sexólogos europeus. Ao analisar a obra, James Green observou que o autor se serviu de referenciais divergentes e contraditórios sendo que alguns consideravam que a inversão sexual era congênita, patológica e hereditária, enquanto outros que se tratava de um comportamento adquirido. Servindo-se de exemplos de casos de pederastia, Viveiros de Castro contribuiu para que fosse realizada uma aproximação entre homossexualidade e criminalidade. Os homens que se relacionavam com outros homens por ele retratados eram doentes mentais, assassinos apaixonados ou molestadores de crianças.²⁴⁴

Anos mais tarde, em 1906, José Ricardo Pires de Almeida publicou a monografia intitulada *Homossexualismo no Rio de Janeiro: estudos sobre as perversões do instinto genital*. No texto, o médico afirmava que a homossexualidade poderia ser ou congênita ou resultado de uma educação imprópria. Preocupado em encontrar diferenças físicas entre homossexuais e homens “normais”, o autor contribuiu para a descrição de uma categoria diferenciada de homens que apresentava traços físicos e patológicos próprios. Além disso, ele afirmava que havia uma diferença fundamental entre pederastas ativos e passivos e que isso poderia ser observado em suas características físicas.²⁴⁵

²⁴³ GREEN, James. Op. Cit. pp. 79-80.

²⁴⁴ Ibidem. pp. 85-87.

²⁴⁵ Ibidem. pp. 93-94.

De uma forma geral, os médicos que escreveram sobre a pederastia no Brasil neste período demoravam-se em descrever o tipo físico do pederasta, sua classe social, seus costumes, lugares que costumava freqüentar, sua situação econômica, seus vícios e práticas sexuais.²⁴⁶ Com relação à terapêutica, no entanto, mesmo os médicos que consideravam a prática como um sinal de degeneração, não se distanciavam de uma discussão sobre os hábitos de educação moral na infância e sobre a forma como se exercia a prostituição no Brasil. A necessidade de monitorar as crianças antes que a degeneração se alastrasse de forma irreparável era um ponto comum na maior parte dos discursos médicos sobre a pederastia.²⁴⁷

Em inúmeras teses médicas do período defendeu-se a idéia de que as crianças tornavam-se adultos pederastas porque não praticavam exercícios físicos, eram moles e deixavam-se viciar pela masturbação. Por outro lado, aos olhos dos médicos a pederastia parecia aumentar nessa passagem do século XIX para o XX porque as prostitutas cobravam valores altos demais, ou porque havia poucas mulheres disponíveis para o casamento. Assim, a medicalização da pederastia esteve atrelada a um discurso em prol do controle da infância e da sexualidade do homem adulto. A construção de um corpo masculino viril, saudável e moralmente regrado relacionava-se, assim, com o ideal de formação de uma nação forte, capaz de encontrar o progresso.

A partir dessas formulações, desenhava-se um modelo de masculinidade hegemônico cuja saúde significava uma capacidade de realizar o controle de seus instintos sexuais. Medicamente o corpo desse homem ideal relacionava-se à raça branca e à heterossexualidade. Por esta razão, negros e ex-escravos foram associados à corrupção física e moral, enquanto que o homossexual foi convertido numa figura patológica, anormal, um homem “corrompido” pelo efeminamento.

Caracterizados como figuras degeneradas, homens negros e pederastas foram encarados como ameaças à nação, à família e à correta ordenação dos relacionamentos entre os gêneros. Essa caracterização contribuiu, no entanto, para a constituição da masculinidade hegemônica, através de um processo de reconhecimento da alteridade. A criação desses outros como diferentes e a demarcação de sua inferioridade ativou dentro do discurso médico uma série de oportunidades para a defesa da necessidade da conformação do homem à figura do pai de família. Todo esse processo encontrou ecos na literatura ficcional e está presente nas

²⁴⁶ Em alguns momentos chegou-se a debater sobre a existência ou não de pederastas entre as classes mais ricas.

²⁴⁷ COSTA, Jurandir Freire. Op. Cit. p. 248.

discussões acerca da raça e da homossexualidade nos romances que analisamos, como será explorado a seguir.

Este capítulo que pretende explorar as outras formas de masculinidade que existiram no Brasil da passagem do século XIX para o XX para além do modelo hegemônico, se inicia com a apresentação da história de Amaro, personagem da obra *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. A partir da caracterização desse personagem – um homem negro e homossexual – deve-se refletir a respeito do modo como nesse período essas duas categorias serviram para reforçar o modelo normativo defendido tanto pela literatura, quanto pelo discurso médico.

Na segunda parte do texto, conheceremos Bembem, personagem que conta sua experiência em *O menino do Gouveia*. Através dessa narrativa, escrita por Capadócio Maluco em 1914, poderemos conhecer um pouco mais dos ambientes freqüentados por uma subcultura homossexual no Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX. Nesta parte do capítulo trata-se do modo como foi posta a questão do desejo homossexual nesta literatura, comparando-a com o discurso médico produzido nesse período sobre a pederastia.

Já na terceira e última parte do capítulo o objetivo é resgatar outras figuras masculinas presentes nos romances analisados em toda a dissertação, numa tentativa de discorrer a respeito das diferentes formas de vivência da masculinidade representadas nos romances para homens. Através dessa análise pretende-se direcionar o olhar para a multiplicidade de experiências que marca a realidade de homens que não apenas nos romances, mas na própria vida, com sua conduta ora se afastam, ora se aproximam do modelo de masculinidade hegemônico. Neste movimento constante, a masculinidade hegemônica confirma-se através de homens que se favorecem dela até que com o tempo os discursos presentes na sociedade multipliquem-se e passem a configurar novos modelos legitimados e aceitos.

4.1 NEGROS E PEDERASTAS

A caracterização do outro como diferente foi, conforme explicamos anteriormente, um ponto central para a construção do modelo de masculinidade hegemônico emergente no Brasil da passagem do século XIX para o XX. Essa diferenciação se fez com base, sobretudo, na e na valorização da brancura da pele e do comportamento heterossexual como sinais de civilização. Na obra *Bom-Crioulo*, escrita por Adolfo Caminha em 1895, podemos observar como essas duas questões se relacionaram na definição de anti-modelos de masculinidade.

A história de *Bom-Crioulo* se passa num passado indeterminado, que para James Green poderia ser por volta dos anos de 1870, quando o Brasil ainda era um Império e a escravidão não tinha sido abolida.²⁴⁸ Isso porque na narrativa, Amaro – o Bom-crioulo - é um escravo fugido que consegue ingressar numa corveta, passando a trabalhar como marinheiro. No barco o trabalho era pesado e os marinheiros eram submetidos a uma rígida disciplina, estando sujeitos a sofrer castigos físicos. Ainda assim, para um ex-escravo o trabalho era bom, pois significa uma liberdade que até então lhe era desconhecida.

Bom-Crioulo é descrito como um homem forte, robusto e ao mesmo tempo pacífico. Seu comportamento amável e cortês com todos, inclusive, foi o responsável pela escolha de seu apelido. A questão racial é lembrada pelo autor a todo o momento, inclusive para diferenciá-lo dos demais negros. Bom-Crioulo apesar de ser um escravo fugido era resignado, possuía um bom caráter e não costumava tratar as situações com violência:

Amaro soube ganhar logo a afeição dos oficiais. Não podiam eles, a princípio, conter o riso diante daquela figura de recruta alheio às praxes militares, rude como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas, no fim de alguns meses, todos eram de parecer que ‘o negro dava pra gente’. [...] Nunca, durante esse primeiro ano de aprendizagem, merecera a pena de um castigo disciplinar: seu caráter era tão meigo que os próprios oficiais passaram a tratá-lo por *Bom-Crioulo*.²⁴⁹

Ainda que fosse conhecido pela sua docilidade e submissão, logo na primeira cena em que aparece no centro da narrativa, Amaro é castigado por ter se envolvido numa briga no

²⁴⁸ GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p.74.

²⁴⁹ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 26.

interior da corveta. O motivo teria sido o jovem Aleixo, um adolescente de olhos claros e físico frágil que passa a trabalhar no navio e pelo qual Amaro fica encantado.

Admiravelmente manso, quando se achava no seu estado normal, longe de qualquer influência alcoólica, submeteu-se à vontade superior, esperando resignado o castigo. Reconhecia que fizera mal, que deveria ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas que diabo! Estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeítíssimo!²⁵⁰

Apesar de ser chicoteado, Amaro aparece como uma figura forte, capaz de agüentar cento e cinqüenta chibatadas sem expressar dor ou sofrer danos na pele. A descrição do corpo do personagem inúmeras vezes passa pela nudez, que ressalta seus músculos e sua força, suscitando imagens eróticas. Se de início essas características servem para ressaltar a sua virilidade e caráter diferenciado, aos poucos elas vão se sobrepondo à sua individualidade e passam a representar características de sua raça. Logo é feita uma ressalva ao bom comportamento de Amaro: sua conduta se transformava quando fazia uso de bebidas alcoólicas:

Tinha a cabeça muito fraca e muito leve: um golo de aguardente, uma dose insignificante de líquido espirituoso, um martelo de vinho punha-lhe os olhos em brasa, desequilibrava-o, subindo logo ao cérebro. E quando bebia demais, em pândega, lá uma vez ou outra – santo Deus! Ninguém podia com ele: redobrava de força, não conhecia os amigos, insultava a humanidade, ameaçando, brandindo, o punho fechado, carregando o boné, gingando o corpo – medonho, terrível!²⁵¹

Os desdobramentos da narrativa levam a uma associação entre a raça negra, a marginalidade, a homossexualidade e a tendência ao vício. Neste sentido, o texto de Adolfo Caminha incorpora algumas discussões realizadas no interior da medicina legal que se desenvolveu na Europa a partir da metade do século XIX. Nesse contexto, a suspeita de lesão mental dos indivíduos acusados por crimes é colocada em questão e paulatinamente a medicina legal vai se transformando num saber legítimo, capaz de informar à justiça. Para a evolução desse processo, as pesquisas de Cesare Lombroso foram de grande importância, atribuindo cientificidade aos estudos de criminologia.

²⁵⁰ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 23.

²⁵¹ Ibidem. p. 76.

Acreditando que traços físicos, como tamanho e formato do crânio e traços faciais seriam pistas para a diferenciação cultural ou psicológica, Lombroso procurou comprovar a existência do “criminoso nato”. O autor acreditava que os brancos eram superiores aos negros por hereditariedade e que a criminalidade era um traço relacionado a um passado primitivo. “Uma testa baixa, arqueada, olhos duros e astutos, orelhas grandes e em formato de alça; um nariz achatado ou empinado e mandíbula projetada para a frente [...], incisivos grandes” eram características associadas aos criminosos.²⁵² Além disso, assim como Amaro, muitos criminosos seriam insensíveis a dor e seu comportamento degenerado frequentemente incluía propensão a mutilação, a tortura e a homossexualidade.²⁵³ Essa lógica determinista levaria Lombroso a afirmar que enquanto seres humanos nós somos governados por leis biológicas silenciosas que regem a sociedade mais do que nossa vontade ou que as leis escritas.²⁵⁴ De forma muito semelhante, Adolfo Caminha justifica as ações de Bom-Crioulo em seu texto: “Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana”.²⁵⁵

Antes mesmo de Lombroso, Ambroise Tardieu defendeu a associação entre homossexualidade e criminalidade. Em seu *Etude médico-légale des attentats aux mœurs* (1857), o autor se propôs a oferecer a médicos legistas ferramentas para identificar pederastas. Ao descrever os pederastas como indivíduos que carregam em seu corpo as marcas de seu vício, Tardieu fez inúmeras descrições, nas quais a imagem do pederasta perigoso aparecia de forma mais freqüente que a do doente.²⁵⁶ Na literatura médica brasileira essa associação entre raça, crime e homossexualidade não será defendida explicitamente, mas aparecerá em inúmeras teses até a década de 1930. A veiculação das idéias de Lombroso e a crescente influência do discurso eugênico no Brasil farão com que, em inúmeros exemplos médicos, homossexuais negros fossem ligados ao crime, dando-se ênfase à sua raça,²⁵⁷ da mesma forma como o romance de Adolfo Caminha preconiza, no final do século XIX.

²⁵² HERMAN, Arthur. Op. Cit. p. 127.

²⁵³ GREEN, James. Op. Cit. p. 199.

²⁵⁴ HERMAN, Arthur. Op. Cit. p. 125.

²⁵⁵ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 46.

²⁵⁶ MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. Op. Cit. p. 48.

²⁵⁷ GREEN, James. Op. Cit. pp. 212-213.

Na caracterização de Amaro também aparecem com frequência analogias entre seu comportamento e o de animais. Seja quando o personagem cede a um comportamento violento, seja no exercício de sua sexualidade, a narrativa o descreve de forma animalesca: “Bom-Crioulo [...] com seu bodum africano, com seus ímpetos de touro [...]. Aquele animal com formas de homem. [...]”²⁵⁸ Esse recurso ao antropozoomorfismo tornou-se comum nas narrativas literárias e em textos médicos no decorrer do século XIX, acompanhado de uma estigmatização das pessoas consideradas selvagens como seres hiperssexualizados. Baseadas na existência de uma hierarquia entre as raças, essas analogias aproximaram determinados grupos considerados inferiores a animais.²⁵⁹ Em *A Carne*, romance de Julio Ribeiro que estudamos, os negros são descritos de forma semelhante. Há uma passagem do texto em que Lenita observa a cópula entre uma vaca e um touro e logo em seguida observa a relação sexual entre um casal de escravos:

Lenita ouviu um murmurar confuso de vozes intercoradas, viu agitarem-se uns ramos e, pelos interstícios dos troncos, por entre o emaranhado dos galhos, lobrigou como indistintamente uma como luta breve, seguida pelo tombar desamparado, pelo som baço de dois corpos a bater a um tempo no solo arenoso do matagal. Lenita mais compreendeu do que viu. Era a reprodução do que se tinha passado, havia momentos, mas em escala mais elevada: à cópula, instintiva, brutal, feroz, instantânea dos ruminantes, seguia-se o coito humano meditado, lascivo, meigo, vagaroso.²⁶⁰

A associação entre a sexualidade dos negros e dos animais é direta na narrativa de Julio Ribeiro. Assim como o touro e a vaca, o casal de negros não é capaz de exercer controle sobre o seu próprio corpo, realizando o ato sexual durante o dia a céu aberto em meio ao matagal da fazenda. Quando Lenita entrega-se a Barbosa, ela é comparada aos negros e aos animais para salientar sua decadência:

Quisera voar de surto, remontar-se às nuvens, mas a carne a prendera à terra, e ela tombara, submetera-se; tombara como a negra boçal do capão, submetera-se como a vaca mansa da campina. Revoltada com a metafísica social, pusera-se fora da lei da sociedade, e a consciência castigava-a, dando-lhe testemunho de quanto ela descera abaixo do nível comum da mesma sociedade.²⁶¹

²⁵⁸ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 83.

²⁵⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. (2011). Op. Cit. p. 197.

²⁶⁰ RIBEIRO, Julio. *A Carne*. São Paulo: Editora Escala. s/d. p. 55.

²⁶¹ Ibidem. p. 126.

O ato sexual dos negros é naturalizado, mas Lenita ao comparar-se a eles é retratada como decadente. A passagem deixa entrever a importância que é dada no contexto à questão racial. Numa sociedade que se pretendia construir a partir de modelos de civilidade européia, tanto a feminilidade quanto a masculinidade ideais deveriam se constituir a partir de um padrão associado à brancura da pele. Na medida em que se defendia o controle da própria sexualidade como um fator distintivo dos homens possuidores da masculinidade hegemônica, o descontrole sobre o corpo foi relacionado aos negros e pederastas, analogia que fica mais clara na seqüência de *Bom-Crioulo*.

Quando conhece Aleixo na corveta em que fora trabalhar, Amaro é acometido por um desejo crescente pelo rapaz. Mais adiante, o autor explica que o negro teve apenas duas experiências sexuais com mulheres, ambas mal sucedidas e que o fizeram permanecer muito tempo distante de sua própria sexualidade. A chegada de Aleixo lhe desperta, no entanto, um desejo inocente, que ele mesmo desconhecia. Assim como em outras narrativas escritas sob os pressupostos naturalistas, o desejo é fatal e Amaro não tem controle sobre ele. O instinto é uma força à qual os personagens não conseguem resistir, e mais ainda Amaro, por ser negro. O componente racial aparece aqui, portanto, como um fator determinante tanto para o caráter da pessoa, quanto para questões relacionadas ao controle de si mesmo e à racionalidade.

Na literatura naturalista, como afirmamos anteriormente, há uma pretensão de se revelar a realidade tal qual ela se apresenta e neste sentido, a narrativa de *Bom-Crioulo* se aproxima do discurso científico ao tratar questões sociais como biológicas e pretensamente neutras. Adolfo Caminha então descreve Amaro sob o ponto de vista da ciência da época, como afirma Oswaldo Lara:

Se a categoria “negro” era indicativa de uma propensão ao crime, sua intersecção como status conferido à homossexualidade funcionava como marcadora de doença, perigo, perversão, crime e amoralidade. Temas como homossexualidade e raça foram fundamentais para a invenção dos “anormais” na sociedade brasileira do século XIX. Eles serviram de referência para a produção de identidades sexuais, bem como para a consolidação de nossas hierarquias raciais. Adolfo Caminha esteve enredado nas teorias raciais no fim do século XIX e o modo como se refere ao negro apresenta o vocabulário do racismo científico do fim do século XIX.²⁶²

²⁶² LARA, Oswaldo. A perspectiva queer aplicada ao contexto brasileiro: apontamentos para uma sociologia histórica. In.: **Plural**, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v. 15, 2008. pp. 81-98.

De caráter volúvel e com a sexualidade ainda não bem definida, Aleixo se deixa envolver por Amaro e na própria corveta eles têm a sua primeira relação sexual, descrita pelo autor com uma riqueza de detalhes que chocou os críticos e a sociedade quando da publicação do romance. Aleixo beneficia-se da proteção que Amaro lhe dá e os dois vivem juntos e felizes por cerca de um ano, tendo inclusive alugado um quartinho para que em terra pudessem ficar juntos e viver sua intimidade sem serem incomodados.

Na relação que se estabelece entre Amaro e Aleixo chama a atenção o fato de que é o negro quem desempenha o papel ativo, enquanto Aleixo, mais jovem, é envolvido pela situação tanto amorosa quanto econômica da qual se beneficia. Aos poucos Amaro passa a sentir ciúmes de Aleixo, que por sua vez cansa-se da vida que levava com o negro quando conhece outra pessoa capaz de protegê-lo: Dona Carolina. Proprietária do quarto alugado no qual os dois homens viveram seus encontros amorosos em terra e amiga de longa data de Amaro, a personagem feminina se interessa por Aleixo e lhe oferece cuidados e pequenos agrados para que se tornem amantes. A mulher experiente sente-se atraída pela figura afeminada do jovem, que permanece num lugar submisso nesta relação agora heterossexual, mas de qualquer forma invertida.

É interessante observar que no romance, Aleixo é seduzido por Amaro, mudando de postura com o passar do tempo. A partir do momento em que ele conhece o sexo com uma mulher, passa a rejeitar Amaro. Na literatura médica européia aparecem apontamentos que explicariam o caráter de Aleixo. Afirmando que as causas da inversão poderiam ser de origem congênita ou adquirida, Krafft-Ebing atentava para a necessidade de distinguir perversão e perversidade. Os perversos seriam, neste sentido, aqueles que teriam uma constituição psíquica anormal, que lhes levariam ao desejo por alguém do mesmo sexo. Já os pervertidos seriam indivíduos “normais”, que poderiam manter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo em função do contexto e em muitos casos como resultado de uma sedução.²⁶³ Ainda que em *Bom-Crioulo* seja o negro quem desempenha o papel ativo na relação, subjaz no romance, portanto, uma oposição entre negro-anormal e branco-normal.

Se recordarmos da trajetória de Alberto, personagem de *Um Homem Gasto* (1885), podemos observar que ele também foi seduzido na juventude por um professor e assim como Aleixo, utilizou-se dessa relação para obter benefícios enquanto estava no internato. Na obra, que é considerada a primeira narrativa brasileira a fazer referência a uma relação homoerótica, Alberto também é um homem pervertido. Na explicação formulada por Krafft-Ebing, meninos

²⁶³ MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. Op. Cit. p. 52.

normais poderiam ser levados a ter relações com pessoas do mesmo sexo, muitas vezes em função do desenvolvimento precoce de hábitos considerados prejudiciais à saúde sexual, como a masturbação²⁶⁴. O caso de Alberto é exatamente esse.

Nos estudos médicos a respeito da pederastia que se desenvolveram no Brasil em finais do século XIX e inícios do século XX, fez-se na maior parte das vezes uma distinção no estudo de pederastas ativos e passivos. Talvez pela facilidade maior em observá-los, médicos brasileiros detiveram mais seus estudos nos indivíduos que apresentavam características efeminadas, que foram associados à figura do passivo nas relações sexuais. Nas observações do médico Ferraz de Macedo, era comum que fosse o homem que desempenha o papel de ativo quem tomasse a iniciativa na relação²⁶⁵, assim como acontece em *Bom-Crioulo*. É importante observar que essa categorização entre pederastas “ativos” e “passivos” em si mesma expressa o preconceito dos médicos do período, pois a referência para essa divisão imita as relações entre homens e mulheres. O estabelecimento da heterossexualidade como algo natural, impediu que a própria descrição dos homossexuais fosse realizada de forma distinta do modelo adotado para explicar as relações entre homens e mulheres.

Assim como outros médicos do período, Ferraz de Macedo presumiu que entre os militares a pederastia era mais comum. Compreendendo que o confinamento em quartéis e navios dificultava o acesso a mulheres, o autor afirmava que os oficiais poderiam favorecer-se da hierarquia presente nas forças armadas para obrigar pessoas de baixa patente a manter relações sexuais com eles. Diante de uma companhia feminina, no entanto, o soldado facilmente abandonaria o comportamento homossexual que lhe fora imposto pelas circunstâncias.²⁶⁶ É o que parece acontecer com o jovem Aleixo quando passa a se relacionar com D. Carolina. Amaro, no entanto, percebendo que o rapaz está diferente, só consegue suspeitar de que ele esteja saindo com outro homem.

Também no romance a pederastia é descrita como comum entre os marinheiros e ciente disto Amaro torna-se bastante preocupado. Adolfo Caminha afirmou ter se baseado no que viu em diferentes embarcações quando fez parte da Marinha para escrever o seu livro, disto decorre a repetição de alusões ao comportamento homossexual também de outros personagens em vários trechos do romance:

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ GREEN, James. Op. Cit. p. 79.

²⁶⁶ Ibidem. p. 80.

[...] O comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso de se dizer que preferia um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que Diabo! Ninguém está livre de um vício.²⁶⁷

Enciumado, inseguro e ao mesmo tempo insatisfeito pela transferência de embarcação, Bom-Crioulo já não se dedicava mais ao trabalho como antes. Isso o leva a um ato de indisciplina pelo qual é punido, acabando por ser hospitalizado. Aleixo não fica sabendo da situação de Amaro e quando este não aparece para encontrá-lo, sente-se aliviado. Amaro permanece então por algum tempo no hospital e sentindo-se abandonado enfraquece e torna-se irreconhecível. Inconformado, o negro foge do hospital, bebe em demasia e procura o amado, findando por descobrir a traição com Dona Carolina, sua amiga. Bom-Crioulo então tomado pela fúria comete um crime passional contra seu amado.

Como já vimos, o final trágico e o definhamento físico do personagem associados a transgressão erótica são marcas comuns em outras obras inspiradas pelo Naturalismo e também nos “romances para homens” da época. A tragédia aparece como uma demarcação que transforma a narrativa - apesar do realismo das descrições das relações sexuais e do desejo homoerótico - em um modelo que não deve ser seguido. A consequência da transgressão de Aleixo seria a morte, enquanto que para Bom-Crioulo restaria a loucura. Ao ler o romance ficamos penalizados com relação à situação de Amaro, mas isso não afasta a obra de seu determinismo, pelo contrário. Amaro é um perverso e como tal, não tem culpa de sua condição doentia.

A crítica literária do período recebeu *Bom-Crioulo* de forma bastante controversa. Apesar do autor se defender afirmando que se tratava de um relato que estava em consonância com as pesquisas médicas realizadas fora do país sobre a pederastia, os críticos consideraram a temática imoral, quando não de mau gosto. Recentemente o romance foi recuperado muito em função do crescimento do comércio de produtos voltados para o público homossexual. Foi então traduzido em diversas línguas: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano e turco e vendido em inúmeros países. Essa retomada dos olhares para o romance fez com que surgissem algumas releituras por parte dos estudos literários, passando a considerá-lo um dos romances de maior relevo do Naturalismo brasileiro. Em edição recente de *Bom-crioulo* pela Martin Claret, inclusive, pode-se ler a respeito do autor na contracapa:

²⁶⁷ CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 29.

O romancista cearense Adolfo Caminha, pouco apreciado em sua época, acabou apontado como um dos principais representantes do Naturalismo no Brasil. [...] Muito à frente de seu tempo, Adolfo Caminha escolheu temas ousados para seus romances, demonstrando a mesma coragem na sua vida pessoal. Em o Bom-Crioulo, sua obra-prima, firmou sua reputação na história literária brasileira.²⁶⁸

Em defesa do seu texto no periódico mantido por ele próprio intitulado *A Nova Revista*, Adolfo Caminha argumentou que seu livro estava inscrito na proposta Naturalista, afirmando:

Vem de muito longe essa guerra á verdade na arte. Inda não saiu dos prelos obra naturalista que não fosse taxada de immoral, desde que o grande Balsac (sic) atirou á circulação o seu primeiro livro de analyse. [...] O Naturalismo é a própria vida interpretada na arte; e, sendo o romance a fórmula mais natural da arte, claro está que só é imortal quando não apresenta caracteres de obra artística. Ora, andou-se a escrever que o Bom-crioulo 'tem paginas excellentes, vigor de expressão, estylo claro..., mas que o thema é baixamente repugnante. [...] Em arte, porém, não há themas maus.²⁶⁹

Na visão do autor a descrição, por vezes avessa às convenções morais do período, estava a serviço da arte e do propósito de desvelar a realidade para o leitor. Essa realidade poderia, portanto, ser imoral e inadequada aos projetos de civilidade, como de fato era considerado o comportamento homossexual pelo próprio Caminha. O texto no qual o autor se defende das acusações da crítica é conhecido como a primeira utilização do termo “homossexualismo” no Brasil: “Qual é o mais pernicioso: o Bom- Crioulo em que se estuda e condena o homossexualismo, ou essas páginas que ahi andam pregando, em tom philosophico, a discussão da família, o concubinato, o amor livre e toda espécie de imoralidade social?”²⁷⁰

Na época, a literatura médica que serviu de referência para Caminha considerava a figura do pederasta como um anti-modelo de conduta sexual masculina e de masculinidade, portanto. No sistema hierárquico das masculinidades, o homossexual foi considerado um homem que não era homem ou que por vezes era “quase uma mulher”, como as descrições de Aleixo demonstram. Dentro da lógica do modelo de masculinidade emergente no período, o homossexual foi execrado porque sua existência negava diretamente a função paterna, considerada universal na natureza do homem.

²⁶⁸ Apresentação do livro pela editora.

²⁶⁹ CAMINHA, Adolfo. Um livro condenemnado. *A nova revista.*, fev. 1896, nº 2. pp. 40-42.

²⁷⁰ Ibidem. p. 42.

Além disso, a pederastia reforçava inúmeras outras interdições médicas, todas elas consideradas preventivas em relação aos males que poderiam ocorrer no interior das famílias brasileiras. Em função disto, foi relacionada a uma determinada forma de tratar os filhos, explicação que repercute até a atualidade em discursos preconceituosos. A sífilis e os altos preços cobrados pelas prostitutas também foram consideradas causas do comportamento homossexual. Sem mulheres por perto, os marinheiros da corveta acabavam por cometer atos tidos como “imorais” ou “delitos contra a natureza”, como é descrito no romance. Desta forma, emergiu um sistema de controle das relações entre homens, como afirma Richard Miskolci:

No contexto em que as relações entre homens passam a ser problematizadas socialmente, emerge o que podemos denominar como homofobia ou heterossexismo, ou seja, não apenas o ódio àqueles que se relacionam com outros do mesmo sexo, antes um complexo mecanismo social de controle das relações entre homens para que eles mantivessem sua função de parceria na dominação masculina das mulheres e não caíssem no perigoso desejo amoroso por um parceiro do mesmo sexo.²⁷¹

Neste sentido, a dominação masculina foi sustentada também no Brasil através do policiamento das práticas amorosas entre homens e ao mesmo tempo na submissão das mulheres. Mulheres e homossexuais, no entanto, como afirma Elaine Showalter, não se uniram contra a dominação masculina, pois apresentavam interesses diversos.²⁷² A cultura homossexual desenvolveu uma visão negativa das mulheres, que aparece na literatura analisada pela autora.

O projeto de formação de um novo homem, adequado à construção da pátria, como demonstram a literatura e a medicina na passagem do século XIX para o XX no Brasil, serviu-se, assim, dos dois anti-modelos presentes na obra *Bom-Crioulo*: o negro e o pederasta. Este, era apresentado como aquele indivíduo que se distanciava do ideal masculino do pai de família, enquanto que o negro permanecia como um recalque no contexto brasileiro, quando então se procurava um ponto de equiparação às nações européias a partir de um referencial teórico racista. Assumiu-se assim, a postura preconceituosa de suspeita e ao mesmo tempo de controle da raça negra e da miscigenação. A aceitação das recomendações higienistas e da postura de controle da sua própria sexualidade com o intuito de aproximar-se do modelo de

²⁷¹ MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. In.: **Estudos Feministas**. Florianópolis, maio/agosto 2009. p. 553.

²⁷² SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual**: sexo e cultura no fin de siècle. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. Pp. 227-231.

masculinidade hegemônica do país, fez-se, neste sentido, a partir de um ideal de diferenciação que contribuiu para o fortalecimento de um modelo de masculinidade branco, heterossexual e que mantinha a sexualidade restrita ao ambiente familiar.

A associação entre raça, criminalidade e homossexualidade que aparece no romance de Adolfo Caminha nos informa sobre o modo como o modelo de masculinidade hegemônico configurou-se a partir do reconhecimento da alteridade. Associando a raça negra e a homossexualidade a patologias e a discursos que lhes imputavam uma posição inferior com relação aos demais, cientistas e homens de letras também construía um modelo ideal de masculinidade. A defesa de que negros e pederastas teriam tendências à criminalidade serviu para que essas figuras fossem constantemente colocadas sob suspeita e reforçou preconceitos presentes na sociedade da época. Ecos desses discursos, infelizmente, podem ser observados em nossa sociedade até os dias de hoje.

4.2 DESEJOS E INTERDIÇÕES

O discurso médico produzido ao longo do século XIX sobre a pederastia construiu-se a partir de um referencial heterossexual. Em especial no Brasil, tanto para explicar as causas desse comportamento, quanto para caracterizar o desejo foram utilizadas descrições que não apenas categorizaram os diferentes tipos de “desvios” sexuais, mas os colocaram em níveis hierárquicos os próprios homossexuais. Buscando definir de maneira exata e detalhada a conduta e a condição psíquica desses indivíduos que se relacionavam com pessoas do mesmo sexo, estudiosos brasileiros se inseriram num campo de estudos já desenvolvido na Europa, onde médicos e psiquiatras realizavam um esforço para estabelecer fronteiras entre normalidade e anormalidade em termos de comportamento sexual.

As obras literárias com as quais trabalhamos nessa pesquisa, por sua vez, foram as primeiras no Brasil a fazer referência à homossexualidade. Pela sua intenção de retratar na narrativa literária os desvios sociais, são os escritores vinculados à escola Naturalista os primeiros a tratar da figura do homossexual, ou do pederasta, como era mais comum no vocabulário da época. Neste sentido, *Um homem gasto*, de Ferreira Leal é primeira obra literária que apresenta essa discussão ao retratar a corrupção sexual de Alberto no internato em que estudara. A obra, escrita em 1885, no entanto, não se aprofunda na descrição da relação que acontece entre Alberto e seu professor e o personagem na vida adulta manifesta uma preferência sexual por mulheres.

Em 1895, dez anos após a publicação de *Um homem gasto*, Adolfo Caminha escreveu *Bom-crioulo*, que conhecemos na sessão anterior. No romance, Amaro é vítima de sua própria condição, assumindo um caráter doentio e violento. A loucura e a punição normativa presentes no romance reiteram o discurso médico e moral do período, que consideravam a pederastia um desvio.

Dentro desse pequeno conjunto de obras que trataram da homossexualidade na passagem do século XIX para o XX, *O menino do Gouveia*, escrito sob o pseudônimo de Capadócio Maluco, ocupa uma posição diferenciada. O texto, diferentemente dos outros analisados nessa dissertação, aproxima-se mais da estrutura de um conto, no qual o autor retrata com humor as peripécias de Bembem. A linguagem do texto é explícita e debochada, centrando-se na questão do desejo. *O menino do Gouveia* é considerada a primeira história pornográfica homoerótica brasileira e aparentemente não realiza censuras ao comportamento e aos desejos de seu protagonista. Neste sentido, a opção por esta fonte é interessante para que

se tenha acesso a uma narrativa mais próxima das experiências masculinas homoeróticas, ainda que não se possa afirmar que haja um afastamento entre a perspectiva adotada por Capadócio Maluco e o discurso médico do período.

O texto foi publicado em 1914 pela revista *Cupido e Companhia*, mesma editora do periódico bissetimanal *Rio Nu*, que circulou em diversas regiões do país entre 1898 e 1916. A publicação possuía caráter erótico e humorístico e costumava trazer em suas páginas ilustrações de mulheres nuas, histórias eróticas e colunas de fofocas. No jornal, os editores costumavam fazer propagandas dos “deliciosos romances” que se encontravam disponíveis para a compra em seus escritórios de redação. Foram diversas as séries de romances publicadas pelo periódico e uma das mais famosas foi a “contos rápidos”, na qual *O Menino do Gouveia* foi o sexto texto a ser publicado.²⁷³

Para James Green, é provável que o autor de *O Menino do Gouveia* tenha participado da vida sexual nos parques públicos do Rio de Janeiro, pois suas descrições são muito próximas de relatos sobre a vida pública dos homossexuais naquele período. Além disso, o historiador acredita que o fato da narrativa ter sido publicada pelo periódico *Rio Nu* indica que naquele momento existia algum mercado para o tema homossexual no interior das narrativas de caráter erótico.²⁷⁴

O texto é dividido em quatro partes, nas quais Bembem mantém um diálogo com seu amante, contando-lhe de suas primeiras experiências sexuais. Em *O menino do Gouveia* não há final punitivo, simplesmente indica-se que o personagem segue sua vida relacionando-se com homens como Gouveia, que é responsável pela sua iniciação sexual. “Gouveia” na gíria da época era como se costumava chamar homens velhos que desejavam jovens garotos.

Pode-se perceber na narrativa de *O menino do Gouveia* uma relação com o discurso médico do período na medida em que se demonstra que as ações do personagem são guiadas por um determinismo biológico, pois ele sempre tivera uma aparência efeminada, o que é considerado um sinal de sua atração por homens.²⁷⁵ Logo no início do conto o rapaz afirma que sempre foi “homossexual”:

²⁷³ EL FAR, Alessandra. (2004). Op. Cit. pp. 274-275.

²⁷⁴ GREEN, James. Op. Cit. p. 69.

²⁷⁵ Este argumento também é defendido por Alessandra El Far em seu artigo *Crítica Social e Idéias Médicas nos excessos do desejo*, publicado em 2006 na revista *Cadernos Pagu*. EL FAR, Alessandra. Crítica social e idéias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. In.: **Cadernos Pagu**. n.28, Campinas, 2007, p. 302.

[...] Eu tomo dentro por vocação; nasci para isso como outros nascem para músicos, militares, poetas ou até políticos. Parece que quando me estavam fazendo, minha mãe, no momento da estocada final, peidou-se, de modo que teve todos os gostos no cu e eu herdei também o fato de sentir todos os meus prazeres na bunda. Quando cheguei aos meus treze para catorze anos, em que todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua, ou pelo menos um pedaço de coxa, um seio ou outra parte do corpo feminino, eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio, ia mijar, para deliciar-me com o espetáculo de um caralho de um homem.²⁷⁶

Bembem passou a adolescência na casa dos tios e com a convivência acabou se apaixonando pelo tio. Curioso e fascinado pelo pênis do tio, o garoto chega a fazer furos na parede do quarto com o intuito de vê-lo nu. Numa noite, ele observa os tios numa relação sexual, que lhe deixa deslumbrado por visualizar o pênis do tio ereto e ao mesmo tempo, faz-lhe sentir inveja da tia:

Oh! Céos! Eu então pude ver com toda a dureza que uma tesão completa lhe dava, os vinte e cinco centímetros de nervo com que a Natureza o brindára. Que porra! Grande, rija, grossa, com uma chapeleta semelhante a um parachoques da central fornida dum par de colhões que devia ter leite para uma família inteira.

[...]

Tive que admirar-lhe as pernas bem feitas, as coxas grossas, [da tia] o traseiro amplo, macio e gelatinoso. Ah! Si eu tivesse um cú daqueles, era feliz!²⁷⁷

Excitado, o adolescente corre para o seu quarto, já não suportando assistir a cena. Atormentado pelo desejo, ele retira uma vela de um castiçal e tenta se masturbar com ela, mas fracassa, pois as arestas da vela o machucam. A cena é descrita com humor, retirando o foco das cenas de caráter mais erótico. Apesar das descrições explícitas, com frequência o texto escapa às cenas em que o desejo está mais presente em direção ao escárnio. Depois de assistir a cena de sexo entre os tios, Bembem é tomado por uma necessidade orgânica de realizar seu desejo. Assim como nas narrativas naturalistas estudadas ao longo dessa pesquisa, o desejo é fatal, não se pode dominá-lo ou resistir a ele. O jovem passa a noite em claro e no dia seguinte resolve procurar o tio para resolver a questão. Decidido, o rapaz invade o banheiro onde o tio está com a desculpa de que a tia havia lhe pedido para entregar alguma coisa e implora:

Eu peguei-lhe a porra e supliquei. — Titio, você faz commigo o que fez esta noite com titia! Faz, sim? Ergui a camisola e apresentei-lhe a minha bunda, que, francamente, estava palpitando de anciedade. O estafermo de meu tio, entretanto,

²⁷⁶ MALUCO, Capadócio. Op. Cit. p. 4.

²⁷⁷ Ibidem. pp. 5-6.

não era homem para compreender esses mysterios do amor. Não sabia o mundo de gosos que há numa bunda masculina quando ainda tem a prega mestra. Pegou-me pela orelha, escancarou a porta, e, pespegando-me um valente ponta-pé no cú gritou: — Safa! que putto me sahiu o rapaz!²⁷⁸

O tio então expulsa Bembem não apenas do banheiro, mas também de sua casa. Ao expulsar o sobrinho de casa, o tio marca a sua adesão ao ideal de masculinidade então hegemônico. O ato de rejeitar homossexuais reforça, neste sentido, o binarismo existente entre hetero/homossexual, assim como explicam Richard Miskolci e Fernando de Figueiredo Balieiro ao analisar *O Ateneu*, obra de Raul Pompéia:

[...] o aprendizado da heterossexualidade confundia-se com um adestramento de gênero em que o ‘homem de verdade’ deveria não apenas se relacionar com mulheres, mas, antes de tudo, estar no topo de uma hierarquia de poder, ser dominador, viril, em suma, sinônimos da época que constituíam a masculinidade em si mesma.²⁷⁹

Ao expulsar Bembem, o tio chama-lhe de “putto” e isso ocorre porque na passagem do século XIX para o XX construiu-se uma associação entre pederastia e prostituição, de forma que o termo era comumente utilizado para se referir a homossexuais. Mais tarde, no entanto, quando não vivia mais na casa do tio, o rapaz realmente passa a se prostituir. Neste sentido, a narrativa se mostra fiel a concepções presentes na sociedade daquele período, que também foram reiteradas por estudos médicos.

Para os médicos que pretendiam estudar a pederastia em fins do século XIX e inícios do século XX, a observação daqueles homens que possuíam características efeminadas era mais fácil, pois eles poderiam ser mais facilmente identificados. Além disso, a prostituição de alguns desses homens, por ser visível em lugares públicos fez com que surgissem associações entre o comportamento homossexual, a passividade e a prostituição. Ferraz de Macedo, neste sentido, observou que o atrativo dos prostitutas de rua era justamente a imitação que eles faziam do feminino: as formas de vestir, a fala doce e aguda, o modo suave de andar. O médico relacionou a feminilidade que observava nesses homens à figura do passivo sexual. Essa consideração, ainda que especulativa (pois se baseava apenas em observações), serviu de

²⁷⁸ Ibidem. pp. 7-8.

²⁷⁹ MISKOLCI, Richard.; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. In.: **Revista brasileira de ciências sociais**. Vol. 26, nº 75. fev. 2011. Vol. 26, nº 75. fev. 2011. p. 79.

base para a compreensão de que os prostitutas eram procurados por homens “normais” como substitutos a putas caras e tomadas de doenças sexualmente transmissíveis.²⁸⁰

Em diversos momentos da narrativa de *O Menino do Gouveia* são ressaltadas as suas características femininas. Depois de ser forçado a sair de casa, o garoto, sem ter para onde ir, dirige-se à Praça Tiradentes, na época conhecida como o Largo do Rossio. Lá ele senta-se em um banco e logo um homem mais velho se aproxima dele. O homem chama-se Gouveia e depois de uma breve conversa convida-o a ir ao cinema, onde eles trocam carícias. Em seguida os dois vão para o quarto em que Gouveia morava, localizado na Lapa. Na descrição do ato sexual que ocorre entre os dois, são ressaltadas a feminilidade e a postura de “passivo” que Bembem assume na relação:

A natureza [...] pôs-me nos seios a qualidade feminina, isto é, às carícias do Gouveia eles responderam ficando eretos, empinadinhos, tal qual como si eu fosse mulher. [...] A minha pica mantinha-se como sempre estendida completamente, porém mole, flácida, mulambenta. Elle esteve a friccioná-la a algum tempo, porém em vão. Entretanto eu sentia, eu bem sentia a impressão forte do seu carinho, mas era na bunda que tinha tremuras enormes. O Gouveia perguntou-me: — Bembem, você não tem tesão? — tenho, tenho muito até, mas na bunda, nas prégas do cú.²⁸¹

A relação entre o corpo de Bembem e as características físicas de uma mulher é ressaltada com a anulação do pênis no ato sexual que o personagem pratica. O falo aqui aparece dentro da simbologia que o relaciona à virilidade, à potência, à masculinidade do homem. Basta que recordemos do que ocorreu com o personagem Alberto, em *Um homem gasto*: uma vez impotente Alberto sentiu-se desprovido de força e de virilidade. Neste mesmo sentido, a relação entre Bembem e seu pênis aparece como um reforço de sua feminilidade, como se o desejo por outro homem implicasse em se parecer com uma mulher, tanto nas atitudes, quanto nas características físicas.

A caracterização do homem que ocupa a posição passiva na relação sexual como efeminado é presente também em *Bom-crioulo*, quando o autor descreve Aleixo, ainda adolescente, com a pele muito clara e as formas muito próximas às de uma mulher. Ao contrário da figura de Amaro, descrita como altamente masculinizada, Aleixo tem um corpo efeminado, inclusive ao suscitar o desejo de Amaro:

²⁸⁰ GREEN, James. Op. Cit. p. 82.

²⁸¹ MALUCO, Capadócio. *O menino do Gouveia*. Ilha de Vênus, Casa Editora. Cupido & Comp., 1914. pp. 11, 13.

Essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-crioulo, irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho.²⁸²

[...]

Nunca vira formas de homem tão bem torneadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher! Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero!²⁸³

Apesar de suas relações com mulheres terem sido mal sucedidas, Amaro deseja a Aleixo exatamente por suas características femininas. Ainda que Aleixo tivesse profissão e, portanto não trabalhasse como prostituto, sua figura é construída como a de alguém que faz sexo em troca de benefícios e favores. De início, o envolvimento com Amaro lhe dá proteção e um certo conforto, pois o amante custeava a estadia dos dois no Rio de Janeiro. Mais tarde, quando ele se cansa dessa relação, chega a considerar a possibilidade de se unir a outro homem que lhe tenha mais a oferecer no sentido material:

Podia encontrar algum homem de posição, de dinheiro: já agora estava acostumado “àquilo”... O próprio Bom-Crioulo dissera que não se reparavam essas coisas no Rio de Janeiro. Sim, que podia ele esperar de Bom-Crioulo? Nada, e, no entanto, estava sacrificando a saúde, o corpo, a mocidade... Ora, não valia a pena!²⁸⁴

Pouco mais tarde, a relação que o rapaz estabelece com D. Carolina também passa por uma negociação nesse sentido. A portuguesa lhe faz uma série de agrados e o mantém numa situação mais confortável. A vinculação entre prostituição, homossexualidade e passividade não é rompida, portanto.

Em sua tese médica publicada em 1872, Ferraz de Macedo afirmou que seria possível reduzir o número de pederastas na cidade do Rio de Janeiro através da educação moral e da melhoria da situação socioeconômica da população. A pobreza, assim como a inacessibilidade de mulheres era apontada como a principal causa da prostituição masculina – e, portanto, da homossexualidade. Neste sentido, a educação moral poderia ser uma saída para que as práticas homossexuais desaparecessem, pois elas seriam resultado, sobretudo, de fatores sociais.²⁸⁵

²⁸² CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2007. p. 33.

²⁸³ Ibidem. p. 56.

²⁸⁴ Ibidem. p. 63.

²⁸⁵ GREEN, James. Op. Cit. pp. 83-84.

Já no século XX, com o desenvolvimento da medicina-legal e da antropologia criminal no Brasil, pesquisadores irão cada vez mais se interessar pela busca de características físicas capazes de identificar o homossexual. Analisando principalmente homossexuais prostituídos encontrados nas ruas, o médico Leonídio Ribeiro tentou comprovar com estudos estatísticos que a sexualidade dos sujeitos estava inscrita em suas características físicas. Seguindo um modelo determinista, médicos como ele foram incapazes de estudar sujeitos que não fossem efeminados por considerar que os homens que com eles se relacionavam apenas estavam substituindo relações que na verdade desejavam manter com mulheres.²⁸⁶

A relação que tanto o discurso médico quanto a literatura produziram entre pederastia e prostituição, serviu também para caracterizar homossexuais como indivíduos decadentes e degenerados. Muito dessa concepção demonstrava preconceitos de classe inerentes aos médicos observadores, que não raro relacionavam o que era considerado um vício ou uma perversão à pobreza. Na maior parte das vezes, no entanto, os indivíduos que possuíam uma situação econômica mais confortável poderiam se proteger expondo-se menos ou mesmo viajando para outros países onde poderiam viver sua sexualidade longe dos olhos da sociedade.

Ainda que tenhamos percebido essas articulações entre *O Menino do Gouveia*, *Bom-crioulo* e o conhecimento médico produzido no período, há uma diferença significativa entre essas duas narrativas no que se refere à caracterização do desejo homossexual, pois *O Menino do Gouveia* apresenta uma narrativa positiva, onde não há punições. Depois de ter iniciado sua vida sexual com Gouveia, Bemem passa a viver da prostituição, mas de forma natural e como se afirma no romance: por gosto. O rapaz narra suas experiências e seus desejos de forma natural, não apenas por ter “nascido assim”, mas também por não experimentar conflitos com relação à realização ou não de seus desejos. Apesar do personagem se reconhecer como diferente dos demais, ele não manifesta crises, encarando o que sente.

No romance produzido por Adolfo Caminha, no entanto, quando percebe o desejo que sente por Aleixo, Amaro se questiona sobre as causas desse sentimento e o relaciona com algo anti-natural:

E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens?

Tudo isso fazia-lhe confusão no espírito, baralhando as idéias, repugnando os sentidos, revivendo os escrúpulos. É certo que ele não seria o primeiro a dar

²⁸⁶ Ibidem. p. 130-135.

exemplo, caso o pequeno se resolvesse a consentir... Mas – instinto ou falta de hábito – alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sob o convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse “a necessidade”, aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher!²⁸⁷

Mais adiante, em outra passagem o personagem caracteriza a si mesmo e seus desejos como anormais:

Nunca se apercebera de semelhante anomalia, nunca em sua vida tivera a lembrança de perscrutar suas tendências em matéria de sexualidade. As mulheres o desarmavam para os combates do amor, é certo, mas também não o concebia, por forma alguma, esse comércio grosseiro entre indivíduos do mesmo sexo; entretanto, quem diria! O fato passava-se agora consigo próprio, sem premeditação, inesperadamente. E o mais interessante é que “aquilo” ameaçava a ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo.²⁸⁸

Essas diferenças refletem as características e intenções envolvidas na publicação dos romances. Como já dissemos, Adolfo Caminha publicou *Bom-Crioulo* com a intenção de escrever uma narrativa naturalista que tratasse do tema da pederastia considerando declaradamente as últimas descobertas científicas a esse respeito. Trata-se, portanto, de uma apropriação literária de pressupostos médicos, bem ao gosto de publicações de caráter naturalista. O fato de a obra ter sido recebida como escandalosa e imoral pela crítica da época certamente contribuiu para que esse texto fosse anunciado entre títulos das chamadas “leituras para homens”.

Diferentemente, em *O Menino do Gouveia* a intenção do autor, que inclusive escreve utilizando-se de um pseudônimo, é antes divertir e causar sensações eróticas. Não está em questão a repetição de tratados médicos tal qual se costumava fazer nos romances naturalistas e ainda assim, podemos perceber o compartilhamento de algumas noções a respeito da caracterização do homossexual. É neste ponto que observamos de forma ainda mais clara a presença da intertextualidade. Na medida em que o texto se afasta, mas também se aproxima do discurso médico podemos perceber o quanto a nossa sociedade da passagem do século XIX para o XX esteve preocupada em explicar essas diferenças.

O Menino do Gouveia se distancia do discurso médico do período na medida em que não carrega a noção de que a pederastia é uma patologia ou um desvio. Mas por outro lado,

²⁸⁷ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 34.

²⁸⁸ Ibidem. p. 46.

ele também se aproxima desse mesmo discurso ao reproduzir um estereótipo do que seria o pederasta: alguém prostituído, com características efeminadas, passivo nas relações sexuais. Essa aproximação denota a existência de um conjunto referencial comum, que via de regra marcou de forma considerável a imagem produzida no Brasil da figura do homossexual ao longo do século XX. Trata-se da noção de que o homossexual passivo, o efeminado, o bicha ocupa um lugar nas relações de gênero hierarquicamente inferior ao do outro homem que com ele se relaciona.

Assim como os médicos no passado privilegiaram o estudo do homossexual efeminado para a caracterização do que seria a homossexualidade, até os dias de hoje o preconceito popular sobre os homens que desempenham o papel ativo nas relações sexuais com outros homens é menor se compararmos com aqueles que desempenham o papel passivo. A compreensão dessas redes complexas que compõem as relações entre as diferentes masculinidades é apenas um indicativo do grande desafio que representa o estudo da multiplicidade das experiências masculinas.

4.3 OUTRAS FORMAS DE SER HOMEM

A maior parte dos estudos sobre as masculinidades que se desenvolveram nos últimos anos no campo das ciências humanas tem como base a noção de que não existe uma única masculinidade – ou uma única forma de ser homem, mas múltiplas. Esse reconhecimento, no entanto, apesar da grande importância que lhe é dada enquanto sustentação teórica, pouco tem aparecido no resultado de pesquisas. Neste sentido, a maioria dos pesquisadores tem se dedicado ao estudo da masculinidade hegemônica e seu caráter normativo.

Por um lado isso ocorre porque as demais formas de masculinidades se definem com relação à hegemônica e dado o caráter recente desse campo de estudos, faz-se necessário um esforço maior para explicar como a nossa sociedade construiu, a partir de múltiplos discursos, um ideal de masculinidade. Por outro lado, no entanto, isso decorre também da dificuldade inerente ao desafio de dar conta da multiplicidade. Multiplicar os rostos daqueles homens que viveram em um período anterior ao nosso, demonstrar suas relações diversas e não reduzir a realidade a esquemas rígidos exige ainda caminhos metodológicos que precisam ser traçados, desvendados, experimentados. Neste sentido, a análise que se faz nesta última parte do capítulo é antes de tudo, um exercício.

Das fontes com as quais trabalhamos, os romances certamente são os que podem nos dar mais pistas com relação às outras formas de ser homem no período estudado. Diferentemente do que acreditavam os escritores naturalistas, no entanto, não consideramos que a literatura se constitui num espelho do real. Não está em seu poder desvelar a realidade em si mesma e, portanto, os personagens dos “romances para homens” não possuíam correspondentes diretos na sociedade em que os livros foram escritos. Como afirma Roland Barthes, toda obra de caráter literário é essencialmente paradoxal, pois ao mesmo tempo em que ela é signo de uma história, ela é resistência a essa mesma história:

Todo mundo sente que a obra escapa, que ela é *outra coisa* além de sua própria história, da soma de suas fontes, de suas influências ou de seus modelos: um carço duro, irreduzível na massa difusa dos acontecimentos, das condições, das mentalidades coletivas.²⁸⁹

Os textos literários estão vinculados ao seu presente num caráter duplo, como um discurso que é produzido pela sociedade e que ao mesmo tempo contribui para construí-la.

²⁸⁹ BARTHES, Roland. **Sobre Racine**. Porto Alegre: L&PM, 1987.p. 141.

Esse discurso, por sua vez, se compõe de estruturas múltiplas que entram em diálogo, em paródia, ou contestando outros textos, numa relação intertextual. “Na verdade, uma obra literária não pode ser considerada original: se o fosse, não poderia ter sentido para o leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância”.²⁹⁰

A forma como se realiza essa construção dialógica no interior do texto nos demonstra a vinculação entre a obra e seu presente. E assim sendo, é através da análise dessas relações intertextuais que podemos inferir o que o texto nos oferece de seu tempo. Isso significa que a obra literária torna-se viável não apenas pela genialidade ou pela originalidade de seu autor (que a fez capaz de escapar ao seu próprio tempo), mas por condições históricas. É partindo dessa lógica analítica que podemos compreender em que medida personagens ficcionais se comunicam com seu tempo, com seus leitores. Afinal, é da realidade social, do presente, do diálogo com outros textos, que o autor retira a matéria necessária para caracterizar um personagem.

Neste sentido, estudar os outros “tipos” masculinos que aparecem nos romances para homens é perceber o quanto eles foram representativos de uma realidade que se pretendia construir naquele momento. Realidade esta, que não era apenas ficcional, uma vez que estamos tratando de romances engajados (mais ou menos, de acordo com suas particularidades) num projeto de formação de um modelo de masculinidade. Esse engajamento se revela através dos exemplos que essa literatura confere, das caracterizações que são feitas dos personagens. Por outro lado, fora do modelo normativo que subjaz nas narrativas, surgem outros personagens que o sustentam e que se colocados em diálogo com outras produções do período, podem nos indicar como foram vistos outros homens que não correspondiam ao ideal de masculinidade. Mas também, a partir disso, pode-se refletir sobre a existência desses outros grupos na realidade social e como eles se relacionavam face ao modelo normativo. Isto posto, voltemos nossos olhares para alguns dos personagens dessas leituras “só para homens”: Coronel Barbosa, Joaquim Cambinda, Herculano, Martins Fontes, Pedro de Oliveira, Mendes Maia e Paulo de Andrade. Homens de trajetórias e características muito diferentes, mas que podem nos apresentar uma visão sobre outras formas de ser homem na passagem do século XIX para o XX.

Coronel Barbosa, o primeiro entre esses nomes que listamos, é personagem de *A Carne*, de Julio Ribeiro. O livro foi publicado pelo autor em 1888, mesmo ano da abolição da escravidão no Brasil, mas a história se passa em 1887. Como dissemos no segundo capítulo,

²⁹⁰ HUTCHCOEN, L. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 166.

Coronel Barbosa aparece na narrativa porque Lenita decide mudar-se para sua fazenda após a morte de seu pai. Tutor de Lopes Matoso, o coronel recebe a moça de forma atenciosa, amorosa, como parte de sua família. Nos primeiros tempos de luto, era com ele que Lenita se distraía conhecendo a fazenda e aos poucos ela foi se recuperando da dor da morte do pai, tendo a seu lado uma figura bondosa e paternal.

Na narrativa de Julio Ribeiro, Coronel Barbosa tinha o cultivo da cana como o grande negócio de sua fazenda. E como não havia sido ainda abolida a escravidão, a fazenda funciona com o trabalho de escravos. Com frequência, o coronel precisa se ocupar de conflitos envolvendo os negros, mas no texto isso é atribuído às falhas e aos defeitos dos escravos, não do coronel, pois este age sempre com boa vontade com todos. É interessante observar que toda a relação proibida entre Manuel Barbosa e Lenita ocorre no interior da fazenda sem que o coronel perceba. Ingênuo, ele considera que o casal é apenas muito amigo, e de nada suspeita nem mesmo quando a moça decide voltar para a corte ao final do livro. Passivo, o coronel é deixado para trás como uma figura que apesar de já ter sido representativa de grande poder no cenário brasileiro, aos poucos vai entrando em decadência. Ainda que o coronel tenha poder sobre tudo o que ocorre em sua fazenda, ele já não o exerce mais de fato, como se seu poder de controle sobre os demais estivesse ficando para trás, como símbolo de outra época. Na verdade, é o modelo de masculinidade que ele representa que vai sendo deixado para trás. Ainda assim, ele se mantém na narrativa como uma figura de respeito, querida por todos.

Nas cenas em que Coronel Barbosa aparece com os escravos, Julio Ribeiro utiliza-se de sua posição bondosa para justificar inclusive os atos de violência. Apesar de ser conivente com castigos e com a morte de um dos escravos, o coronel é descrito como alguém que apenas cumpre o seu papel. É a natureza dos negros que é a responsável pelas atrocidades, não ele. Já nas primeiras páginas do romance, Lenita o acompanha numa visita ao engenho e lá observa um escravo que tinha um ferro preso ao pé enquanto trabalhava. Sensibilizada, a moça conversa com o escravo que lhe explica que esse é um castigo que está sofrendo por ter fugido. A moça então lhe pergunta se ele fugiu por ser maltratado e o negro responde, culpando a si mesmo:

- _ Nada, sinhá; negro é mesmo bicho ruim, às vezes perde a cabeça.
- _ Se você me promete não fugir mais, eu vou pedir ao coronel que mande tirar o ferro.

_ Promete, sinhá: negro promete, palavra de Deus! Deixa estar. São Benedito há de dar a sinhá um marido bonito como sinhá mesma.²⁹¹

A pedido de Lenita, o coronel consente em retirar o ferro do pé do escravo, mas deixa-lhe um aviso:

_ Ai, filha! Você não entende deste riscado. Qual barbaridade, nem qual carapuça! Neste mundo não existe coisa alguma sem razão de ser. Estas filantropias, estas jeremiadas modernas de abolição, de não sei que diabo de igualdade, são patranhas, são cantigas. É chover no molhado – preto precisa de couro e ferro como precisa de angu e baeta. [...] Não é porque eu seja maligno que digo e faço estas coisas; eu até tenho fama de bom. É que sou lavrador, e sei o nome aos bois. Enfim, você pede, eu vou tirar o ferro. Mas são favas contadas – ferro tirado, preto no mato.²⁹²

Pouco depois de Lenita ter conseguido a liberdade para o escravo, no entanto, ela é comunicada de que o escravo fugiu novamente. Capturado por dois capatazes, o jovem é castigado na fazenda. Lenita dessa vez não interfere, como quem aprendia uma lição a mais a respeito da natureza. No romance então é descrita a cena do tronco e o escravo leva cinquenta chibatadas como castigo por ter se aproveitado da boa fé da moça. Ela assiste a tudo com prazer, sentindo-se com poder de decidir sobre a vida ou a morte de alguém.

Nesta passagem, o racismo e a violência são naturalizados. Enquanto o coronel é bondoso e liberta o negro mesmo sabendo que ele fugirá novamente, o escravo é retratado como um mentiroso, que se aproveita da compaixão da moça para fugir. Apesar de levar seus escravos para o tronco, o coronel é bom, não cruel. Ele só faz isso porque é forçado pela natureza desviante e marginal do próprio negro.

Joaquim Cambinda é outro personagem de *A Carne* que demonstra a justificativa encontrada pelo autor Julio Ribeiro para a violência contra o negro. Numa noite, o coronel dá permissão aos negros para deixar o trabalho e festejar, oferecendo-lhes garrafas de cachaça para animar a festa. Os escravos então se organizam em torno de uma fogueira e começam a tocar instrumentos e a dançar. Durante a festa, inúmeros escravos reuniram-se ao redor de Joaquim Cambinda, descrito anteriormente da seguinte forma:

[...] escravo octogenário, inútil para o trabalho [...]. Era horroroso esse preto: calvo, beíçudo, maxilares enormes, com as escleróticas amarelas, raiadas de laivos sanguíneos, a destacarem-se na pele muito preta. Curvado pela idade, tardo, trôpego, quando se erguia e, envolto na sua coberta de lã parda, dava alguns passos, semelhava uma hiena fusca, vagarosa, covarde, feroz, repelente. Tinha as mãos

²⁹¹ RIBEIRO, Julio. Op. Cit. p. 27.

²⁹² Idem.

secas, aduncas; os dedos dos pés reviravam-se-lhe para dentro, desenhados, medonhos.²⁹³

O Coronel Barbosa tinha recebido Joaquim Cambinda em sua fazenda como herança de uma tia. Na ocasião o escravo já tinha em torno de setenta anos e já não tinha forças para o trabalho. Na fazenda, nunca foi cobrado que o negro trabalhasse e até foi lhe dada uma casa, independente da dos demais, aos fundos do terreiro. Corriam histórias entre os negros e também na comunidade de que Cambinda era feiticeiro, tinha conhecimentos que poderiam tirar ou devolver a vida a alguém. Manuel Barbosa, no entanto, observando o negro e preocupado com as sucessivas mortes de escravos na fazenda, chega à conclusão de que foram todos mortos por Cambinda. Uma vez chamado para dar explicações, o negro acaba confessando os crimes, afirmando que matou os escravos unicamente para prejudicar o coronel. Na seqüência da narrativa, a crueldade do negro é sobreposta à bondade do coronel:

_ Já que principiei a falar, irei até o fim. Sinhô é bom pra mim, é verdade, mas sinhô é branco, e obrigação de preto é fazer mal a branco sempre que pode.

_ Matar-me cinco escravos!

_ Cinco! Só crioulinhos mandei eu embora dezessete. Negro grande, nem se fala: Manuel Pedreiro, Tomaz, Simeão, Liberato, Gervásio, Chico Carapina, José Grande, José Pequeno, Quitéria, Jacinta, Margarida, de que é que morreram? Eu matei todos.

[...]

_ Mas todos esses pobres-diabos eram pretos como você: porque os matou?

_ Pra sinhô ficar pobre: eu queria ver sinhô se servir por suas mãos.

_ E a mim nunca pretendeu matar?

_ Matar, não: fazer penar só.

_ Então sempre me queria fazer alguma coisa?

_ Queria fazer! Eu fiz mesmo.

_ Fez? Que é que me fez você?

_ Esse seu reumatismo, sinhô, então que é? Entrevamento de sinhá velha donde vem?²⁹⁴

O coronel ficou então aterrorizado com a situação. Diante do problema, é Manuel Barbosa quem ordena que o negro seja levado para o tronco, com a intenção de vendê-lo no dia seguinte. Os outros negros, no entanto, decidem vingar as mortes de seus entes queridos causadas por Cambinda. Unidos, todos lhe batem e depois resolvem atear-lhe fogo. A cena é descrita em detalhes por Julio Ribeiro:

Ergueu-se uma fumarada espessa, azul-claro por cima, cor de ferrugem por baixo; a chama cintilou em compridas línguas gulosas, lambeu, rodeou a mesa do carro,

²⁹³ Ibidem. p. 58.

²⁹⁴ Ibidem. p. 88.

chegou ao sapé de cima e ao corpo do negro. As roupas deste, embebidas em petróleo, fizeram uma como explosão, inflamaram-se repentinamente. Ele soltou um mugido rouco, sufocado, retorceu-se frenético...

Tudo desapareceu num turbilhão crepitante de fogo e de fumo.

As faúlas voavam longe, e o vento carregava a distâncias enormes as moinhas carbonizadas.

Sentia-se um cheiro acre, nauseabundo de chamosco, de gorduras fritas, de carnes sapecadas.²⁹⁵

Por se tratar de um crime ocorrido entre os escravos, o linchamento de Cambinda não chega a incomodar as autoridades da vila. O coronel, por seu turno, ficou horrorizado com a situação que, no entanto, não pôde impedir. Depois, conformou-se e achou que até poderia ser um bom exemplo para que nada parecido voltasse a se repetir. Barbosa, apesar de ser um homem instruído e civilizado, crescera na fazenda e não estranhou a solução dada ao caso. Tudo então voltou a ser harmônico na fazenda, como se as mortes causadas pelo negro fossem atozes e a escravidão em si não fosse.

Chama a atenção o fato de que a vingança – atitude irracional – é imputada aos negros, que não conhecem outras formas mais civilizadas de se fazer justiça. Enquanto que o bom coronel não consegue nem mesmo pensar num castigo e seu filho decide apenas vender o escravo para que ele se mantenha longe da família, os negros adotam a atitude irracional de queimar Cambinda vivo. A descrição dos negros, neste sentido, da forma como é realizada por Julio Ribeiro, não escapa do racismo, nem do determinismo que considerava a existência de um caráter próprio dos negros que os vincula à animalidade e à violência. Colocadas em contraposição à figura do coronel, essas figuras servem para lembrar que ainda que o modelo de masculinidade hegemônico estivesse se transformando e se afastando dos mandonismos característicos dos tempos coloniais, havia uma diferença fundamental e latente entre brancos e negros, que não poderia ser transposta. Como vimos, após a abolição e o início da República o racismo persiste no Brasil, cada vez mais amparado por teorias de caráter científico.

Se em *A Carne* percebemos que no final do Império a figura de um coronel poderia ser vista como a de uma pessoa bondosa, mas que perdia paulatinamente o seu espaço, em 1923, apenas há algumas décadas do surgimento da República, a caracterização que Benjamim Costallat em *Mademoiselle Cinema* fez de um deputado do governo também não foi das mais otimistas. O pai da personagem central do romance é o deputado Martins Fontes, ex-ministro da República, que enriquecera às custas do cargo. Preocupando-se com o apoio popular, quando deixou o cargo de ministro, Martins Fontes andou por alguns dias de bonde, sem

²⁹⁵ Ibidem. p. 89.

ostentar roupas caras. Tendo convencido rapidamente a todos que sua administração fora honesta, logo ele embarcou com sua família para uma longa viagem para a Europa.

Chegando a Paris, Martins Fontes descuida da filha e da mulher, que passam a viver suas vidas futilmente. Desfrutando de plena liberdade, o deputado ocupava-se dos espetáculos clandestinos em que mulheres se despiam para uma platéia de homens, passava o tempo em bordéis, fumando e se aproveitando da companhia de prostitutas. A todo o tempo, o autor lembra na narrativa que o dinheiro que financiou a viagem foi o que o deputado recebera como pagamento por seus serviços prestados à nação brasileira. Critica-se a corrupção Republicana, a ingenuidade do povo e o caráter imoral do personagem que não sabe nem ao menos cuidar de sua própria família.

Pouco mais tarde, ainda durante a viagem, Martins Fontes vem a falecer tragicamente, enquanto aproveitava o dinheiro que ganhou com a política num bordel de luxo parisiense. Faltava moralidade na política e na família construídas pelo então deputado. No lugar de contribuir para o crescimento da pátria, ele resolvera ter uma vida mundana em Paris utilizando-se para isso de recursos públicos. O castigo dado pelo autor ao mau deputado é a morte numa situação vergonhosa. Aqui, a noção de que a participação de um homem no crescimento da pátria começava com o regramento de seu próprio comportamento sexual e pela sua tarefa de pai de família comprometido é reiterada. Corrupção e descontrole sexual misturam-se como que para lembrar o papel que se queria imputar aos homens.

Em *Bom-crioulo*, de uma forma diferente, Herculano lembrou a todos sobre a necessidade de se viver de forma sexualmente regrada. O personagem passa por uma intensa transformação ao longo da narrativa, regenerando-se de um vício que antes lhe causava muito mal. Numa das primeiras demonstrações da violência que ocorria no interior da Marinha, Adolfo Caminha descreve Herculano como um jovem estranho que trabalha dentro do navio. Retraído, o rapaz costumava evitar a companhia dos demais, sem envolver com os colegas nem nos momentos de trabalho, tampouco nos de lazer.

Herculano tinha comportamento esquivo, era pálido, tinha o olhar morto. Caminha o descreve como permanentemente cansado, sem que se conhecessem motivos para isso. Seus colegas tinham lhe dado o apelido de Pinga. O rapaz não se conformava com a forma de tratamento e por conta disso envolve-se numa briga pela qual foi castigado. Logo, no entanto, revela-se o motivo da palidez de Herculano: ele tinha o hábito de se masturbar às escondidas:

[...] Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada,

em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados.

O outro, um mulatinho esperto, que tinha o hábito de andar espiando, à noite, o que faziam os companheiros, precipitou-se a chamar o Sant'Ana, e, riscando um fósforo, aproximaram-se ambos 'para examinar'... No convés, brilhava a nódua de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem.²⁹⁶

Como se trata de um personagem secundário, não sabemos exatamente o que ocorre com Herculano ao longo da história, no entanto, quase ao final do livro, ele aparece no hospital onde está internado Amaro e lhe faz uma visita. Como os dois nessa ocasião já estavam há muito tempo sem se ver, Bom-Crioulo se surpreendeu com o ex-colega:

Herculano estava mudado, já não era mais o mesmo *Pinga* retraído e esquivo, com olheiras, falando pausadamente. Estava outro, admiravelmente outro, o Herculano – gordo, rosado, o olhar vivo e brilhante, sem melancolia, nem sombra alguma de tristeza. Perdera a antiga palidez que lhe dava um arzinho pulha e de coisa à-toa, falava desempenado, alto, e ria, como uma criança, por ninharias.²⁹⁷

O motivo da mudança era que Herculano havia se tornado um homem disciplinado. Após deixar de desperdiçar suas forças vitais com o vício da masturbação, ele não apenas engordara e se transformara na aparência, mas tinha também um comportamento mais maduro. A aparência e a noção de regulação sexual servem de contraste ao que ocorre com Bom-Crioulo, que ao contrário do outro marinheiro, no início da narrativa era considerado um homem forte, viril e agora definhava: “ia reparando em Bom-Crioulo. Como estava acabado, o negro! Viam-se-lhe os ossos da cara; tinha uma grande cicatriz, uma espécie de ruga funda no pescoço...” A transgressão sexual enfraquecia Amaro, ao passo que seu controle revigorava Herculano. Marinheiro pobre, o rapaz nunca seria suficientemente próximo do modelo de masculinidade hegemônica do período, mas passa a compreender que também poderia se beneficiar dele.

Dentre os personagens dos romances que analisamos, talvez o que mais se aproxima do modelo de masculinidade hegemônico que se construiu na passagem do século XIX para o XX é Pedro de Oliveira. O amigo e sócio de Alberto de Freitas, aparece como um homem sério, equilibrado, que em diversas passagens aconselha o amigo, lembrando-lhe que ele mesmo causou os problemas pelos quais estava passando. A diferença de idade entre Alberto

²⁹⁶ CAMINHA, Adolfo. Op. Cit. p. 20.

²⁹⁷ Ibidem. p. 106.

e a esposa, as suas aventuras sexuais e a sua conduta desequilibrada foram observadas pelo amigo, que soube defender a importância de se conter alguns impulsos sexuais para que se atingisse uma vida feliz. O discurso de Pedro de Oliveira foi endossado, não apenas por médicos da vida real, mas também pelo Dr. Paulo de Andrade. Ético, o médico casado com Cecília, prima de Luíza, mantém segredo ao perceber o mal que aflige Alberto, ainda que nada possa fazer para remediar a situação. Com sua esposa, no entanto, o médico constrói um ambiente familiar favorável para os seus futuros filhos. Ambos são homens, que pelo conhecimento que possuem sobre o corpo, optaram pela disciplina sexual e por uma vida familiar dentro dos padrões defendidos pela medicina da época. Tratam-se, também, de integrantes da elite que têm a pretensão de tomar para si a resolução dos problemas políticos que assolam o país.

Médicos, como Dr. Paulo de Andrade, o misterioso Dr. E* que prescreve o tratamento de Alberto e o Dr. Guimarães de *A Carne* aparecem nessas narrativas como guardiões de verdades sobre o corpo de homens e de mulheres. Esses corpos precisariam ser educados, convertidos em corpos saudáveis que pudessem servir à construção da nação. Um projeto que só poderia ser cumprido, caso se percebesse a importância da contenção sexual para a preservação do vigor, do próprio sexo e das famílias. Essas idéias médicas serviram, no interior dos romances para homens, de modelos a serem seguidos por escritores como os personagens Fleta de *Mademoiselle Cinema* e Capadócio Maluco de *O Menino do Gouveia*. Escritores, que apesar de se dedicarem a livros eróticos e necessitarem do retorno financeiro único que suas obras oferecem, reconhecem que as transgressões sexuais são além de deliciosas, perigosíssimas e que é melhor manter-se longe delas. E quando assim não for possível, que elas ficassem restritas a esses romances ficcionais que sim, deveriam ser lidos apenas por homens, pois se aos homens já seria difícil resistir às tentações, imagine o que aconteceria com as mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os últimos anos do século XIX e os primeiros anos do século XX foram marcados por mudanças políticas, econômicas e sociais no Brasil. Essas mudanças geraram instabilidades e angústias que afetaram as questões de gênero de forma pungente. A abolição da escravidão, a instauração da República, o surgimento dos primeiros movimentos feministas, o aumento da autonomia feminina e a visibilidade cada vez maior de grupos de homossexuais pelas ruas das grandes cidades foram percebidos como fortes ameaças às hierarquias estabelecidas. Nesse momento em que as diversidades pareciam gritar aos olhos, surgiu a necessidade de reajustar, de reformular o modelo ideal de masculinidade para que as hierarquias de raça, classe, gênero e sexualidade fossem mantidas.

Equacionar as diferenças para que se estruturasse uma nova masculinidade hegemônica significou se apropriar de um aparato científico para produzir um discurso de verdade sobre uma série de outros. Neste sentido, para que se construísse um ideal de masculinidade vinculado ao homem heterossexual, branco, integrante da elite urbana, foi preciso um esforço para caracterizar a mulher, os homossexuais, os negros e os pobres como seus opostos. Esse esforço envolveu médicos, cientistas, pesquisadores e homens de letras, ainda que não se tenha produzido apenas uma verdade sobre as diferenças, mas inúmeras.

Se ao longo do século XIX a ciência estava em busca de soluções para o problema das diferenças e em função disto se utilizou de métodos quantitativos e de pesquisas exaustivas para produzir verdades, a literatura também esteve em certa medida envolvida pelos ideais de cientificidade. Não era a criação livre que se buscava neste período, mas a capacidade de representar o real com exatidão através do discurso literário. A pesquisa que desenvolvemos demonstrou que essa vinculação com a realidade foi buscada não apenas por autores consagrados ou por textos reconhecidos, mas também por uma literatura popular, feita de livros que em algum momento se puseram ou foram colocados à margem dos princípios morais. E por outro lado, foi possível perceber também que esses mesmos livros marginais não estavam distantes nem do discurso moral, nem do discurso médico produzidos no período.

Os “romances para homens” constituíram-se numa espécie de gênero literário exclusivo para homens que quisessem experimentar sensações durante a leitura. No entanto, isso não significava que era essa a intenção de seus autores. Muitos deles serviram-se das mais recentes discussões médicas para retratar personagens que sob uma aura de realidade passaram a definir modelos de comportamento. Modelos estes, que se definiam pela criação

de indivíduos anômalos, que poderiam ter vivências prazerosas, mas que por não saberem como regulá-las terminavam suas vidas tragicamente.

A regulação sexual tornou-se, assim, uma característica antes de tudo distintiva das diferentes formas de ser homem. Num contexto em que se pretendia construir uma nação forte e viril capaz de encontrar o progresso, ser saudável passou a significar cuidar de uma prole igualmente saudável. O sexo regulado tornava-se útil a esse processo e, portanto, o homem que soubesse controlá-lo deveria ser valorizado pelos demais, pois assim ele ajudaria a construir o corpo de que a nação necessitava.

Essa tensão que relaciona a sexualidade à necessidade de construir um Estado forte não se encerra no período que tratamos na pesquisa. Ao contrário, ela irá ainda se desenvolver e se tornar cada vez mais presente no decorrer da década de 1930. Em nome de uma certa ordem social que será mantida pelo governo Vargas, o Estado vai se apropriar cada vez mais de um discurso de caráter moralizante para controlar homossexuais, mulheres, negros e classes populares. Para que isso se realize, não faltarão argumentos médicos que no caso das questões referentes à sexualidade encontrarão apoio também no discurso religioso.

Do ponto de vista cronológico, essa pesquisa se encerra num momento em que de forma muito significativa pode-se observar uma interferência mais direta do Estado em defesa da moralidade. Em nome da ordem pública, da religião e dos bons costumes a Liga pela Moralidade numa ação conjunta com a Secretaria de Polícia do Distrito Federal apreendia em 1923 exemplares do romance *Mademoiselle Cinema*, de Benjamim Costallat. A partir da promulgação do decreto lei número 4743 desse ano, abria-se uma brecha para a censura de romances e de qualquer outro material impresso (livro, folheto, jornal, gravura) que atentasse contra a moral pública. Assim, muitos mercadores de livros que já estavam acostumados a comercializar livremente textos maliciosos e imagens de mulheres nuas, começaram a ter que se entender com a polícia.

Ainda são necessárias pesquisas que analisem essa relação que se estabeleceu entre o poder público e a Liga pela Moralidade, que culminou na apreensão de *Mademoiselle Cinema*, bem como de outros livros considerados imorais. Que a Igreja Católica condenava a leitura de determinados livros considerados perniciosos não era uma novidade, mas o modo como ela ganhou apoio suficiente para desencadear uma ação policial, merece uma investigação mais apurada. A realização de trabalhos acadêmicos nesta direção poderia contribuir de forma significativa para o preenchimento de uma lacuna existente com relação à História da censura no Brasil.

Ao longo da década de 1930 ações policiais foram responsáveis pela prisão de muitos homossexuais. Apreendidos pela polícia, não era raro que esses homens fossem disponibilizados para a realização de estudos médicos que com o respaldo do Estado pretendiam identificar, classificar e quem sabe curar seus pacientes. O crescimento da medicina legal neste período, por seu turno, contribuiria para um aumento do racismo, uma vez que com frequência nas caracterizações do criminoso o negro era escolhido como o biotipo preferencial. Desta forma, noções de raça, gênero e sexualidade continuaram sendo marcadores determinantes para a definição de fronteiras que separam pessoas, criando normatizações e definindo hierarquias. O modelo de masculinidade que se tornou hegemônico na passagem do século XIX para o XX esteve sustentado nas estruturas sociais e políticas que se formaram nas décadas seguintes.

É no campo da política, aliás, que será consolidado esse novo modelo de masculinidade hegemônico. Os discursos da medicina e da literatura se tornaram efetivos a partir do momento em que o Estado assumiu o discurso da necessidade de construção de uma nação viril. Ainda são raros os estudos na historiografia brasileira que tratem das temáticas de gênero ao mesmo tempo em que da construção da Nação Brasileira e por esta razão seriam bem vindos trabalhos que sejam capazes de explorar de forma cuidadosa essas relações. Em muitos sentidos, as ações do Estado contribuíram para a difusão do preconceito em nossa sociedade, haja vista as políticas públicas voltadas para a imigração e para o branqueamento do Brasil durante a primeira República. Isso tanto no período em que estudamos, quanto no período imediatamente posterior, estendendo-se até a Era Vargas, pelo menos.

Ainda hoje homens e mulheres que não se enquadram aos modelos de masculinidade e de feminilidade considerados ideais sofrem diversos tipos de violência. A compreensão dos preconceitos de classe, raça, gênero e sexualidade como produtos históricos, sejam eles construídos pela medicina, pela literatura ou pelo próprio poder público deve contribuir para mudanças em nossa sociedade atual, que ainda reproduz esse pensamento. Neste sentido, pode-se dizer que nossa pesquisa foi realizada com a intenção de contribuir para a desnaturalização de subjetividades e categorias de classificação da experiência e dos sentimentos humanos.

A História, enquanto disciplina acadêmica e no seu papel educativo, pode ser um instrumento bastante eficaz para a superação de preconceitos, uma vez que é capaz de localizá-los no tempo e a partir disto apontar para caminhos que levem à sua desconstrução. Ao mesmo tempo, é a partir da reflexão histórica que podemos pensar em caminhos para a construção de experiências e convivências novas, mais tolerantes, mais abertas às alteridades.

Certamente que esse é ainda um grande desafio para as gerações atuais e futuras e exatamente por isso é que se faz necessária a proliferação de discursos capazes de desmontar os preconceitos. A esses discursos, fica aqui a nossa contribuição.

REFERÊNCIAS

FONTES

CAMINHA, Adolfo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

_____. Um livro condenemnado. **A nova revista.**, fev. 1896, nº 2.

Contractos nupciais. **O Olho da Rua**. Curitiba: 10 jun. 1911, s. p. a. IV, nº 2. Apud. DENIPOTI, Claudio. Op. Cit. pp. 98-99.

COSTALLAT, Benjamim. **Mademoiselle Cinema**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

L.L. **Um homem gasto**: Episodio da historia social do XIX século – Estudo Naturalista. Rio de Janeiro: Editores Matheus Costa e Cia, 1885.

Literatura immoral. **Terra de Sol**. Rio de Janeiro: março de 1924. n. 3.

MALUCO, Capadócio. **O menino do Gouveia**. Ilha de Vênus, Casa Editora. Cupido & Comp., 1914.

MIRANDA, Felipe de Sousa. **Educação sexual do brasileiro em face do vultuoso problema da grandesa da Pátria**. Curitiba: Livraria Universal Affonso Hey e Cia, 1929.

RIBEIRO, Julio. **A Carne**. São Paulo: Editora Escala. s/d.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: Uma Invenção do Falo – Uma História do gênero Masculino (Nordeste-1920/1940). Maceió: Edições Catavento, 2003.

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. Apontamentos iniciais para uma investigação sobre o papel da moral nos romances Naturalistas brasileiros. In.: **Anais do Seta**, Número 4, 2010. pp. 612-614.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. **Masculino/ Feminino**: tensão insolúvel: sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si – uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa, Fim de Século, 1995.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. Algumas reflexões sobre moral sexual no Brasil. In.: **Revista Scientia Sexualis** - Revista do mestrado em sexologia da UFG, v.4, n.2, 1998, pp. 25-49.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. **A Vocação do Prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BADINTER, Elizabeth. **Sobre a identidade masculina.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARTHES, Roland. O efeito de real. In BARTHES, R. et. alii. **Literatura e realidade.** O que é realismo? Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984.

_____. **Sobre Racine.** Porto Alegre: Ed. L&PM, 1987.

_____. Leçon inaugurale de la chaire de Sémiologie Littéraire Du Collège de France. 1977. p. 170. In: HUTCHCON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção.** Rio de Janeiro: Imago Ed. 1991.

BATAILE, Georges. **O Erotismo.** Porto Alegre: Ed. L&PM, 1987.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - Século XIX. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

BERNHEIMER, Charles. Figures of ill repute: Representing Prostitution in Nineteenth-Century France. Durham: Duke University Press, 1997. p. 14. Apud. SHOWALTER, Elaine. **Anarquia Sexual: sexo e cultura no fim de siècle.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

BEZERRA, Carlos Eduardo. Bom-crioulo: um romance da literatura gay *made in Brazil*. In.: **Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades.** V. 1, n. 1. jul./dez. 2007. – Natal : EDUFRN, 2007.

BORGES, Dain. Inchado, feio, preguiçoso e inerte: a degeneração no pensamento social brasileiro, 1880-1940. In.: **Teoria e Pesquisa.** Dossiê Normalidade, Desvio, Diferenças. São Carlos, Pós Graduação em Ciências Sociais, 2005.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2006.

BOTTON, Fernando Bagiotto. **Novos homens: Uma abordagem teórica das masculinidades no processo de modernização brasileiro.** In.: Revista Historiar, Julho de 2009. Disponível em: www.revistahistoriar.com.

BULHÕES, Marcelo. **Leituras do Desejo: O erotismo no romance naturalista brasileiro.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade .** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária.** São Paulo, Ed. Nacional, 1985.

CARNEIRO, Newton. **As artes gráficas em Curitiba.** Curitiba: Edições Paiol, 1975.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In.: **Cadernos Pagu**, n. 4, Campinas, 1995, pp. 40-42.

_____. **A História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

COSTA, Ângela Maria Marques. SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **No tempo das certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Jurandir Freire. A construção cultural da diferença dos sexos. In.: **Sexualidade, gênero e sociedade**, n. 3, 1995, pp. 1-6.

_____. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

COSTA, Rosely G. Mediando oposições: sobre as críticas aos estudos de masculinidades. In.: ALMEIDA, Heloisa B.; COSTA, Rosely G.; RAMIREZ, Martha C.; SOUZA, Érica R. (Orgs.). **Gênero em matizes**. Bragança Paulista, SP: Ed. da Universidade São Francisco, 2002, pp. 213-241.

COSTA, Valmir. **Com repressão, não há tesão: a censura ao sexo no jornalismo de revistas no Brasil do século XIX ao Regime Militar (1964-79)**. In.: *Caligrama* (ECA/USP. Online), v. 2, 2006. Disponível em: http://www.eca.usp.br/caligrama/n_4/08_ValmirCosta.pdf.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

_____. Políticas da masculinidade. In.: **Educação e Realidade**, v.20, Porto Alegre, 1995, pp. 185-206.

_____. La Organización Social de la Masculinidad. In: VALDÉS, Teresa; OLIVARRÍA, José (eds.). **Masculinidades: Poder y Crisis**. Santiago: Ediciones de las Mujeres, 1997, pp. 31-48.

CUSCHNIR, Luiz. **Homens sem máscaras: paixões e segredos dos homens**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DAMAZIO, Sylvia F. **Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

DANTAS, Luiz. As armadilhas do paraíso. In.: NOVAES, Adauto. **O desejo**. São Paulo: Companhia das letras; Rio de Janeiro: Funarte, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na História do Brasil**. Editora Planeta do Brasil, 2011.

_____. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DENIPOTI, Claudio. **Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

_____. **Sexualidade e historiografia: considerações sobre a sexualidade no século XIX**. História. Questões e Debates, Curitiba, v. 12, n. 22/23, 1991, pp. 78-87.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

EL FAR, Alessandra. **Crítica social e idéias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX**. In.: *Cadernos pagu n.28*, Campinas, 2007, pp. 285-312.

_____. **O Livro e a Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Páginas de Sensação: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-124)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **Os best-sellers do século XIX**. Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 01 jul. 2007, pp. 68 – 71.

ENGEL, Magali. **Psiquiatria e Feminilidade**. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

ESCANDÓN, Carmen Ramos (org). **Género y Historia**. México: Universidad Antónoma Metropolitana, 1992.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FARIA, Daniel. **Quando os poetas se despediram da felicidade: Baudelaire e Dostoiévski criticam as utopias**. In.: História Questões e Debates. Curitiba: Ed. da UFPR, ano 23, n.44, jan/jun. 2006.

FIALHO, Fabrício Mendes. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**. Comunicação realizada no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado entre os dias 28 e 30 de agosto de 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GAY, Peter. **A Experiência Burguesa: da rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988-1990.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. **Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

GREENBLATT, Stephen. **O Novo Historicismo: ressonância e encantamento**. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.4, n.8, 1991.

GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Claudio. **Nas tramas da ficção: História, Literatura e leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GOULEMONT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores pornográficos no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

GUILLEBAUD, Jean-Claude. **A Tirania do Prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
HEILBORN, Maria Luiza. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. In.: **Revista Estudos Feministas**, vol. 6, n. 2. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1998, p. 394-405.

HEARN, Jeff. From Hegemonic Masculinity to Hegemony of Men. In.: **Feminist Theory**, 5. pp. 49-72.

HERMAN, Arthur. **A idéia de decadência na História Ocidental**. Tradução Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia: obscenidade e as origens da modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

HUTCHEOEN, L. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991

ISER, Wolfgang. **L'acte de lecture**. Bruxelles: Mardaga, 1985.

JOUVE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KARVAT, Erivan Cassiano. **História & Literatura: Reflexões sobre História da História a partir de Notas de História da Literatura**. In.: GRUNER, Clóvis; DENIPOTI, Cláudio (orgs.). São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do Feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

LARA, Oswaldo. A perspectiva queer aplicada ao contexto brasileiro: apontamentos para uma sociologia histórica. In.: **Plural**, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP. São Paulo, v. 15, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MACHADO, Leonardo Diogo Cardoso Nogueira. **Patologização do desejo: o homossexualismo masculino nos manuais de medicina legal do Brasil nas décadas de 1940 e 1950.** Monografia apresentada ao curso de História da UFPR. 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. In.: **Cadernos Pagu – trajetórias de gênero, masculinidades...** Campinas: Pagu – Núcleo de Estudos de Gênero, n. 11, 1998, pp.231-273.

MALUF, M., MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, N. (org.) **História da Vida Privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio.** V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A Medicalização da Raça: médicos, educadores e o discurso eugênico.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. Raça e noção de identidade nacional: o discurso médico-eugenista nos anos 1920. In.: SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL, Marion. (orgs). **Razão e paixão na política.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MARTINS, Ana Paula Vosne. Espetáculos da Diferença: gênero. Raça e ciência no século XIX. In.: GRILLO, José Geraldo Costa; GARRAFFONI, Renata Senna; FUNARI, Pedro Paulo Abreu. (orgs). **Sexo e Violência: realidades antigas e questões contemporâneas.** São Paulo: Annablume, 2011.

_____. **Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004

MATOS, Maria Izilda Santos de. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. In.: **História: Questões e Debates.** Curitiba, n.34, 2001, pp. 45-63.

MEDRADO, Benedito. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. In.: **Revista Estudos Feministas.** vol.16 no.3, Florianópolis, 2008.

MEDRADO, Benedito. LYRA, Jorge. Produzindo sentidos sobre o masculino: da hegemonia à ética da diversidade. In.: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.) **Gênero Plural.** Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização.** In.: 16 Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Campinas, 2007. v.1. p. 1-19.

_____. O corte da Sexualidade: a emergência do dispositivo de sexualidade no Brasil. In.: 26 Reunião Brasileira de Antropologia: Desigualdade e Diversidade, 2008. **Anais Online da 26 Reunião Brasileira de Antropologia.** Brasília: ABA, 2008. v.1.

_____. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. In.: **Estudos Feministas.** Florianópolis, maio/agosto 2009.

_____.; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompéia: sexualidade e política no Brasil finissecular. In.: **Revista brasileira de ciências sociais**. Vol. 26, nº 75. fev. 2011.

NAXARA, Marcia Regina Capelari. **Estrangeiros em sua própria terra**: representações do brasileiro, 1870-1920. São Paulo: Annablume, 1998.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: O Brasil na virada do século XIX para o XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. (orgs.). **O Brasil Republicano 3: O Tempo do Liberalismo excludente: da proclamação da República à Revolução de 1930**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**: a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

PARRINI, Rodrigo. **¿Existe la masculinidad? Sobre un dispositivo de saber/poder**. México: Colégio do México, 2006. Disponível em: <http://generomexico.colmex.mx/Parrini.jsp>.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PRAZ, Mario. **A carne, a morte e o Diabo na literatura romântica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

RAGO, M. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Luiz Filipe. **Mulheres de Papel**: Um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

SABO, Donald. O Estudo Crítico das Masculinidades. In.: ADELMAN, Miriam, SILVESTRIN, Celsi Brönstrup. (Orgs.) **Gênero Plural**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Joan. El problema de la invisibilidad. In.: ESCANDÓN, Carmen Ramos (org.). **Género y Historia**. México: Universidad Antónoma Metropolitana, 1992.

_____. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. In.: **Educação & Realidade**, 2005, v. 20, n. 2, pp. 71-99.

_____. Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu (3)**, 1994.

SCHPUN, Mônica Raisa. **As várias dimensões do masculino**: traçando itinerários possíveis. São Paulo: Bomtempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004.

SE SARINO, Shirley Valera Rialto. **Construção do Masculino na Curitiba das décadas de 1940 e 1950 – Tornar-se Homem.** Dissertação (Curso de Pós Graduação em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHOWALTER, Elaine. **Anarquia sexual: sexo e cultura no fim de siècle.** Tradução: BARCELLOS, Waldéa. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SOUZA, Claudio de. *A Carne* de Julio Ribeiro. In.: **Revista da Academia Paulista de Letras.** Vol. II/7. São Paulo, set. 1939. Apud.: BULHÕES, Marcelo. *Leituras do Desejo. Erotismo no Romance Naturalista Brasileiro.* Op. Cit.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. **Carpinteiros Teatrais: Cenas cômicas e diversidade cultural no Rio de Janeiro Oitocentista: Ensaio de História Social da Cultura.** Londrina: Eduel, 2010.

STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

_____. **Gênese e Evolução da ciência brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1976.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo das Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, UNESP, 1997. Cap. 12. p. 401-442

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotíodes ou Marias: mulheres de Curitiba na primeira república.** Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

WATT, Ian. **A ascensão do Romance.** Estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção e História: Retomada de antigo diálogo.** In: *Revista Letras.* Nº. 58. Curitiba: Editora UFPR, 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. In.: **Revista Estudos Feministas,** vol.9, no.2, Florianópolis, 2001.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. In.: **Em Questão.** Porto Alegre, v. 9, n.1, jan/jul. 2003.